

Timor-Leste Tribunal de Opinião vai condenar Indonésia

«A lei internacional não se resume à lei dos Estados. Há também a lei dos Povos», afirmou ontem à noite a sul-africana Ruth First, que presidiu à sessão de abertura do Tribunal Permanente dos Povos que vai julgar o regime indonésio pelos crimes praticados em Timor, justificando a competência daquela organização.

Já hoje de manhã foram ouvidos diversos testemunhos presenciais sobre a ocupação de Timor-Leste pela Indonésia, que servirão para fundamentar a decisão de condenação da Indonésia.

Ontem, na sessão de abertura, usaram da palavra Fernando Sylvan e dois dirigentes da FRETILIN, Abílio Araújo e Mari Alkatiri, que falaram sobre a autonomia nacional e cultural do povo maubere.

Na assistência viam-se muitos observadores portugueses e estrangeiros, nomeadamente Vasco da Gama Fernandes, Fernando Piteira Santos, Xenorá Camotim, Otelio Saraiva de Carvalho, os deputados Mário Tomé, da UDP, e João Cravinho (do PS) e os conselheiros da Revolução Martins Guerreiro e Pizarat Correia. A FUP e a UDP enviaram delegações à sessão de abertura do Tribunal. Pág. 2



No Conselho de Segurança da ONU

EUA votaram pela primeira vez contra Israel

Pela primeira vez, na ONU os EUA não «deploraram» nem «lastimaram». «Condenaram» Israel pelo «raid» aventureiro contra a central nuclear iraquina de Tamuz. A condenação, no entanto, não foi acompanhada de quaisquer sanções. Tudo indica ter havido uma solução de compromisso, após morosas conversações entre a delegada americana e o ministro dos Negócios Estrangeiros do Iraque. A condenação, votada por unanimidade, inclui «o direito que assiste a todos os Estados, em particular aos países em desenvolvimento, de estabelecerem programas nucleares com fins pacíficos, de desenvolvimento económico e industrial». Evidentemente, o embaixador de Israel na ONU acusou o Conselho de Segurança desta organização internacional de «fechar os olhos» perante a «ameaça nuclear». Comentários de várias bancadas: «Parece até que os israelitas não têm centrais nucleares...» Na telefoto (UPI/ANOP/«DL») a senhora Jeanne Kirkpatrick, representante dos Estados Unidos, quando votava a condenação de Israel pela sua provocação ao Iraque. Pág. 13

Há provas de fogo posto na serra de Sintra

As autoridades policiais, nomeadamente a Secção de Fogo Posto da Polícia Judiciária, estão na posse de elementos que apontam sem qualquer dúvida para acção criminosa no incêndio que devastou uma grande parte do perímetro florestal da Serra de Sintra.

Terão sido recolhidos no local velas e outros artigos utilizados para deflagração de fogos com acção retardada, com vista a permitir que os criminosos possam estar longe no momento em que as chamas irrompam. No entanto outros elementos na

posse dos investigadores permitem admitir que, desta vez pelo menos, venham a ser identificados os autores do criminoso acto, tanto mais que elementos da GNR da área de Sintra e agentes da Polícia Judiciária se têm mantido em constante actividade e conjugados os esforços com vista a deslindar o caso.

Sabe-se também que da parte de elementos da população das áreas afectadas tem havido uma proveitosa colaboração com as autoridades policiais esperando-se a todo o momento medidas apropriadas para levar os responsáveis a comparecer em Juízo.



O julgamento do “sr. Monteiro” mobiliza a opinião pública

Uma espécie de telenovela está a desenrolar-se, às terças e sextas-feiras, no Segundo Juízo Criminal da Boa Hora: trata-se do julgamento de Jorge Monteiro, um homem que ronda os 40 anos e que é acusado, por 70 mulheres, de as ter burlado e sobre elas ter exercido chantagem com base em fotos comprometedoras. O «capi-

tão Roby», que se tornou num «caso» por ter declarado ao tribunal que mantivera relações sexuais com cerca de trinta das suas visitantes em plena prisão, é também acusado de implicação no caso dos dólares algarvios — e é veterano do ELP, do MDLP e da Codeco, organizações sobre as quais parece ter muito a dizer... Pág. 9

Um inquérito de Simon Malley em Washington

Reagan fará tudo o que puder para apoiar Savimbi e a Unita

Desde que Ronald Reagan foi eleito para a Presidência dos EUA, o seu staff multiplica esforços para conseguir a revogação da emenda Clark, que impede a CIA de «trabalhar» livremente em Angola. Por outro lado, Savimbi, líder da UNITA e seu chefe carismático, já esteve,

incógnito, em Washington. Simon Malley, director da revista Afrique Asie, esteve recentemente na capital americana conduzindo um inquérito sobre estes factos. Publicamo-lo hoje, em rigoroso exclusivo para Portugal, nas páginas centrais do Sete Ponto Sete.

Concurso “DL”/81

Ainda pode concorrer

CONTINUA A REPETIÇÃO
DOS CUPÕES DA 1.ª SÉRIE

Hoje n.ºs 12 e 13

Acusação da FRETILIN contra a Indonésia

Timor-Leste transformou-se numa ilha-prisão

«Solicito vivamente que o colonial-expansionismo do regime fascista e militar da Indonésia bem como o seu patrão, o imperialismo americano, sejam publicamente julgados pelo Tribunal Permanente dos Povos, a fim de denunciar os seus crimes cometidos contra o Povo de Timor-Leste». É nestes termos que Abílio de Araújo, membro do Comité Central da FRETILIN propôs, junto do tribunal desde ontem reunido em Lisboa, a queixa contra o regime de Suharto.

As linhas mestras da acusação promovida pela FRETILIN foram desenvolvidas pelo coordenador do tribunal, Luís Moita. Uma Comissão para os Direitos do Povo Maubere, que funcionou em Lisboa, recolheu e sistematizou os elementos que fundamentaram, tanto no plano dos factos como no plano do direito, a queixa apresentada.

Na acusação proposta contra a Indonésia, a FRETILIN começa

por relatar os acontecimentos políticos que deram origem à presente ocupação do território de Timor-Leste e depois, enuncia as bases culturais que justificam a existência de uma nacionalidade maubere, independente da Indonésia.

Afirma-se assim, que naquela antiga colónia portuguesa, não se fala, nem nunca se falou o malaio, utilizado em grande parte do arquipélago da Indonésia no período colonial e pré-colonial, sendo a língua dominante em Timor a tétum e, em segunda linha, o português.

Hoje essa língua é banida das escolas pelas autoridades indonésias, que impõem também a sua religião — «o Islão assumido e praticado na sua forma mais retrógrada» — enquanto que a maioria dos mauberes é animista e cristã. Os próprios túmulos, afirma-se na queixa da FRETILIN, foram removidos pelos soldados indonésios «na mira de extrair os objectos valiosos que

usualmente são encerrados juntamente com os mortos».

O regime de Jacarta é ainda acusado de introduzir «em Díli, cabarés e casas de prostituição numa autêntica tentativa de desequilibrar ainda mais a realidade cultural do povo maubere, já fortemente atacada pelos colonialismos português». A introdução da prostituição tinham como objectivo «apoiar» os soldados ocupantes e só foi possível porque «o regime de Jacarta organizou o envio de centenas de prostitutas de várias partes da Indonésia a Timor-Leste, bem como criou condições materiais e psicológicas em Timor-Leste... para que algumas filhas do Povo de Timor-Leste pudessem encontrar nesta forma de vida o seu sustento e o dos seus familiares».

Genocídio

A FRETILIN acusa também os indonésios de terem promovido o genocídio do povo maubere,

através da adopção das seguintes práticas: «aniquilamento da resistência popular política e armada do povo maubere sob a direcção da FRETILIN e do Governo da República Democrática de Timor-Leste» e «violência sobre as estruturas socioeconómicas da sociedade maubere, em resumo, liquidação das infra-estruturas da formação social timorense».

Para levar a cabo estes objectivos, as forças ocupantes de Timor destruíram centenas de vilas e aldeias que caracterizam o «habitat» da região e, ao mesmo tempo, com bombas incendiárias e químicas e com «napalm» destruíram as culturas das zonas controladas pela FRETILIN.

Na acusação consta também um número de mortos que atinge os duzentos mil e ainda a acusação de que foram desalojados das suas residências trezentas mil pessoas, «que vivem em autênticos campos de concentração somente comparáveis àqueles criados pelos nazis durante a II Guerra Mundial».

«Timor Leste, pátria do povo maubere, transformou-se numa ilha prisão sujeita a um terrível bloqueio militar, político e informativo», diz também a FRETILIN. «O abandono da terra ou a fuga para as zonas de guerrilha são as únicas alternativas que se colocam aos homens e mulheres que hoje vivem, sobrevivem e lutam em Timor-Leste», concluiu a FRETILIN.

Os indonésios são ainda responsabilizados por se terem apoderado de todos os recursos naturais de Timor, que depois alienaram a empresas internacionais, tendo também favorecido a emigração de indonésios para as melhores zonas de Timor. Os mauberes encontram-se impedidos de regressar a suas casas.

O imperialismo americano é também parte acusada, nomeadamente por ter fornecido a Jacarta os meios militares que permitiram a ocupação e ainda por ter destacado peritos militares e conselheiros norte-americanos «que participam directamente na agressão contra o povo de Timor-Leste».



Muitos observadores portugueses e estrangeiros assistiram ontem ao início dos debates do Tribunal Permanente dos Povos sobre os crimes praticados pelo regime indonésio em Timor Leste

Tribunal Pemanente dos Povos

Julgamento moral de atentados aos direitos fundamentais

O Tribunal Permanente dos Povos, que ontem iniciou em Lisboa os seus trabalhos, sobre a queixa apresentada pela FRETILIN contra o Governo indonésio, foi criado em 24 de Junho de 1979, em Bolonha, sob o impulso do italiano Lellio Basso. A sua principal missão é julgar os regimes e os Estados em que se verificarem violações aos direitos dos Povos e nomeadamente à Declaração Universal dos Direitos dos Povos, aprovada em 4 de Julho de 1976 em Argel por um numeroso grupo de individualidades e organizações de muitos países do Mundo.

Desde a II Guerra Mundial que se verificaram várias movimentações no sentido de criar tribunais internacionais em que fosse possível apresentar queixas contra Estados e Governos, por violação dos direitos fundamentais, aliás na sequência da actividade do Tribunal de Nuremberga que,

apoiado pelos aliados, julgou e puniu responsáveis pelo regime nazi.

Do ponto de vista institucional apenas um logrou funcionar em pleno — Tribunal europeu dos Direitos Humanos — estabelecido no âmbito do Conselho da Europa e que se destina a julgar as violações, da Convenção Europeia dos Direitos Humanos. Mas o seu âmbito é restrito, tanto do ponto de vista substancial — apenas adopta as disposições daquele diploma — como geográfico — pois está limitado aos Estados da Europa Ocidental que fazem parte do Conselho da Europa.

Tendo em conta a dificuldade de os organismos oficiais e os próprios Estados desenvolverem estruturas de tipo de tribunais internacionais, nos fins da década de 60 foi lançado, por iniciativa de Bertrand Russell e de Jean Paul Sartre, o Tribunal Russell. Baseando-se no prestígio

internacional das personalidades que o propunham e o compunham, o Tribunal julgou, em primeiro lugar os crimes de guerra dos Estados Unidos no Vietnam, que não podiam ser analisados sequer do ponto de vista da Convenção de Genebra porque... a guerra nunca fora declarada formalmente. É evidente que a actividade deste tribunal não previa a condenação penal, mas sim a sensibilização da opinião pública para as questões em debate e a condenação moral dos réus.

Um segundo Tribunal Russell reuniu para debater as violações de direitos humanos na América Latina e, anos mais tarde, um terceiro deliberou sobre violações de direitos civis na República Federal da Alemanha (para o júri deste foi convidado Otelio Saraiva de Carvalho, impedido de comparecer pelas autoridades militares em 1978).

Culminando estas activida-

des e, principalmente, os esforços da Liga Internacional dos Direitos dos Povos foi finalmente criado, também com a intenção de funcionar como Tribunal de Opinião, o Tribunal Permanente dos Povos.

Dele fazem parte personalidades de relevo da vida internacional sendo presidido actualmente pelo belga François Rigaux e incluindo pessoas como o tenente-coronel Melo Antunes, Ernesto Cardenal (da Nicarágua), Gunnar Myrdal (economista sueco, Prémio Nobel), Louis Joinet (magistrado francês), Tierno Galvan (dirigente do PSOE, advogado espanhol), Rafael Alberti (espanhol também, poeta e pintor), Sean McBride (advogado irlandês, Prémio Nobel da Paz), Gabriel Garcia Marquez (escritor colombiano), Andreas Papandreu (líder socialista grego) e Noam Chomsky (linguista americano).



Avisos aos concorrentes

Alguns dos nossos leitores têm-nos enviado as páginas do «Sempre Fixe» e não os cupões do Concurso. Ora as páginas são uma oferta do «DL» aos seus leitores para que, juntamente com a capa a cores já publicada, possam constituir o 1.º Álbum «Sempre Fixe». Por isso, leitor e concorrente: envie-nos os cupões e o boletim como se refere nas instruções (pág. 2) e guarde as páginas do Álbum «Sempre Fixe»! E não se esqueça de que o Boletim de Identificação deve ser devidamente preenchido nas duas faces, e não apenas a parte de cima. Também o selo dos CTT para devolução do talão-recibo deve ser colocado de forma visível mas não agridado ou preso com fita gomada, o que o inutiliza.

TERÇA-FEIRA, DIA 23, GREVE NACIONAL DO SECTOR TÊXTIL

O Sindicato dos Trabalhadores Têxteis da Beira Baixa exorta todos os seus associados a participarem de uma forma combativa na greve nacional do sector no dia 23 com início às 6.30 h.

- O patronato não quer negociar.
- Os trabalhadores têxteis são os mais mal pagos da indústria transformadora.
- Trabalhador têxtil luta:

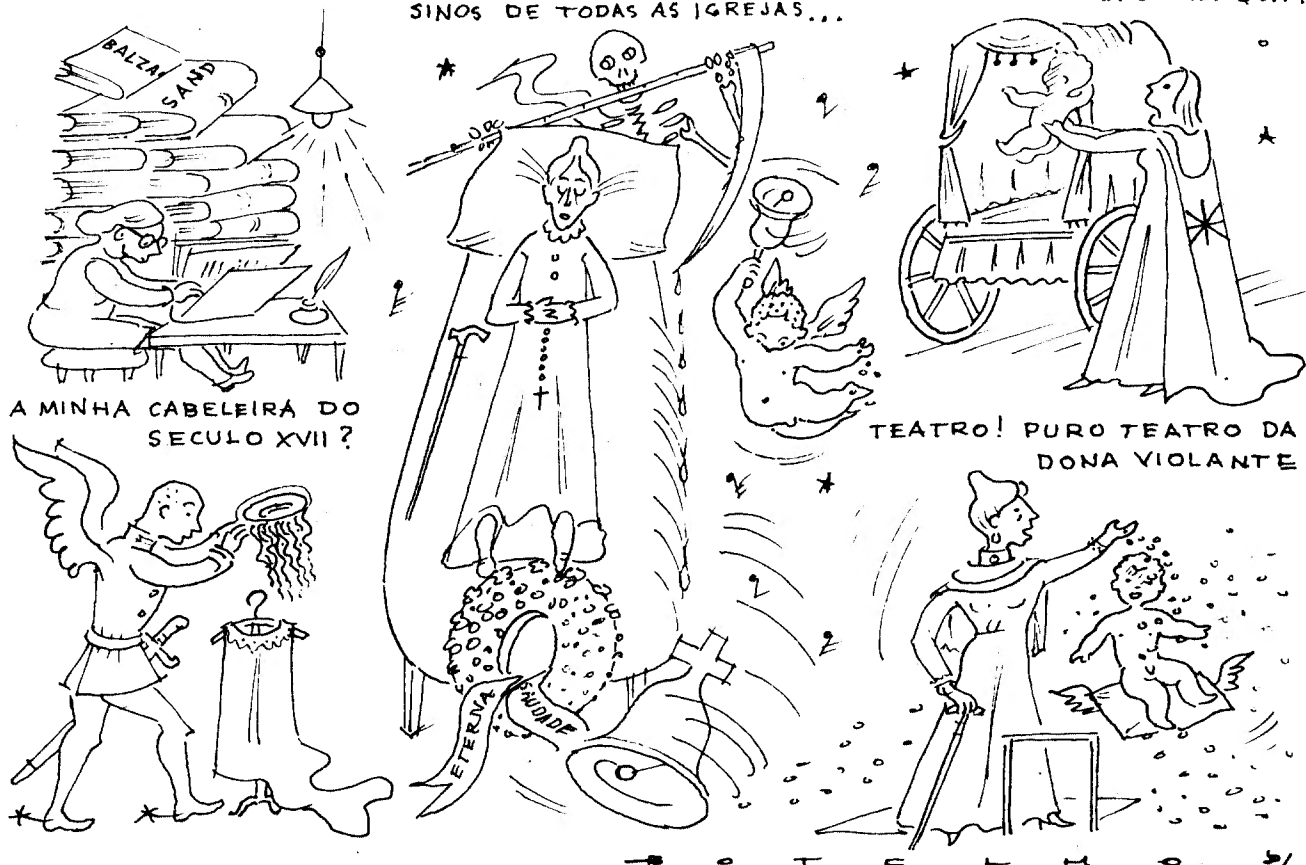
PELA IMEDIATA NEGOCIAÇÃO DO CCTUV POR SALÁRIOS QUE FAÇAM FACE AO AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

— Dia 23 greve nacional do sector têxtil.

NESTE ANO DE 1981

E DE MANHÃ A' NOITE OS
SINOS DE TODAS AS IGREJAS...

JÁ SUBIA PARA O PALAQUIM



NOVAS CARTAS DO BRASIL

Lágrimas de amor, de glória e de morte

Chianca de Garcia

INSISTE o autor, em iniciar esta «carta» usando uma leve e mera coincidência. No Brasil, leitor, é cada vez maior, neste ano de 1981, a publicação de livros de todos os tempos, e de todos os gêneros. Então, ontem, dissera-lhe uma atriz, sua amiga: — «Estou lendo, pela primeira vez, «Eugène Grandet», de Balzac. É espantoso como ele consegue contar uma história sem que o leitor perca, sequer por um segundo, o crescente desenrolar da acção. É ou não é?»

Ora, leitor, era de uma coisa assim que o autor andava à procura, nos anos 40, para reviver, num desfile, quatro séculos de história baiana de um jeito de tal modo cénico que pudesse empolgar os espectadores do começo ao fim. Queria também fugir às linhas secas de um hermetismo moderno e bastante conciso nas suas singularidades. Pois o que desejava, pelo contrário, era mostrar a pluralidade dos sentimentos humanos: — a paixão, o amor, o ódio, a fé, o desespero, as derrotas, os sonhos, as ameaças, sem esquecer o riso e as lágrimas. Tal como é, desde sempre, o acto de viver do ser humano. Também não queria sujeitar-se a obedecer aos caprichos, por vezes facciosos dos historiadores. Pretendia, isso sim, contar a realidade dolorosa do povo, pois tinha sido ele, o povo — quem, com seus brancos, negros e mulatos, lutara contra toda a forma de inimigos, vindos de todos os recantos do mundo. E desejava, acima de tudo, que os espectadores acreditassem estar escutando um remoto conto de gesta, onde eles fossem, ao mesmo tempo, antepassados de si próprios, recordando quatro séculos de história, ao longo das velhas ruas da cidade do Salvador.

E fora isso mesmo o que acreditava ter conseguido arrancar dos seus dois mil intérpretes. Viver pelos olhos. Pela expressão. Pela firmeza do andar e do gesticular, ora em momentos que se mostravam suaves e doces, ora em noites de escura inquietação, onde, até, contra a vasta natureza, tinham sido forçados a lutar. E fora com tudo isso, que, — elas e eles, — tinham conseguido dar uma verdadeira aparência de realidade, naquele desfile de três horas, onde, de um lado e do outro, se erguiam as labaredas brancas de milhares de lenços acenando...

E assim fora, na verdade sentido e compreendido pelo povo, aquele cortejo tão longamente

ensaiado. Mas, e agora? Bem. Agora, de consciência tranquila, estava contente por voltar para onde, — sim, para onde, no fim de contas, o chamava o seu destino. Não, leitor, não. Ele não queria voltar para a sua distante Lisboa, muito embora, nesse tempo (e já lá vão quarenta anos) ainda pudesse acreditar que, um dia, por certo lá apareceria, isto apenas num alegre e enganador sentimento de saudade. Não. O que ele queria era voltar para o Rio de Janeiro...

Foi então que, pela segunda vez, o autor destas «cartas» abriu a sua porta aquela Alice, de cabelos louros de olhos verdes, quando, em já distantes semanas, ali estivera, em outra manhã, para narrar como o pistoleiro Quim Caremboaba se tinha oferecido no solar de Dona Violante para matar o governador. Sim. Mas a quantas lembranças antigas Alice o estava levando a recordar? A morte de Ulisses Penafiel, assassino. Aquela noite no largo da Misericórdia, para ele cheia de evocações apocalípticas. O corpo de Quim Caremboaba, encontrado morto numa praia deserta. O solar de Dona Violante apedrejado pelo povo. A intervenção aguçada da polícia. O suicídio de Maximiliano, e tudo mais, sem esquecer, em contrapartida, que Otávio Manguera continuava andando, pelas ruas, com rissonha tranquilidade. E os últimos ensaios? E a curiosa expectativa da população? Que irá acontecer? Mais três dias de apreensões. Dois! Um! E lá estava ele, o autor, no alto da Graça, pálido e atento. Duas mil pessoas no imenso armazém de uma grande empresa, enfiavam-se, nervosamente, dentro das suas roupas de vários séculos. Onde está o meu chapéu? A minha arma? A minha cabeleira do século XVII? Por fim, um tiro de peça ao longe, anunciava a hora do cortejo se pôr em marcha. Fanfarras. Foguetes. Fulgurações. Então, escutara a seu lado a voz de Alice: — Chegou a sua hora, mestre. Está tranquilo? E colocando-lhe a mão no peito, indagava a rir: — Como vai o coração?

— Sei lá. Acho que nem tenho mais coração... Ela, envolta num longo manto colorido de linha indiana, e tendo no peito o em-

blema da Grã-Bretanha, já subia para o palanquin onde iria atravessar a cidade, levando nos braços aquele menino-jesus mulato, mas de olhos verdes e fios de ouro na cabeça, e que era, — como a população de Salvador sabia, filho do assassinado baiano, Ulisses Penafiel. E lá fomos! Elas e eles. Confiadamente...

ASSIM é a vida. Mas agora, na sala da casa onde até então o autor tinha vivido, ali estava Alice na sua frente. — Que nova história traz hoje para me contar? Ai, ela, aceitando um copo de suco de laranja, com pedras de gelo, disse, numa brusca interrogação, fitando-o de olhos muito abertos: — Sabe quem quer casar comigo? Não? Pois é o Nuno Duarte aquele bisneto de Dona Violante que, no seu cortejo, fez o papel de Castro Alves. Que me diz? — Ele quer casar com você, Alice? E Dona Violante consente?

— Ai é que está. Não, não permite de jeito nenhum. Entre outras razões, — talvez sentimentais, porque eu, embora solteira, tenho um filho mulato. E ele, o Nuno, segundo Dona Violante, é hoje o único varão da família. O único dos Albuquerque da velha Bahia. E que, por isso, não pode casar com uma branca, loura e de olhos verdes, porque, além de eu ser solteira, e não viúva, ainda tenho um filho mulato. Ora, como ela diz, se o Nuno casasse comigo, e nós viéssemos a ter filhos, nunca poderíamos sentir, em nosso lar, aquela espécie de enteado de sangue negro, vivendo de igual para igual, com os meus filhos de raça branca. Entende? Isso, para ela, seria até um sacrilégio... E dizendo isto, quer saber, Dona Violante olhava para mim com aquele risinho mordaz próprio da sua aristocracia. Está entendendo?

— Mas, Alice, como você viu, no dia do desfile, e disso até saíram fotografias nos jornais, lá está ela jogando uma mancha de pétalas de rosa sobre o rosto sorridente do seu filho...

— Teatro! Puro teatro da Dona Violante. Só que nesse dia, ela ainda não sabia que o Nuno queria casar comigo. E essa cena das pétalas ela a representou diante do governador porque ele

tinha ao lado o presidente da República. Com isso, ela quis demonstrar que, para as grandes famílias baianas, não há preconceito de cor. Desde que longe do seu próprio lar, compreende.

— Lá entender, eu entendo, Alice. Mas ela brigou com você?

— Não. A mim ela adora. O que não admite é ver-me, a mim, casada com o Nuno. Mas eu não posso ficar a vida toda solteira. — não é? E com um filho mulato. Quer saber? Para afastá-lo de mim, quer matriculá-lo numa universidade americana...

— E ele? — Ele? Só quer fugir comigo. Insiste em nos ver, a nós dois, bem longe do solar de Dona Violante, sua bisavó. Quer sumir nem que seja para os confins do mundo...

— Mas, Alice, o Nuno Duarte não tem dinheiro...

— Eu sei, mas ele está até decidido a roubar aquele colar de brilhantes que vale não sei quantos milhões de libras, e que está fechado num cofre à beira do leito de sua bisavó.

— Que é isso, Alice, Você começou por criar um problema tendo um filho mulato. E quer, agora, cometer um erro bem maior, fugindo com um ladrão?

Pôs-se de pé. Ele ergueu-se também. Então, ela, botando os braços em volta do seu pescoço começou a chorar num desabalado borbotão de lágrimas...

NÃO. Decididamente ele não era baiano. Não participava, portanto, nem dos seus problemas, nem das suas superstições. Também não tinha a proteção de nenhum dos orixás, evocados por pais e mães de santo. Mas se o êxito do desfile histórico, já começava a apagar tantas horas sentidas e sofridas, — irrompiam agora, como nas velhas fontes de Roma, aquelas lágrimas de Alice que nada iam resolver. Nem no bem, nem no mal. Decididamente ia voltar para o Rio. Lá, pelo menos, o sobrenatural dos terreiros não vai além, alegremente, de uma atracção folclórica. O Rio me chama. E nessa tarde dirigiu-se ao palácio do governo, a fim de se despedir grato e reconhecido ao dr. Otávio Manguera...

Mas, ao entrar na sua sala ouvi-o dizer numa expressão de alegria:

— Ótimo. Chegou na hora! Fique sabendo que o estou a «intimar», e não a «convidar» para ficar connosco em Salva-

Continua na pág. 4

ponto a ponto

● O Presidente da República recebeu ontem no Palácio de Belém uma delegação da UEDS que o informou dos resultados da sua última Convenção. **Lopes Cardoso** acompanhado por César Oliveira e Joel Hasse Ferreira, disse no final da audiência, ter sido analisada a situação política nacional e realçado «o contributo dos partidos para a vida democrática portuguesa». Os dirigentes da UEDS manifestaram ao Presidente Eanes a sua «preocupação face à campanha contra a Assembleia da República e as instituições democráticas ultimamente desenvolvida pela direita e extrema-direita». O encontro demorou cerca de 45 minutos.



● Cerca de 70 delegados participam no congresso da federação do PS das Ilhas Terceira, S. Jorge e Graciosa que se realiza em **Angra do Heroísmo** em 18 e 19 de Julho. A eleição dos delegados deverá processar-se entre 2 e 4 de Julho, indicou o coordenador da comissão organizadora do congresso (COC), João Lima.

● O dirigente democrata cristão Lucas Pires afirmou ontem em Vila Real de Santo António existir um acordo entre o seu partido e o PSD sobre as próximas eleições autárquicas. Lucas Pires, que falava num comício, declarou basear-se o acordo nos seguintes pontos: «se tiver de haver uma corda com o PS., em qualquer Câmara, esse acordo terá de ser firmado com a AD. Qualquer dos partidos da AD só se apresentará isolado se tiver a garantia de vitória. A AD concorrerá seguramente unida às Câmaras de Lisboa, Porto e Coimbra».



● O Presidente da República, acompanhado de sua mulher, desloca-se a **Vila do Conde**, a convite da respectiva Câmara Municipal. Cerca do meio-dia, participa numa sessão solene de boas-vindas nos Paços do Concelho, visitando de tarde a Finave-Feira Industrial Naval, posto o que assiste a um cortejo etnográfico.

O Presidente da República regressará a Lisboa ao fim da tarde.

● A perspectiva económica dos anos oitenta em Portugal foi o tema de um colóquio que o gabinete de estudos do Partido Social Democrata (PSD) promoveu ontem no Porto.

Na sessão, foi orador o eng.º Rogério Martins que elaborou, numa análise pessoal, o cenário para a indústria portuguesa na presente década.



● No prosseguimento de uma série de visitas que tem vindo a efectuar a comandos e unidades dos três ramos das Forças Armadas o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, **general Melo Egidio** esteve ontem de manhã no Comando Naval do Continente. Após um «briefing» sobre as missões e actividades operacionais daquele comando, Melo Egidio visitou a fragata comandante João Belo, tendo-lhe sido feita uma exposição, pelo respectivo comandante, das principais características do navio. O general Melo Egidio foi recebido à chegada ao Alfeite pelo **almirante Sousa Leitão**, chefe do Estado-Maior da Armada e pelo almirante Elias da Costa, comandante naval do Continente.

● O Dia da Marinha será comemorado com diversos actos evocativos que culminarão no dia 8 em Lagos com a presença do chefe do Estado-Maior da Armada.

Nesse dia, data do aniversário da partida da primeira esquadra de Vasco da Gama para a Índia, o chefe do Estado-Maior da Armada proferirá em Lagos uma alocução, procederá à entrega de condecorações e assistirá ao desfile de forças desembarcadas do grupo naval fundeado ao largo da cidade.

● **Pinto Balsemão** desloca-se ao Porto no dia 27 a fim de presidir naquela cidade às comemorações do sétimo aniversário do PSD. No Porto o aniversário do PSD é assinalado com um almoço-convívio no Palácio de Cristal a que se segue uma festa nos jardins do Palácio durante a qual Balsemão fará uma intervenção política. O sétimo aniversário do PSD ocorreu em 6 de Maio mas devido a ter sido assinalado em diferentes localidades os actos comemorativos nem sempre coincidiram com a data correcta. No caso concreto do Porto, as comemorações chegaram a estar marcadas para 13 de Junho mas foram adiadas devido à reunião, nesse mesmo dia, do conselho nacional do partido.





SINDICATO DOS QUÍMICOS DO SUL

A LUTA DOS TRABALHADORES DA CELTEX

Depois de quatro dias de greve divididos em dois períodos de 48 horas, um em 8 e 9 e outro em 15 e 16 do corrente, os patrões da empresa continuam negando-se a dialogar com os trabalhadores através dos seus representantes, sobre o caderno reivindicativo apresentado.

Porém, de entre os muitos processos indevidos que o patronato tem vindo a utilizar para iludir as realidades e fugir ao cumprimento das responsabilidades, um aconteceu que por ilegal e imoral deu origem a que neste último período de greve (dias 15 e 16) os dirigentes sindicais chegassem a falar com o patrão-mor da «Celtex» sr. Sequeira, e consequentemente viesse depois também a intervir a Inspeção do Trabalho. O caso foi que o sr. Sequeira manipulou alguns trabalhadores (2 ou 3) de outro sector que não do em greve, no sentido de se prestarem, após uma aprendizagem ligeira, a ocupar postos de trabalho essenciais para a produção e pertencentes a trabalhadores em greve, facto este que para além de ilegal, não deixa de bem traduzir o carácter de quem se propõe pô-lo em prática.

A trama foi desmontada, esperando-se agora, sobretudo se o fundamental da luta dos trabalhadores não for solucionado, que a Inspeção do Trabalho proceda de harmonia com a legislação em vigor.

Apesar de tudo, nomeadamente do que nos suscitou este ligeiro encontro com o sr. Sequeira e do demais que observámos e conversámos em St.º António das Areias, factos dignos do conhecimento público e de que oportunamente nos ocuparemos, ainda assim procurou-se encaminhar o diálogo no sentido de ali mesmo se iniciar as negociações sobre o caderno reivindicativo e assim tentar-se desbloquear a situação, quer em defesa dos interesses dos trabalhadores, quer dos da própria empresa. Mas debalde, o sr. Sequeira tem-se como pessoa «que ele é que sabe o que precisam os trabalhadores da Celtex e toda a população restante de St.º António das Areias, a quem tudo tem dado (ele e os seus ascendentes), desde a construção de casas de renda económica até uma praça de touros e uma boite. Vejam só.

Para além das péssimas condições de trabalho e de vida com que se debatem os trabalhadores da Celtex, o sr. Sequeira entende que 9 contos por mês chegam muito bem, adiantando que até devem chegar para mês e meio.

O sr. Sequeira tem-se de tal forma em St.º António das Areias como numa sua exclusiva quinta, com palácios, automóveis de alto luxo e quejandos, que não concebe e muito menos aceita, que os trabalhadores ou a população ousem ver nele que não um benemérito (tal como já o foi seu pai) a quem tudo se deve.

Um feudo, eis o que o sr. Sequeira pretende que seja, ou melhor, que continue a ser St.º António das Areias.

Daqui e do demais que certamente ter-se-á de trazer a público, como aliás já se referiu, facilmente se infere das dificuldades do sr. Sequeira para entender o Portugal de Abril, a democracia e, bem assim, o respeito pelas liberdades e direitos dos trabalhadores.

Vão os trabalhadores da Celtex, no próximo dia 19, reunir-se de novo em plenário para análise da situação e com a perspectiva de endurecer a sua justa luta, pelo que, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul, mais uma vez, chama a atenção da administração da empresa, mais concretamente do sr. Sequeira, para a gravidade da situação a que pode conduzir a sua intransigência aparte os inconvenientes a que já conduziu.

Os trabalhadores não fazem greve por fazer, e nem o Sindicato dos Químicos do Sul apoia greves que não correspondam a reivindicações justas e tidas como única forma de desbloquear de facto as dificuldades surgidas. E isto, esta verdade, são coisas que os patrões também teimam em não querer aceitar, remando ingloriamente contra a maré da história.

**P'LA DEFESA DA DEMOCRACIA, DOS DIREITOS
E GARANTIAS DOS TRABALHADORES.**

P'LAS LIBERDADES DAS POPULAÇÕES.

VIVA O 25 DE ABRIL.

A DIRECÇÃO

Assembleia Constituinte do MOVIMENTO PORTUGUÊS CONTRA O APARTEID, O RACISMO E O COLONIALISMO NA ÁFRICA ÁUSTRAL CONVOCATÓRIA

Convoca-se a Assembleia Geral Constituinte do MOVIMENTO PORTUGUÊS CONTRA O APARTEID, O RACISMO E O COLONIALISMO, NA ÁFRICA ÁUSTRAL no dia 23 DE JUNHO (terça-feira), às 21.00 na Sociedade Nacional das Belas-Artes, Rua Barata Salgueiro, 36, Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto Prévio: Informações

1. Estatutos
2. Eleição dos Corpos Gerentes
3. Vários

PELA COMISSÃO ORGANIZADORA PROVISÓRIA.

Luis de Azevedo
Gualtar Basilio
Esteves Belo
Pedro Borges
Carlos Candal
Vasco de Castro
Silas Cerqueira

Luis Metello
Daniel de Matos
Maria Armanda Passos
Cardoso Pires
Álvaro Rana
João Cunha Serra

Desde ontem a noite em Custóias Carlos Antunes em greve de fome

Carlos Antunes iniciou ontem, às zero horas, na Cadeia de Custóias, a anunciada greve da fome que, um a um, poderá levar os presos do chamado «Caso PRP» até à morte. Com efeito, e como temos vindo a noticiar, os presos do PRP predispõem-se a ir «até às últimas consequências», se não forem satisfeitas as três reivindicações formuladas: julgamento dos agentes da PJ acusados de sevícias, anulação dos julgamentos devido a «irregularidades e ilegalidades» e aplicação da Lei da Amnistia.

De acordo com uma declaração feita ontem por Isabel do Carmo, Carlos Antunes é o primeiro preso a entrar em greve «por decisão dos presos e por desejo expresso pelo próprio» e, de dez em dez dias, outro preso escolhido fará o mesmo. Isabel do Carmo referiu que a CSPA (Comissão de Solidariedade com os Presos Políticos Antifascistas) tem tido contactos com o poder político e judicial com alguns resultados positivos, mas que isso não é suficiente para suspender ou anular a decisão. «Pedimos — disse — o cumprimento da lei no que diz respeito a não admitir sevícias a presos, a cumprir acordos internacionais, a constituição sobre direitos humanos e a aplicar a Lei da Amnistia. E se isto para nós é um direito para o Poder é um dever.»

Quanto a Carlos Antunes, referindo-se aos apelos que de diversos quadrantes surgiram para que não encetassem a greve de fome (com destaque



para Ruy Luís Gomes), frisou: «Esperamos que todos quantos, por um grande espírito de fraternidade e solidariedade conosco, que profundamente nos

sensibilizou, apelaram para que não realizássemos esta forma de luta, convertam esse sentimento em luta activa, pois só assim poderemos conseguir a Vitória».

em duas palavras

«Folhetim» — CEE

O «folhetim» da integração na CEE prossegue na próxima segunda-feira, em Bruxelas, com um novo capítulo. Embora o tema — os problemas da exportação têxtil — não seja original, um novo actor, a França, parece querer complicar ainda mais o já imprevisível desenlace final. Em resumo: a França, que absorve uma percentagem cada vez maior das nossas exportações têxteis (21 por cento em 1980, contra 15 em 1979) não aceita que os tecidos portugueses possam circular livremente na CEE, logo após a entrada de Lisboa na CEE, exigindo um período de transição de três a quatro anos. A questão discute-se, segunda-feira, no Luxemburgo.

As palavras de Balsemão

Junto do velho parlamento alemão, Reichstag, situado na parte ocidental de Berlim, o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão disse, na sua recente visita, à RFA, que aquela cidade era «uma vanguarda dos valores políticos e espirituais do Ocidente». O jornal conservador «Die Welt» apreciou sobremaneira as palavras do chefe do actual Governo português, e elegeu-as para citação do dia na sua edição de ontem, acompanhando-as de uma foto de Balsemão. Este ainda acrescentou, ter co-

nhecido, nas escassas horas de visita «a liberdade, a perseverança e a esperança desta cidade».

Equipamento e NATO

O secretário de Estado da Defesa, Anacoreta Correia, vai participar em Oslo, a partir de segunda-feira, numa reunião do «grupo» independente de planeamento europeu, integrado no Eurogrupo.

O tema da agenda respeita a programas de equipamento militar. Anacoreta, que será acompanhado de uma delegação que inclui militares, estará depois, a 25 e 26 de Junho, em Bruxelas, para assistir a reuniões sobre a problemática da estrutura civil da Nato, com vista — diz-se — à sua implementação em Portugal.

A maior...

A comissão política da JSD do Porto publicou ontem um comunicado de apoio «ao Governo, ao Primeiro-Ministro e à AD». Há que dar «maior publicidade aos factos políticos do Governo» — aconselhou aquela estrutura da JSD, que aproveitou, ainda, a oportunidade para lamentar o desinteresse da imprensa pelas suas actividades, pois é — lê-se no comunicado — «a maior organização da juventude portuguesa com responsabilidade nos meios socioprofissionais e estudantis do país».

Novas cartas do Brasil

Continuação da pág. 3

dor. Sim, meu caro, você vai repetir, nesta cidade, num palco, tudo aquilo que fez parte do desfile dos «Quatro Séculos». Vamos! Ponha aqui a sua assinatura! Sim, aí mesmo! Ótimo! Está contratado. Instale-se no enorme auditório do Instituto Normal, e mãos à obra.

E foi assim que o autor mergulhou nessa nova aventura. Chamou, de novo, os melhores companheiros do seu grupo, passando assim as duas primeiras semanas de trabalho. Foi então que veio a saber que Nuno Duarte

tinha abandonado o solar de Dona Violante, levando com ele, a loura Alice, filha do fabricante de charutos Mac Donald. Dona Violante ficara sozinha com as duas netas orfãs do falecido Maximiliano. Ouviu então, o autor, dizer que ela estava muito doente. Foi visitá-la. Recebeu-o com inesperada mas contida simpatia. As lágrimas, às vezes, brilhavam-lhe nos olhos cansados. Já não era mais a Dona Violante autoritária de sempre. Mas quando ele se levantou para se despedir, então, tirou de uma pasta de marroquim que tinha sobre a mesa, uma fotografia de Alice e Nuno, tal como ambos

tinham desfilado pelas ruas da cidade. E então, disse entre dois soluços:

— Guarde-a. É sua. Esses dois não os verá, por certo, no seu novo espectáculo. Mas obrigado pela sua visita... Vá embora, vá!

Três dias depois toda a Bahia ficou sabendo que deixara este mundo Dona Violante de Albuquerque, a derradeira representante dos mais antigos nomes de Salvador. E, de manhã à noite os sinos de todas as igrejas da cidade não cessaram de repetir um longo «dingue, dingue, dongue», como um eterno preito de saudade baiana a um tempo que não voltaria nunca mais.

No encontro de ontem em Belém

Soares falou com Eanes sobre poderes presidenciais à luz da revisão constitucional

Ramalho Eanes recebeu ontem em Belém, o dirigente do PS, Mário Soares, que classificou este encontro entre o «representante da maior facção da oposição» e o Chefe de Estado como «uma responsabilidade perante a democracia».

Soares disse, no final, aos jornalistas estarem normalizadas as suas relações com Eanes e considerou ainda esta audiência (duas horas) como um «encontro normal e institucional entre o secretário-geral reeleito do PS e o PR eleito de todos os portugueses».

Referiu também que a audiência se enquadra noutras a manter com diferentes órgãos de soberania, nomeadamente o presidente da AR, o CEMGFA. Antes, Soares avistara-se com Pinto Balsemão.

Recusando-se a falar do contencioso passado com Eanes, Soares disse que o encontro «decorreu da melhor

maneira e com a maior cordialidade» e que «continua a haver uma larga margem de acordo com o Presidente como sempre existiu, na defesa das instituições democráticas», em que os socialistas «estão empenhados com todas as suas forças».

Embora frisando que a sede própria de discussão de certos problemas é a AR, o líder do PS admitiu ter abordado, ainda que «pela rama», com o Presidente questões como os poderes presidenciais face à próxima revisão constitucional.

No âmbito internacional foram analisadas as eleições francesas e a possibilidade de uma vitória socialista na Grécia e na Suécia.

Mário Soares informou ainda Ramalho Eanes da sua próxima viagem à América Central (São Domingos e Panamá) e da ida a Bona, à reunião da Internacional Socialista.

Congressos distritais motivam digressão pelo Norte

O secretário-geral do PS visita, amanhã e segunda-feira, sete localidades do Norte do País. Soares, que é acompanhado por Tito de Morais, Cal Brandão e Fernando Medeiros, visita sucessivamente Viana do Castelo, Caminha, Chão do Porto, Braga e Porto (no primeiro dia), e Matosinhos e Vila do Conde, no segundo.

Em vésperas dos Congressos distritais (que se realizam nos dias 18 e 19 de Julho) Soares inicia, assim, nova digressão pelo País para reuniões com militantes.

Entretanto, Jaime Gama, da Comissão Permanente, deslocou-se amanhã a Beja onde fará uma intervenção política de fundo no parque de campismo local, juntamente com Luís Nunes de Almeida e Vítor Hugo Sequeira, sindicalista da UGT.

Desde ontem em Lisboa

Mota Amaral veio preparar visita de Balsemão aos Açores

• satisfeito com regresso de Mota Pinto

Mota Amaral explicou, ontem em S. Bento, que as conversações que manteve em Lisboa com Pinto Balsemão, incidiram basicamente sobre os preparativos da próxima visita do Primeiro-Ministro à Região autónoma dos Açores.

O chefe do executivo açoriano admitiu, entretanto, que a sua presença em Lisboa podia ser interpretada como uma continuada manifestação de apoio ao Primeiro-Ministro e presidente do PSD, na sequência das resoluções traçadas pelo último Conselho Nacional daquele partido.

Mota Amaral disse ter debatido com Pinto Balsemão questões inerentes à região autónoma e de política nacional, salientando entre elas a próxima adesão de Portugal à CEE.

«Tratámos de assuntos de Estado», disse, especificando que a consolidação da autonomia regional, enquanto experiência

que tm vindo a realizar-se é um problema de importância nacional.

Comentou depois que a «minicrise» ocorrida no seio do PSD não teve quaisquer repercussões nos Açores, sublinhando que o partido já enfrentou problemas «muito mais graves» que foram superados e recordou que a moção final aprovada no Conselho Nacional só recebeu «um único voto contra».

Mota Amaral disse que os responsáveis sociais-democratas estão firmes na defesa das linhas políticas nacionais e partidárias e saudou o regresso ao partido de Mota Pinto, lembrando que o primeiro ministro do IV Governo Constitucional fora líder parlamentar do PSD na Assembleia Constituinte.

Armas nucleares nos Açores são desnecessárias

A propósito das negociações

sobre a presença norte-americana na base das Lajes, afirmou que o «alargamento das facilidades» tem sido questão conduzida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, «em franco diálogo» com o seu Governo, esperando que em breve estas registem progressos.

Sublinhou, por outro lado, que nos Açores não existem armas nucleares nem lhe parece necessário, sob o ponto de vista da segurança do Ocidente, que venham a existir.

O chefe do Governo açoriano disse também esperar que a próxima revisão constitucional amplie as faculdades legislativas das regiões autónomas, campo onde julga necessário existir um claro poder de decisão local. A visita de Balsemão aos Açores está prevista para a primeira quinzena de Julho.

Ministro da Habitação no Porto:

Construção de carácter social deve bastar-se a si própria

O ministro da Habitação e Obras Públicas, afirmou ontem no Porto que 50 a 60 por cento das carências habitacionais da população do País se concentram nas áreas do Grande Porto e da Grande Lisboa.

Luís Barbosa acrescentou que o seu ministério «está a criar condições para que a construção imobiliária de carácter social possa desenvolver-se e bastar-se a si própria, embora com apoio das autarquias locais e da administração central».

O ministro Luís Barbosa iniciou no Porto e Vila Nova de Gaia uma visita de dois dias ao Norte, para estabelecer contactos e tomar conhecimento directo de problemas locais nos sectores de vias de comunicação e de habitação.

Esta visita iniciou-se no nó provisório da auto-estrada do Norte, seguindo-se uma deslocação ao local de construção da estrada Granja-Espinho.

Luís Barbosa teve depois uma

reunião de trabalho, na Câmara Municipal de Gaia, com os presidentes deste município e do Porto, o governador civil do distrito e técnicos do seu gabinete e da Junta Autónoma das Estradas.

A construção e localização da nova ponte sobre o Douro foram

também tema desta reunião de trabalho.

O presidente da Câmara de Gaia, Hermenegildo Tavares, disse, a propósito, que há projectos camarários de urbanização à espera de uma decisão definitiva acerca da localização da futura ponte.

EXTERNATOS

Alvares Cabral
Av. Grao Vasco, 1
Tel. 70 63 74/5
(Bentica)

Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
Tel. 83 46 58 - 83 14 16
(Ao Chile)

S. Vicente
R. Edith Cavell, 8
Tel. 84 88 64/5
(Ao Chile)

PREPARATÓRIO • UNIFICADO
ABERTAS INSCRIÇÕES P/ 1981/82

DIURNO - NOCTURNO

comunicação social

Anop vai ter outro correspondente em Bissau

A ANOP vai ter dentro de algumas semanas novo correspondente na Guiné-Bissau, segundo a própria agência, citando como fonte o seu director de Informação, o jornalista José Manuel Barroso.

Barroso esteve recentemente em Bissau, de visita, a convite das autoridades daquele país, e, durante a visita, assinou um acordo de cooperação com a ANG, Agência Noticiosa da Guiné.

Nos termos do acordado, a cooperação prevê o intercâmbio de notícias e fotografias entre as duas agências, a instalação

duma linha telefónica directa entre Lisboa e Bissau, e a ANOP compromete-se a receber como estagiários na sua sede ou em delegações, jornalistas da Guiné, enviando também a Bissau profissionais (jornalistas e técnicos) com o encargo de orientar seminários de formação ou reciclagem.

Para o biénio 81/82, a ANOP deverá desde já prestar apoio à ANG, com vista ao desenvolvimento das suas estruturas técnicas e redactoriais, e enviará a Bissau uma missão técnica para fazer um levantamento amplo das necessidades da ANG no

campo da criação duma rede de telecomunicações, além da realização de seminários destinados a jornalistas de diferentes órgãos de comunicação social, recebendo em Lisboa quadros superiores para fins de estudo e informação. O apoio da ANOP alarga-se à generalidade dos domínios da informação pública.

Actualmente a ANOP não tem correspondente em Bissau. Ti-Nha, Leston Bandeira, foi expulso pelas autoridades da Guiné. Bandeira fora substituído pelo jornalista Xavier de Figueiredo, depois que este deixou a delegação onde esteve largos anos.

Unesco: ajuda ao Terceiro Mundo no campo da informação

O Conselho Intergovernamental da UNESCO encarregado de organizar a ajuda ao Terceiro Mundo em matéria de comunicação não conseguiu instituir um sistema que permita financiar esta ajuda, soube-se ontem em Paris.

Contudo o Conselho pôs-se de acordo, ontem à noite, sobre uma série de disposições que podem permitir, durante uma

próxima conferência, estabelecer um tal sistema.

Um texto apresentado pelos 77 Estados não-alinhados e adoptado depois de ligeiras modificações, por consenso, convidou o director-geral da UNESCO a lançar um apelo a todos os Estados membros e às organizações internacionais das Nações Unidas afim de que contribuam rapidamente para esta

ajuda internacional.

O texto dá, em relativa medida, satisfação aos Estados do Terceiro Mundo cujo projecto de criação de um fundo internacional é objecto de reservas por parte das potências ocidentais, algumas opõem-se totalmente.

Os trabalhos do Conselho, iniciados a 15 de Junho na sede da UNESCO, devem ser concluídos na segunda feira próxima

Director adjunto do "DP" absolvido em tribunal

O jornalista Botelho da Silva, director adjunto do «Diário Popular», foi ontem absolvido, num tribunal de Lisboa, de crime de abuso de liberdade de Imprensa.

O processo tinha por base uma notícia publicada naquele

vespertino em 15 de Março de 1980 com o título «Cidadão espancado por agentes da Judiciária».

A PJ activou então os mecanismos judiciais para a instauração do processo, aparecendo

como autor o Ministério Público.

Na sessão de que Botelho da Silva saíra absolvido, ontem, o juiz considerou a «ausência de intenção de difamar ou injuriar a Judiciária», julgando «improcedente e não provada a acusação».



Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul

SEDE - BARREIRO - Rua do Largo da Quinta Grande, 11
Telef. 2077545/46 e 2077817/32

ARTIGO 53.º dos Estatutos

A Assembleia de Delegados é composta por todos os Delegados Sindicais filiados do Sindicato.

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Delegados Sindicais deste Sindicato, para uma Assembleia de Delegados, a realizar no próximo dia 23 do corrente, pelas 14.30 horas, no Sindicato dos Ferroviários, em Barreiro, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Análise da situação social;
- 2 — Contratação Colectiva;
- 3 — Eleição do Conselho Fiscalizador.

Barreiro, em 16 de Junho de 1981

PEL'A COMISSÃO DIRECTIVA PROVISÓRIA

a) Ilegível

NOTA: É importante a tua presença, comparece, participa.

"Terrorista" italiano: preso em Lisboa à má fila defronta silêncio policial

Roberto Martelli, arquitecto italiano preso em 27 de Março em Lisboa sob a acusação de ser "um terrorista altamente perigoso", não teve qualquer actividade política em Portugal, garantem pessoas que o conheceram.

Martelli, de 31 anos, vivia em Portugal desde Fevereiro de 1980 com o nome de Fabrizio Passarella. Durante esse tempo, fez algumas traduções e trabalhou como pintor de paredes.

As pessoas que com ele conviveram conheciam-no apenas por "Gianni" e ignoravam os seus antecedentes políticos. «A cena política parecia, aliás, interessá-lo pouco» — contou um dos seus amigos. «Em relação à Itália» — referiu um outro — «ele mostrava-se até bastante crítico sobre a luta armada e o chamado

terrorismo».

Por isso, foi com surpresa que os amigos de Roberto Martelli leram, no dia 28 de Março, nos jornais, a informação policial que acompanhava a notícia da sua prisão: «terrorista altamente perigoso», «dirigente das unidades combatentes comunistas», «acusado de diversos roubos e tentativa de sequestro de um deputado».

A detenção de Martelli, provocada por dois agentes da polícia italiana que se deslocaram expressamente a Lisboa, ocorreu poucos dias antes da Assembleia da República se pronunciar sobre a «convenção europeia para a Repressão do Terrorismo» e há quem associe os dois factos.

Para os advogados contrata-

dos pela família de Martelli, este deve em primeiro lugar ser julgado pelos crimes cometidos em território português, como o é de falsificação de passaporte.

A defesa, entregue a Agostinho Pereira de Miranda e Miguel Sousa Tavares, alega, por outro lado, que as acusações feitas a Martelli não se dirigem especificamente a ele, mas a um conjunto de pessoas apontadas como membros das «Unidades Combatentes Comunistas», um dos muitos grupos que aparecem, nos anos 70, em Itália, defendendo a «luta armada pelo comunismo».

A prisão

Roberto Martelli, que se encontra actualmente no estabelecimento prisional de Lisboa (antiga Penitenciária) foi preso

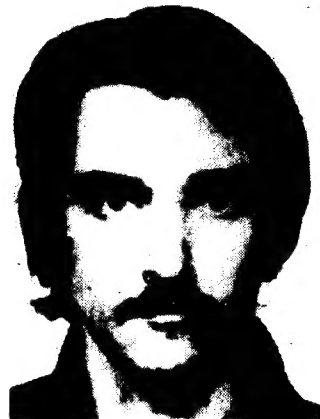
no dia 27, à noite, num hotel da zona do Saldanha.

As autoridades portuguesas já tinham recebido, via Interpol, um mandado de captura contra ele, mas quem provocou a sua detenção foram dois agentes da polícia italiana que em Maio actuaram em Lisboa.

Segundo o próprio Roberto Martelli contou ao pai, as autoridades italianas souberam que ele estava em Lisboa através de um tal Marcello, preso algumas semanas antes em Roma.

Este «terrorista arrependido», como se diz em Itália, indicou além disso, uma série de nomes, entre os quais Salvatore, que estivera em Lisboa com Roberto e deveria voltar no princípio deste Verão.

Em casa de Salvatore, que tal



como Marcello era íntimo de Martelli, a polícia teria, disse a mesma fonte, encontrado uma agenda com a morada de uma amiga de Martelli em Lisboa.

Dois agentes da polícia italiana vieram então a Portugal e telefonaram à referida amiga dizendo, ser amigos de Roberto e Salvatore.

Como Roberto não estava nessa casa, a amiga deu-lhes o número de telefone de uma outra pessoa. Roberto também não se encontrava nesta segunda casa, mas a pessoa que atendeu o telefone garantiu que, quando o visse, lhe transmitiria o recado, ou seja, ir encontrar-se com eles num determinado hotel de Lisboa.

No dia 27 de Maio, à noite, Roberto Martelli foi ao referido hotel e, enquanto esperava que os «amigos» descessem do quarto, dois agentes da Polícia Judiciária deram-lhe voz de prisão.

Mãos nos bolsos

Martelli não tirou logo as mãos dos bolsos por recear que as polícias, com a pistola engatilhada, disparassem à queima-roupa: pediu primeiro que tirassem os dedos do gatilho e só depois é que levantou os braços.

Roberto contou ao pai que isso foi mal interpretado pelos polícias, que, a seguir, lhe deram alguns socos na cara.

De acordo com o pai de Martelli, um polícia italiano propôs directamente que Roberto revelasse tudo o que sabia sobre as «Unidades Combatentes Comunistas», pois, desse modo, a sua condenação seria aligeirada, de acordo com a legislação daquele país.

O perdão das autoridades, tem, no entanto, o seu reverso: a vingança dos que não se arrependem. É que, nalguns casos, não poupam sequer os familiares dos «arrependidos».

Roberto Martelli, recusou-se, porém, a fazer quaisquer declarações, alegando, além disso, que os polícias italianos não tinham o direito de o interrogar em território português.

Com efeito, o principal papel, neste caso, só pode agora ser desempenhado pelas autoridades portuguesas, e em particular pelos tribunais, já que o próprio Governo não tem competência para autorizar por simples via administrativa, a extradição.

Terrorismo? Uma safa do Estado...

O rapto e assassinio de Aldo Moro, tal como outros «actos terroristas» na Itália dos últimos anos, são teleguiados ou directamente executados pelos serviços secretos italianos com a cumplicidade dos governantes?

A tese — que não é bem uma tese mas uma interrogação — é defendida pelo ensaísta transalpino Gianfranco Sanguinetti num livro recentemente publicado em Itália e agora traduzido em português.

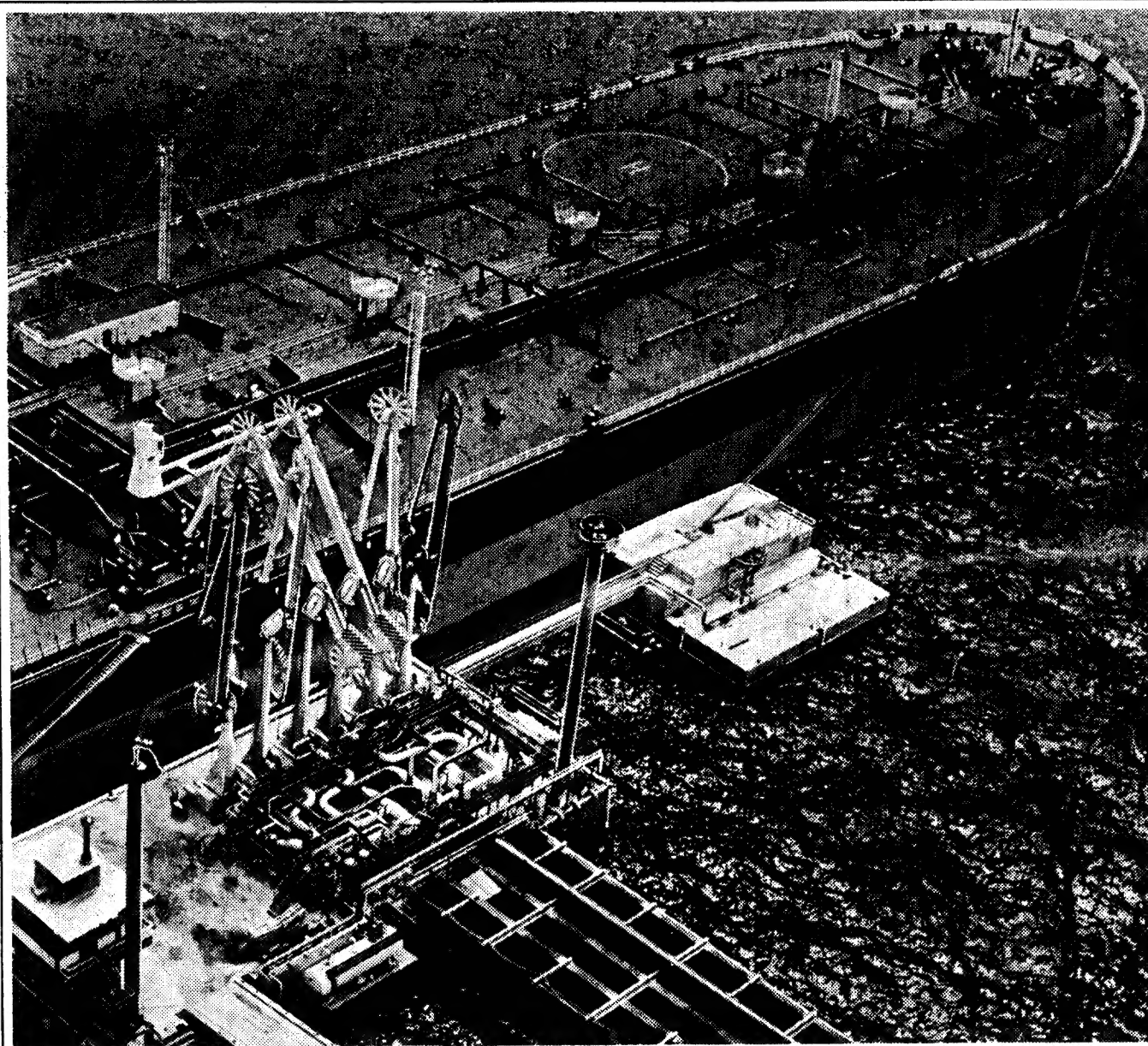
Nesta obra de análise estratégica dos confrontos sociais em Itália, Sanguinetti afirma que os serviços secretos italianos «sempre dirigiram e animaram o terrorismo no cumprimento de ordens recebidas».

Em sua opinião, os militantes das Brigadas Vermelhas ou de outros grupos armados que têm sido presos e condenados «são sempre, e sem margem para dúvidas, os menos implicados».

Considera, em tese, que o Estado italiano, a braços com uma economia extremamente débil, um aparelho corrupto e obrigado a conter o proletariado mais agressivo da Europa, fomenta o terrorismo por duas razões de fundo: esconder os problemas reais do país e criar a ilusão de que o povo precisa dos governantes para «enfrentar com vigor a árdua tarefa da defesa comum contra um inimigo obscuro, misterioso, perverso e impiedoso».

Neste contexto, entende que por exemplo Aldo Moro — artífice do compromisso histórico entre a democracia-cristã e o Partido Comunista — foi liquidado às ordens da facção da classe dominante em desacordo com a sua política de abertura.

«Na verdade» — escreve — «os raptos de Moro acusavam-no de não servir satisfatoriamente os interesses da burguesia».



Claro que Sines podia continuar apenas uma praia.

Claro que Portugal podia continuar apenas Guimarães.

Só que, no extenso litoral português, uma zona houve conquistada aos tempos pelo projecto de tempos melhores.

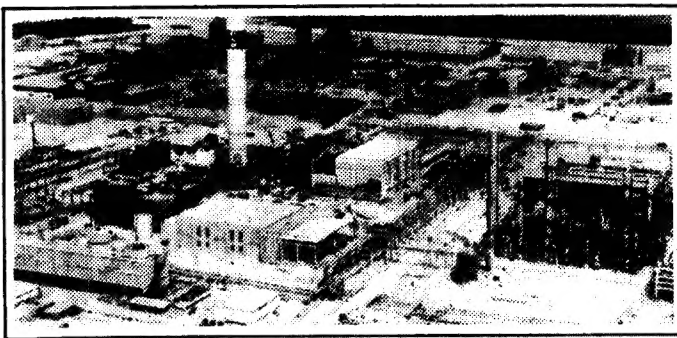
Sines.

Um porto e uma zona industrial. Infraestruturas garantidas para grandes e médias empresas. Qualidade de Vida preservada, assegurando o controle de poluição e visando, inclusive, a melhoria ambiental.

Claro que a vida é sempre uma luta pelo melhor.

Claro que Progresso é sempre ter saudades do Futuro.

saudades do futuro



G.A.S. - GABINETE DA ÁREA DE SINES

O golpe dos Fifis

A publicação das 65 primeiras «páginas do SEMPRE FIXE», ficou ontem concluída. Cobriam o período do «28 de Maio» ao «Golpe dos Fifis». Dois acontecimentos de consequências diferentes na implantação da chamada «Ditadura Militar» que precedeu o «Estado Novo». Quem se recordará, dos nossos leitores, do «Golpe dos Fifis»? O que foi esse «golpe» liderado pelo professor Fidelino de Figueiredo e pelo comandante Filomeno da Câmara? O que se passou no Palácio das Necessidades na madrugada do dia 12 de Agosto de 1927?

O «Diário de Lisboa», na sua edição do dia 11 de Agosto de 1927, dava a notícia da nomeação do tenente-coronel Passos e Sousa para o cargo de vice-presidente do Governo. Alameda, no seu traço inconfundível, retratou o vencedor do «Golpe dos Fifis». Numa próxima



edição reproduziremos a reportagem que o «DL» publicou sobre o acontecimento.

O decreto é de Sá Carneiro

Milhares de reformados prejudicados por uma aberração jurídica

Milhares de trabalhadores reformados depois de um de Dezembro de 1979 recebem pensões muito inferiores às que auferidas por colegas seus que se reformaram antes dessa data e que, em princípio, deveriam ter direito ao mesmo quantitativo, ou, até, a um quantitativo inferior.

A causa dessa situação, que não é única, deve-se apenas ao facto de alguns decretos que fixam os aumentos das pensões afirmarem que «as pensões iniciadas antes de (tal data) são actualizadas nos termos que se seguem».

A interpretação textual de se leva a que as pensões concedidas posteriormente à tal data não sejam beneficiadas pelo aumento determinado para as iniciadas antes, criando-se assim uma situação aberrante e altamente atentatória do princípio fundamental da igualdade dos beneficiários perante a lei.

O carácter aberrante da situação a que nos referimos fica claramente demonstrado se a exemplificarmos com o caso de um nosso leitor, reformado da EPAC (Empresa Pública de Abastecimento de Cereais), que recebe menos 2500\$00 por mês que os seus colegas de trabalho que, legalmente, teriam direito à mesma pensão (e nalguns casos até a menos), mas que, por uma razão ou por outra, se reformaram um dia mais cedo.

Contactado o gabinete do Secretário de Estado da Segurança Social foi-nos dito nada saber sobre o assunto. Na Caixa Nacional de Pensões, um responsável pelos seus serviços, informativos confirmou-nos a autenticidade da situação acima descrita, reconhecendo a sua injustiça, mas adiantando que se trata de «difículdades clássicas de natureza jurídica para as quais não existe solução técnica».

O mesmo funcionário adiantou-nos que casos desses se verificam sempre que há uma actualização de pensões e que o número de pessoas lesadas é difícil de determinar. Sabemos contudo que a actualização de 1979 a que nos referimos prejudica muitos milhares de pessoas que durante toda a sua vida ficaram a receber pensões bastante inferiores à dos seus colegas reformados antes de um de Dezembro.

Na Caixa Nacional de Pen-

sões disseram-nos igualmente que muitos pensionistas reclamam diariamente contra situações desse tipo e que a única coisa que lhes podem aconselhar é que dirijam exposições ao ministro dos Assuntos Sociais.

Entretanto, o «DL» ouviu responsáveis do MURPI (Movimento Unitário dos Reformados Pensionistas e Idosos) que nos declararam ter já por mais de uma vez denunciado situações desse tipo. Um jurista do gabinete de estudos da CGTP, afirmou-nos, por seu lado, que diversos sindicatos já tinham em tempos levantado esta questão, defendendo que deveriam ser publicados, em cada caso de actualização de pensões, diplomas regulamentares que repusessem os princípios do direito e que estipulassem a actualização das pensões concedidas entre a data até à qual o decreto tem efeitos, e aquela em que os aumentos salariais entretanto verificados absorvem a actualização decretada, de modo a que não fossem possíveis situações em que se viola o princípio da segurança social relativo à igualdade de tratamento dos beneficiários.

Para o referido jurista, situações como a criada pelo Decreto-Lei 139 de 20 de Maio de 1980, assinado por Francisco Sá Carneiro, constituem verdadeiras «distorções da lei por via legal» e, para lá de contrárias aos princípios básicos da segurança social, são de natureza in-

constitucional por contrariarem regras fundamentais como a da igualdade dos cidadãos perante a lei.

Para mais completa elucidação do leitor, adiante-se que o decreto que origina a situação concreta a que nos referimos (mas que não é única dado que outros tem criado a mesma situação ao determinarem outras actualizações de pensões), diz no seu artigo segundo que «as pensões de invalidez e velhice iniciadas antes de 1 de Dezembro de 1979 são actualizadas nos termos seguintes: «A sua alínea a) determina o aumento das pensões de 3600\$00, a alínea b) o aumento das pensões entre 3600\$00 e 4050\$00, e, a alínea c), estipula que «as pensões regulamentares de montante igual ou superior a 4050\$00 são aumentadas de 21 por cento sobre o seu valor, com um limite máximo mensal de 2500\$00».

Nenhum dos artigos seguintes regulamenta o tratamento a dar às pensões concedidas depois de um de Dezembro. Do mesmo modo, nenhum diploma interpretativo posterior desfaz as dúvidas deixadas pelo decreto em causa em relação à actualização destas pensões.

A consequência desta evidente falta de perspicácia ou de sentido da justiça social demonstrada pelo legislador, traduz-se na interpretação à letra do texto da lei, feita pelos serviços da Caixa Nacional de Pensões, e pela criação subseqüente das situações que, mesmo esse organismo qualifica de injustas.

Importa também salientar que o fosso que, neste caso, fica a separar o reformado em um de Dezembro e o reformado em dois de Dezembro, e que pode ir até 2500\$00 mensais, manter-se-á toda a vida, já que as actualizações posteriores atingirão igualmente os dois casos.

Para ser mais exacto diga-se igualmente que, dado o modo de

cálculo das pensões, os trabalhadores que se reformam alguns meses depois vão vendo atenuada a diferença da sua pensão em relação aos reformados de antes de 1 de Dezembro 79. A partir de certa altura, dados os aumentos salariais que entretanto se tenham verificado, e dada a variação de outros elementos que intervêm no cálculo, a referida diferença acabará por já não se manifestar em relação aqueles que então se reformam. Contudo, milhares e milhares de pensionistas ficaram entretanto, e para sempre, prejudicados.

O Governo Pintasilgo encontrou a «solução técnica»

Não podemos afirmar se há outros casos ou não na legislação portuguesa em que a solução destes problemas foi encontrada. O que podemos contudo dizer é que para lá da hipótese dos diplomas interpretativos adiantada pelo jurista que atrás citamos, pelo menos durante o Governo de Maria de Lurdes Pintasilgo, foi encontrada a «solução técnica» para este tipo de dificuldades jurídicas resultantes da actualização de pensões. Com efeito, ao contrário do que nos disse o informador da Caixa Nacional de Pensões, parece ser extremamente simples resolver essas dificuldades.

O Decreto-Lei n.º 513-M/79 de 26 de Dezembro de 79, assinado por Lurdes Pintasilgo e Sousa Franco, prevê no seu artigo quarto a actualização de alguns tipos de pensões iniciadas antes de 1 de Janeiro de 1979. O artigo quinto do mesmo decreto esclarece todavia que «as pensões de invalidez e velhice iniciadas a partir de um de Janeiro de 1979 serão fixadas em valores tais que nunca possam ficar prejudicadas em relação às iniciadas antes dessa data».

A BARCA SEM OS CORVOS

“Sayago destruída!”

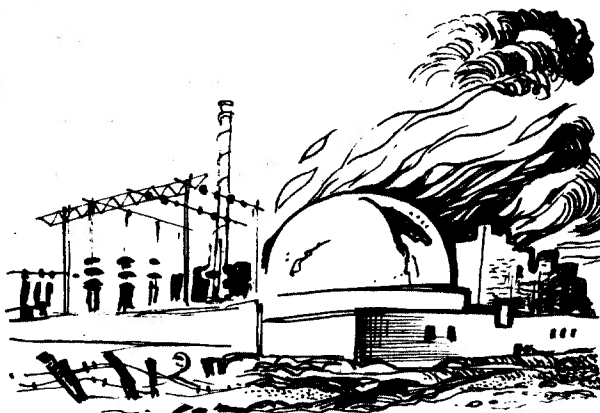
Bem, destruída, ainda não. Mas pelo caminho que as coisas levam, não tarda muito. Repare-se: o alm. Pinheiro de Azevedo acha que os espanhóis, palavras não entendem, só entendem a força; os ecologistas acham que Sayago é um horror que deve ser eliminado; os israelitas, numa situação em que também não gostam de certa central no Iraque vão-se a ela e fazem-na em pomada com bombardeamentos...

Ponha-se tudo isto junto e tirem-se as consequências. Vá, tirem as consequências, leitores! Eu cá já as tirei, e por isso, para ajudar a Redacção do «DL» vou já redigindo a notícia para adiantar serviço.

“Sayago destruída!”

Esta semana, um comando formado por ecologistas, nacionalistas, sócios efectivos e correspondentes da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, cantores de baladas de protesto, anarcas, grupos de rock «new-português da pesada», e um representante da Comissão de Planeamento da Região Norte com direito a voto, atacou a central atómica de Sayago, em pleno território espanhol. A horrível central (que além do mais era construída «à espanhola», isto é, aldrabada e assucata) não voltará a ameaçar poluir e aquecer a água do Douro.

Um nosso repórter pôde estar presente na fulgurante acção (disfarçando-se de cultivador de energias doces ou renováveis).



Foi uma acção extremamente bem planeada e violenta – nos alvares da madrugada, era impressionante a determinação vinhada nos rostos daqueles homens e mulheres que se preparavam para a feroz acção de que tanto e tanto iria depender. Ali se ultimavam os cartazes, se afinavam os instrumentos, se preparavam os mortíferos discursos. Depois o silêncio tenso da viagem no escuro até Sayago, no comboio de viaturas não poluentes; cada um pensando nos entes queridos que ficavam para trás, mães, filhos, professores, assistentes, bolséis da Gulbenkian...

O ataque começou, por vagas: a primeira onda, comandada por P. de Azevedo, chegou junto aos portões e ao arame farpado, e começou a dizer ali umas coisas fortes, ali à preta, umas coisas de tal maneira fortes que obrigaram os espanhóis a abrir as portas por onde entraram de roldão os comandos da segunda onda, ecologistas. A situação pareceu confusa durante algum tempo; diz-se que Luís Coimbra, falando de energias renováveis num comunitarismo monárquico pós-industrial rebeu com as últimas defesas e os guardas do reactor fugiram em pânico. Nessa altura, explorando o sucesso, a brigada de demolição deu o golpe de misericórdia – a acção conjugada dos UHF, Taxis, GNRs, etc. num concerto «improvisado» abateu os blocos da pilha nuclear, os breeders e os controlos de arrefecimento. Nada ficou em pé. O repórter viu um filtro de trítium de 10t. ser pulverizado a trinta metros por um único acorde dos «Arte e Ofício».

Os comandos regressaram ao amanhecer, sem perdas, e já em Bragança, tomaram o primeiro almoço (macrobiótico e com alheira e linguiça assada), confraternizando no sentido do dever cumprido. Um historiador da SHIP comentou um precioso incubulo adequado ao momento.

Começaram a chegar reacções, à nossa Redacção:

– O Presidente Reagan ordenou o embargo temporário ao fornecimento a Portugal de dois lotes de raquetes de ténis que estavam para embarcar.

– «A ideia federativa ibérica sofreu um rudo golpe» disse o prof. Oliveira Marques, que se ausentou para parte incerta, até ver em que param as modas.

– O Governo mandou regressar todas as criadas de servir portuguesas e o Embaixador no país irmão.

– O Governo decidiu proibir a expressão «país irmão» substituindo-a oficialmente por «essa espanhola nojentão».

– A pesca da sardinha fica temporariamente sujeita a um comando unificado de intervenção, confiado a um almirante.

– O Conselho de Segurança reuniu-se de emergência, como de costume, todas as sextas-feiras.

J.P. Martins Barata

Morais Leitão

fundamenta

decisão

sobre

Moreira Batista

em parecer

do CR

O Ministério das Finanças emitiu um comunicado relativo à reintegração e pagamento dos retroactivos ao antigo ministro do Interior, César Moreira Baptista, dizendo ter-se fundamentado num parecer do CR e garantindo que o Governo se limitou a aplicar «normas legais imperativas que o Governo se preza de respeitar, seja para este caso, seja para todos os casos similares, do passado e do futuro».

A nota ministerial refere o parecer de 17 de Setembro de 1980 da Comissão de Análise de Recursos do Saneamento e Reclamação do CR, que indicou ter terminado em 31 de Dezembro de 1976, a suspensão do vogal do então Conselho Superior de Economia, César Moreira Baptista. Três semanas depois, o ex-ministro de Caetano requereu ao Ministério das Finanças «que lhe fossem pagas até à sua aposentação os vencimentos a que tinha direito, em consequência daquela decisão, desde 25 de Abril de 1974».

Na opinião do Ministério de Moraes Leitão, «a especulação veiculada para a admissão pública ultrapassa os limites admissíveis num Estado democrático de Direito e num sistema de informação correcta e leal».

Quem avaria máquinas da CP?

A maioria dos comboios da Linha de Sintra tem um inspector da CP ao serviço com a incumbência de acompanhar o trajecto e, em particular, de averiguar sobre qualquer avaria que eventualmente ocorra na máquina ou no sistema eléctrico. A sucessão de avarias ocorridas nos últimos dias naquele percurso traz intrigados os responsáveis da companhia, em especial o Conselho de Gerência e o público.

São de tal modo crescentes as suspeitas de que se poderá tratar de avarias provocadas (nas oficinas ou pelos próprios maquinistas) ou simuladas (não só no túnel do Rossio mas em muitos outros pontos, desde Queluz a Sacavém) que o CG da CP, para além de tomar a medida acima referida, mandou também abrir um inquérito à forma como as avarias ocorreram. No entanto, há na companhia quem advirta que, depois de tantos dias de paralisação, é natural que, durante aqueles dias, o funcionamento não fosse «normal» dentro da anormalidade que caracteriza a prestação de serviços por parte da CP.

Quem não esteve pelos ajustes, em qualquer daqueles dias, na estação do Rossio, foi o utente.

Muitos foram os que, para além de protestarem, tentaram mesmo resolver a questão no local, não só acusando os maquinistas (e com aquela greve atravessada na garganta...), como o próprio e indefeso chefe da estação, sobretudo na terça-feira, quando, pouco antes das 18 horas, um comboio se apressava para seguir para o Cacém. Mas não seguiu: esteve mais de meia hora parado, porque um outro, vindo de Campolide, estava retido no túnel. Uma curta troca de palavras entre os chefes do Rossio e de Campolide (ou quem os substitua na ocasião, às seis de tarde), terá dado azo a algumas suspeitas de eventual negligência do maquinista do comboio «avariado» no túnel (facto que não fora comunicado ao segundo chefe) ou, então, de alegada incompetência do serviço de manutenção (oficinas). Três avarias, entre segunda e terça-feira, na Linha de Sintra, a horas de ponta, provocando atrasos substanciais, mais que

pura coincidência, é sempre caso para suspeita (sobretudo depois da greve). Ou, pelo menos, a possível constatação que a manutenção da CP está a pedir substituição.

Mas nesse mesmo dia à noite, o comboio da Linha de Vila Franca que sai de Campolide às 22.05, estancou na estação de Sacavém para já não arrear «pé» de lá naquele dia. Os inúmeros utentes que seguiam no comboio tiveram que aguardar a ligação seguinte e assim chegar a suas casas ou aos seus locais de trabalho com mais de uma hora de atraso.

Entretanto, a CP, em maré negra, já na segunda-feira se sentiu afilada para remediar algumas deficiências da Linha do Norte resultantes do facto de dois vagões terem sido pasto de chamas, perto do Pombal, provocando transtornos e atrasos aos seus habituais utentes do percurso que em alguns dos casos foram superiores a seis horas. Dois dias depois, um outro problema surgiu no Carregado causaria também complicações naquela linha e nos seus ramais que lhe ligam.

Lisboa bebe menos leite

Desde segunda-feira que Lisboa bebe menos leite. Não porque lhe falte apetite ou que a sua população tenha mudado de hábitos, mas apenas porque o súbito calor que se abateu sobre o País se fez sentir no campo vacum, a tal ponto que a ordenha foi mais difícil rendosa (por um lado) e a própria temperatura contribuiu para que muito do produto se deteriorasse (por outro lado).

Esses dois factores conjugados retiraram à UCAL grande capacidade de distribuição láctea nos primeiros dias da semana (entre segunda e quarta-feira o «corte» foi de 90 mil litros). Mas ontem, afirmou esta manhã um funcionário do Centro de Distribuição da empresa em Lisboa, a «situação foi pavorosa», com muitas famílias a «não terem direito a nada», acrescentou.

A distribuição de ontem destinava-se ao abastecimento para hoje.

Menos trinta mil litros de leite entraram no circuito de distribuição, o que, como se tratava de uma operação após um feriado e na véspera de um fim-de-semana, significa que milhares de lisboetas acostumados (ou com extrema necessidade orgânica e alimentar) ao leite, se viram privados de o poderem beber, pelo menos até segunda-feira à tarde – que é quando a UCAL procederá à próxima distribuição.

Abecasis morreu (sem "suspense" era um cágado)

«O Abecasis morreu» — gritou a minha filha, um ar horrorizado. O calor fazia gemer tudo e todos, secava as lágrimas por morte de tão súbito passamento.

É certo que desde há alguns dias, semanas, talvez meses, Abecasis acusava uma anomalia não esclarecida, parecia cego, navegava de cabeça metida para dentro, às apalpadelas. Mas nem mesmo assim perdera a sua mania das grandezas, continuava a procurar subir, trepava pelos obstáculos numa indelével prova de força.

Mas quem era Abecasis?

Abaixo o «suspense». Por isso, digo desde já que se tratava de um cágado. Certo é que não podemos avaliar um animal pelo facto de eternamente se limitar aos voos rasantes da alcatifa. Vulgarmente, cérebros condenados ao pensamento na horizontal, irrompem com projectos em 90 absolutos graus na vertical.

Um cágado é um cágado. A consideração, porém, não resulta de um nome. Abecasis entrou nas nossas vidas com um contrato tácito de que acabaria com insectos, de traças a gorgulhos, que essa é uma das grandes missões de seres como ele.

Nada disse, é certo, como promessa. A sua vontade de cumprir essa parte do contrato era evidente no afã com que percorria o quadrângulo inicial e depois se embrenhava por

zonas que inicialmente lhe eram espaço reservado.

Tememos mesmo pelo seu futuro, chegámos a admitir um fim violento. «Alguns dias, alguém abre uma porta e esmaga-o» — previa eu. «Vê lá não lhe ponhas o pé em cima» — prevenia-me a mulher, quando no escuro atravessávamos a casa.

Certo é que vivia num completo recato, com alguns súbitos afloramentos, às vezes quase parecendo em campanha eleitoral. Não se sabia quando comia e o quê, dormir também não, que os seus périplos eram predominantemente na escuridão.

Teve, assim, o seu fim.

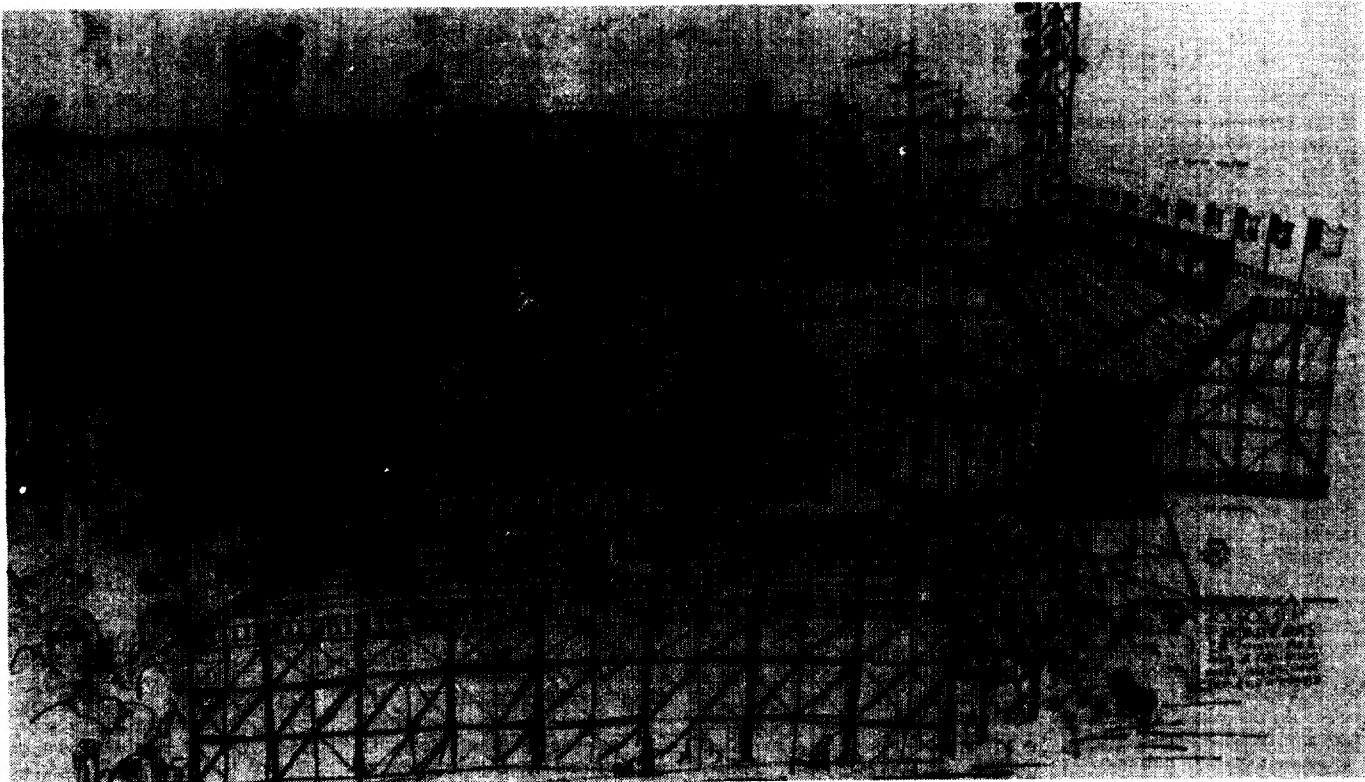
Talvez desidratação. Admita-se que um insecto desusadamente grande se lhe atravessou na garganta. Ou olhou demais para cima e partiu o pescoço, tão característico de flexibilidade. Ou...

De Abecasis resta agora o nome, recordação de um baptismo inesperado: «Pai, que nome vamos dar ao cágado?». Vimos televisão, havia mais um discurso, uma promessa de grandes rasgos. «Abecasis, filha» — respondi. E assim ficou, sem manifestações de descontentamento.

Agora, embarca para o lixo, meio recolhido na carapaça que lhe serviu de protecção em vida e de túmulo para a sua eternidade.

Rogério Vidigal

cidade



Panorâmica geral do cenário que está a ser montado em torno da Torre de Belém

Jogos na fronteira da Torre de Belém

A terceira das oito jornadas dos «Jogos Sem Fronteiras» deste ano realiza-se no dia 24, em Lisboa, no relvado em frente da Torre de Belém. Para o efeito, está ali a ser construído um «cenário» que procurará criar a «paisagem» de uma certa Lisboa.

O aparato que se prepara junto ao Tejo, e que inclui bancadas para 5280 espectadores em directo, consumiu duas toneladas de pregos e ferragens, mais de

600 pranchas de pinho e casquinha, 700 placas de madeira e de aglomerado, 200 metros de cabos de aço. E não só, que os números, também para meios humanos, são igualmente avançados.

O patrocínio desta iniciativa da RTP pertence à Câmara Municipal de Lisboa que deverá arrecadar a receita dos bilhetes vendidos.

A recriação de Lisboa que se pretende fazer para a realização

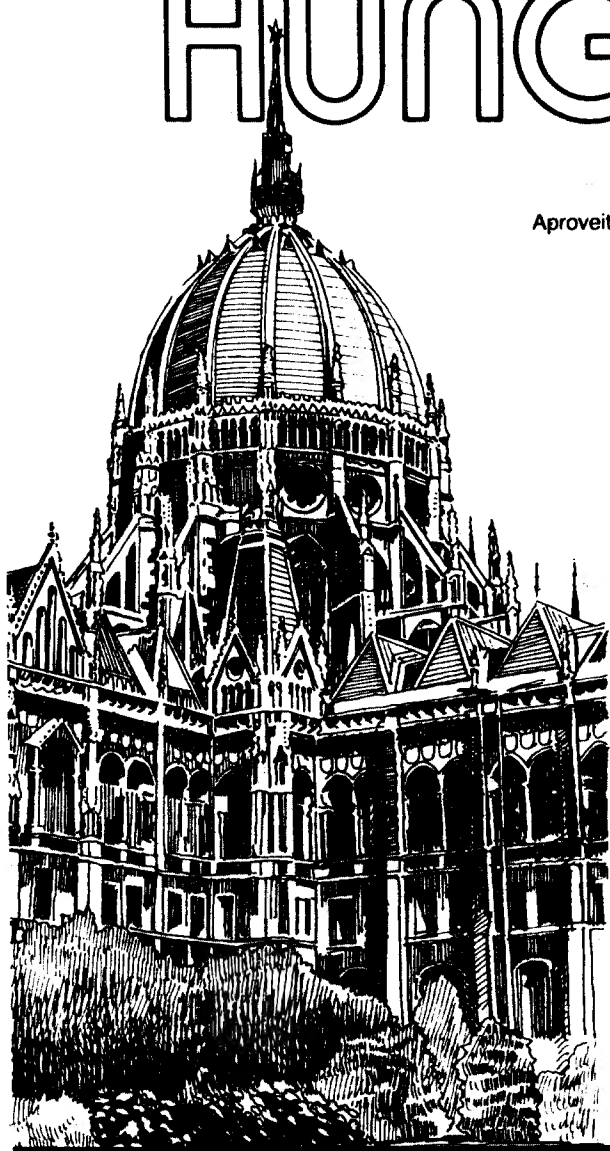
dos jogos refere-se ao espírito das chamadas «festas populares da cidade». Assim, do cenário farão parte marinheiros, peixeiros, fadistas e réplicas de outros tipos característicos da nossa capital.

As duas primeiras jornadas dos «Jogos-81» efectuaram-se a 26 de Maio e 10 de Junho, respectivamente em Lignano (Itália) e Pula (Jugoslávia). Portugal classificou-se em sexto e sétimo lugar, por ordem, participando

com equipas dos Açores e de Santarém.

Os elevados investimentos necessários para a realização dos jogos levantaram, entre nós, alguma polémica. A tal não terá sido estranho a decisão da anterior administração da RTP no sentido de o nosso país se retirar da participação dos «Jogos sem Fronteiras». Essa decisão continuava de pé mas deverá ser ratificada no dia 29, em Meirignen-Hasliberg.

VISITE A HUNGRIA



Aproveite o voo especial de Intercâmbio com os Sindicatos Húngaros.

Preço p/pessoa - 37600\$00

Tudo incluído:

- passagem aérea
- alojamento em hotéis de 1.ª
- refeições
- excursões e visitas

Oportunidade única

CONDIÇÕES MUITO ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Data limite de inscrição: 23/6
Lugares limitados
Consulte-nos
(traga passaporte e 2 fotos)

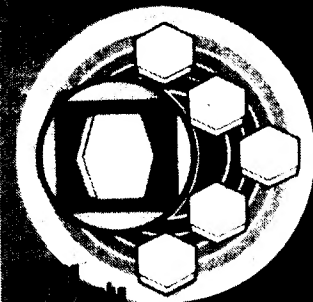
PARTIDA A 28/6

GITUS

GRUPO INTERSINDICAL DE TURISMO SOCIAL

Av. da Liberdade, 73, 3.º Div. - Lisboa
Tels: 32 05 56 - 32 06 38 - 36 43 03
R. Santa Catarina, 922, 1.º - Porto
Tel. 31 34 96

PLENÁRIO



AOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE, FABRICAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE PAPEL, GRÁFICA E IMPRENSA

Realiza-se no dia 27 de Junho de 1981, em Coimbra, o Plenário da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Cartonagem para discutir e deliberar sobre os Estatutos, Programa de Acção e eleição do Secretariado para o triénio 1981/84. Este plenário será uma jornada de massas, aberto à participação dos trabalhadores, a exemplo de iniciativas anteriormente realizadas.

A reestruturação da Federação é feita por imperativos estatutários e pela necessidade de adequar os estatutos aos dos nossos sindicatos e às conclusões do III Congresso da CGTP-IN, dotar a Federação de um novo Programa que corresponda às actuais necessidades dos trabalhadores e de eleger um Secretariado mais amplo com maior capacidade de coordenação e direcção da actividade sindical dos sectores a nível nacional.

A presente reestruturação insere-se na reestruturação sindical do sector e tem como objectivos essenciais o reforço e alargamento da unidade, o fortalecimento da organização e o aprofundamento da democracia.

Os projectos de Programa e de Estatutos são distribuídos aos delegados sindicais com vista à discussão colectiva nas empresas através de reuniões e outros meios. Os trabalhadores podem e devem enriquecer os projectos, apresentando sugestões e propostas.

Do conteúdo geral desses documentos salientamos a importância da institucionalização do Congresso como órgão soberano da Federação e as questões relacionadas com a reestruturação sindical, a organização de zona e de empresa, a contratação colectiva, os horários de trabalho, os contratos e prazo, a formação profissional e a nossa posição sobre a revisão da Constituição e a defesa do regime democrático.

Os sindicatos estão a planificar o processo de auscultação da opinião dos trabalhadores e simultaneamente a tratar das questões organizativas necessárias ao êxito desta grande jornada.

**PELO REFORÇO DA UNIDADE E ORGANIZAÇÃO!
PELA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO!
PELA DEFESA DO PORTUGAL DE ABRIL!**

O SECRETARIADO

de ontem para hoje

Um Verão com eclipse

Com um calor mais do que estival só amanhã no entanto, a partir das 11 e 45, se entrará oficialmente no período de Verão, o qual terminará em 23 de Setembro com a chegada do Equinócio. Do mesmo modo, amanhã será o maior dia do ano. O Sol nascerá às 5 horas e 13 minutos, verificando-se o seu ocaso às 20. Durante o período de Verão, segundo revelou ontem o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, haverá a assinalar um eclipse total do Sol no próximo dia 31 de Julho.

«Tatoo» em Évora: encerramento do Quarto Festival de Bandas Militares

O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egídio, presidiu ontem à noite em Évora ao espectáculo de encerramento do Quarto Festival de Bandas Militares. O festival culminou uma ronda de realizações pelas sedes das regiões militares do país, respectivamente em Lisboa, Porto, Coimbra e Évora. No espectáculo, que decorreu no Campo Estrela, contou com a participação das bandas da PSP, GNR, Guarda Fiscal, Força Aérea, Armada e Exército e ainda da Xaranga e Carrusel a Cavallo da Guarda Nacional Republicana.

Incêndio na Fábrica Lacoste: morreu um dos três operários sinistrados

Nelson Manuel de Sousa Dantas, de 45 anos, casado, um dos três operários feridos durante o incêndio ontem ocorrido na Fábrica de Tintas Lacoste, no Porto, faleceu esta madrugada no Hospital de Santo António.

Universidade do Algarve: Comissão Instaladora concluiu relatório

A Comissão Instaladora da Universidade do Algarve vai entregar ao Governo e à Assembleia da República, na próxima semana, o relatório final sobre a implantação daquele estabelecimento de ensino. Gomes Guerreiro, presidente daquela Comissão afirmou ontem que o trabalho a apresentar «é apenas uma sugestão ou uma proposta hierárquica de como se deverá instalar a Universidade, qual a sua estrutura, espírito, objectivos e localização».

No lugar de Mondrões: Septuagenária violada e a irmã com 80 anos escapou por pouco

A GNR deteve no lugar de Mondrões, no distrito de Vila

Real, Manuel Fernando Carvalho da Nóbrega, de 19 anos, operário fabril. De acordo com a acusação, Manuel Carvalho entrou, na madrugada, de ontem numa casa onde viviam duas irmãs, uma de 70 e a outra de 80 anos, tendo violentado sexualmente a mais nova.

Ficou com uma perna esfacelada: padeiro atingido a tiro pelo patrão

Em Vila da Feira, no distrito de Aveiro, foi atingido, no local de trabalho, com um tiro de arma caçadeira, disparada pelo patrão, o padeiro Joaquim Caetano, de 25 anos, casado, natural daquela localidade, que recolheu ao hospital de Santo António, com a perna esquerda esfacelada.

Presidente da Sociedade de Reumatologia: «falta de interesse» do Governo

Cerca de trinta por cento dos portugueses sofrem de afecções reumáticas degenerativas e doze por cento de afecções reumáticas inflamatórias, segundo revelou ontem no Porto o presidente da Sociedade Portuguesa de Reumatologia, Lopes Vaz, no final do Primeiro Encontro de Reumatologia. «Este elevado número de padecentes reumáticos — acrescentou Lopes Vaz — traduz-se em quatro milhões de dias de baixas por ano, que representam uma perda económica para o país superior a 14 mil milhões de escudos». Lopes Vaz revelou ainda que cerca de vinte por cento dos doentes que procuram os médicos de clínica geral sofrem de dores reumáticas no aparelho locomotor e quarenta por cento das reformas por invalidez são atribuídas a este tipo de doentes. Lopes Vaz aludiu à falta de interesse do Governo em promover a investigação reumatológica. «um Governo que não promove a investigação desconhece, ou parece desconhecer, a importância desse sector da Medicina de hoje».

Exposição de Artesanato na Estufa Fria



Numa organização da Cruz Vermelha e da Caritas Portuguesa abriu ontem à noite, na Estufa Fria, a 5.ª Exposição de Artesanato. O certame, que se prolongará até ao próximo dia 13 de Julho, encontra-se patente ao público entre as 15 e as 23 horas. O acesso custa dez escudos.

justiça

Tudo bem enquanto é só sexo

E se Roby começa a “falar” do ELP, do MDLP e da Codeco?

«A 'moca de Rio Maior' apreendida pela Judiciária quando me prendeu em Dezembro de 1976, foi-me oferecida pelo irmão do general Galvão de Melo, quando estivemos presos na cadeia de Monsanto». Explicaria em pleno tribunal na penúltima audiência, Jorge Monteiro, capitão Roby conforme se tornou conhecido.

O réu referia-se às armas de guerra, uma navalha e a moca encontradas pela Polícia na viatura que então usava: a pistola e a granada eram do dono do carro que lho confiara, enquanto a navalha de grandes dimensões, tão grandes que impossibilitavam a sua utilização, comprara-a com vista a decorar a lareira. Defende-se de diferentes e mais graves acusações: vinte e cinco burlas levadas a efeito com promessas de casamento e outras burlas com motivações mais prosaicas que lhe terão rendido 6500 contos. Ao todo segundo parece sobe a setenta o número de corações destroçados por este novo Casanova. Porém nem todas as damas iludidas e aliviadas nos seus bens, sem violência, se apresentaram como ofendidas.

No libelo, constam ainda mais três acusações de atentado ao pudor, furto de documentação, passagem de dólares falsos e uso de documentos com a mesma falta de genuinidade, para além de mais algumas «bagatelas» puníveis pelo Código Penal que enchem as seis mil folhas do volumoso processo.

Na mira do ELP/MDLP

A vida aventureira de Jorge Monteiro, cruza-se com as organizações terroristas que nos anos a seguir ao derrube do fascismo tentam o regresso à velha fórmula política. Em 1975, depois de fugir aos agentes da Polícia Judiciária, refugia-se em Espanha.

Alguém recomenda o futuro «capitão Roby» a uma das mais altas individualidades do MDLP; O «senhor Gabriel», que na expressão de Jorge Monteiro «gozava em Espanha de muito respeito e consideração entre as mais altas individualidades da vida política da, ainda então, ditadura de Franco. Até usava legalmente arma de fogo, o que em Espanha, naqueles tempos, apenas era concedido a certas



individualidades e muito raramente a estrangeiros».

Seria o referido Gabriel, um dos homens da maior confiança de Alpoim Calvão, quem informado por um outro cadastrado, António Macedo, resolveu recrutar para as hostes patrióticas apostadas em defender a «civilização ocidental», mais um indivíduo com contos a prestar à Justiça. Para o contacto seria escolhido um delinquente envolvido em várias fraudes, a última das quais a grande operação dos «dólares algarvios», feita por encomenda dos «patrões do ELP/MDLP, com vista a desestabilizarem a economia portuguesa pela injeção maciça daquelas notas e, ao mesmo tempo pagarem a aderentes e colaboradores sem terem de utilizar as verbas de dinheiro genuíno sacadas sob ameaça a inúmeros capitalistas.

Assim, o falsário Mário Mendes Jacinto, (o adjectivo falsário não é gratuito pois o Tribunal de Faro em 15 de Julho de 1977 condenou-o a seis anos de prisão pelo seu envolvimento nos «dólares algarvios») procuraria Jorge Monteiro a quem fez várias propostas, as quais até agora este tem evitado divulgar. No entanto admite ter sido por intermédio do Gabriel que obteve documentos falsos, nomeadamente uma carta de condução em que figura como o tenente-coronel Robles Monteiro da Força Aérea Portuguesa. Seria ainda o Gabriel quem obteve de um funcionário superior do exército espanhol as necessárias facilidades para que ele, Monteiro, o Jacinto e mais acompanhantes passassem sem dificuldades a fronteira no regresso a Portugal.

Naturalmente que o ELP/MDLP pensou em utilizar Jorge Monteiro, a partir de então capitão Roby, mas fácil é de compreender que este se passou também a utilizar quer daquela organização terrorista, quer da Codeco e do Mirm onde também se teria integrado. O recurso a cadastrados ou a indivíduos com simples problemas de polícia não deve estranhar, pois era do conhecimento geral a pouca implementação daqueles grupos junto das populações e os principais interessados preferiam comandar de longe ou financiar as operações sem nelas se envolverem fisicamente.

Se o Roby resolve falar...

A contas com as suas antigas conquistas amorosas, Jorge Monteiro mal tem tempo para analisar até que ponto está abandonado pelos homens do ELP/MDLP. Uma coisa nos confidencia: «Indiquei o nome de Alpoim Calvão quando fui ouvido pelo Juízo de Instrução Criminal em especial no tocante aos dez mil dólares falsos que a Judiciária diz ter-me apreendido. Pretendia que ele fosse ouvido como elemento da minha defesa. Não o foi. Ignoro se por decisão do juiz ou por recusa do referido indivíduo».

Dizia ainda: «Sem que me fosse dada a menor explicação plausível, mas a título de confidência, foi-me dito que seria para mim vantajoso (?) calar no julgamento qualquer referência ao meu envolvimento no ELP/MDLP e C.O.D.E.C., nem aludir às inúmeras irregularidades patentes ao longo de toda a instrução preparatória (e não só...), enfim, que me remetesse a uma presença discreta...»

No entanto se o agora réu, Jorge Monteiro, se convencer que o silenciamento sobre tais factos lhe pode acarretar graves consequências para si, interes-

santes revelações sobre um passado ainda recente poderão vir a lume, em prejuízo das até agora bem sucedidas medidas de encobrimento dos muitos e graves atentados contra o povo e a independência nacional.

Inquérito à Cadeia de Monsanto

Como Jorge Monteiro referiu na primeira audiência, teria mantido relações sexuais com 38 das suas conquistas amorosas numa casa de banho da Cadeia de Monsanto. O representante do Ministério Público requereu, e foi deferido pelo Tribunal, certidão de tais afirmações para ordenar um inquérito com vista a esclarecer os factos mencionados, que considera «contrários ao regulamento, o que faz crer em privilégios ou cumplicidade de funcionários desse estabelecimento prisional, e constitui nítida infracção aos estatutos dos respectivos serviços».

A audiência de ontem prolongou-se com a audição de uma das damas requestadas por Jorge Monteiro, a qual sem ódio ou rancor mas com todo o aspecto de estar a ser motivada por uma forte frustração, referiu como em dois meses que durou o «sonho» passou para as mãos do Casanova trezentos e trinta e um contos além de mais umas bugigangas. Porém, a frieza técnica predominante no tribunal e o facto de se ver só perante aquele aparato, sem apoio de um advogado, levou-a a auto-destruir toda a sua acusação inicial. Entrou como mulher magoada, saiu uma mulher destruída.

O Julgamento prosseguirá na próxima terça-feira com a audição de outras damas que através dos anúncios acorreram na esperança de matarem a solidão em que por regra viviam.

Dias Brito

Finalíssima dos concursos de queijo da serra

Promovido pelo Parque Natural da Serra da Estrela realiza-se, hoje às 15 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal da Guarda, a prova finalíssima correspondente aos concursos de queijo da Serra, os quais se têm vindo a efectuar nas principais localidades da Região. Os vencedores desses concursos disputarão agora, entre si, os prémios respeitantes aos melhores produtores de queijo da serra.

Os concursos de queijo da serra têm por objectivo principal a promoção desta actividade, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma produção de alta qualidade, para o aumento dos rebanhos e para a melhoria dos níveis de vida dos próprios produtores.

Em conjunto com o Parque Natural da Serra da Estrela, o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa desde sempre tem apoiado os Concursos de Car-

neiros e Caprinos, bem como a produção de queijo da serra. Esse apoio verifica-se, nomeadamente, através do lançamento de uma linha de crédito para a aquisição de ovelhas e cabras e construção de currais, a juros bonificados, contribuindo assim para a garantia da qualidade do queijo da serra.

Simultaneamente à realização da finalíssima, realiza-se uma cerimónia em que será entregue pelo presidente da Federação Europeia de Cultura, dr. Francisco Veloso, que também é presidente do conselho de gestão do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, o prémio obtido pelo dr. Helder Mendes com o filme-documentário «Parque Natural da Serra da Estrela», o qual venceu um concurso internacional de filmes sobre «meio ambiente» recentemente realizado em França.

PUB



Electricidade de Portugal EDP/Empresa Pública

DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO SUL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta empresa, no próximo domingo 21 de Junho, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DO SEIXAL: Godinho, Vale de Ossos, Piscina, Curvas e Colorau, das 8 h às 13 h.

CONCELHO DE SESIMBRA: Serra, das 7 h às 15 h. Melão, das 8 h 30 m às 13 h.

Lisboa, 20 de Junho de 1981

Electricidade de Portugal EDP/Empresa Pública Direcção de Distribuição Sul

Há ovos que bastem

A Associação dos Avicultores e Produtores de Ovos (ANAPO) anunciou que os ovos vão ser suficientes para abastecer o mercado português, não obstante terem morrido muitas das galinhas poedeiras, com a vaga de calor dos últimos dias.

Segundo a ANAPO a produção de ovos já baixou significativamente, pelo que haverá uma compensação resultante da interrupção da exportação, nomeadamente para Espanha.

Em três meses deveriam ser vendidos aos espanhóis 65 mil caixas de ovos (30 dúzias por caixa).

A ANAPO considera possível evitar a escassez de ovos no mercado também por uma acção que permita transferir-los das zonas excedentárias.

PLANTAÇÃO DE EUCALIPTOS

— Duas sociedades portuguesas receberam empréstimos do Banco Europeu de Investimentos (BEI) num montante global de 1110 milhões de escudos (18 milhões de unidades de conta europeia) destinados a financiar a plantação de 16 800 hectares de eucaliptos para fabrico de pasta de papel.

As duas sociedades, a Celulose Beira Industrial (Celbi) e a Companhia de Celulose do Caima (Caima), receberam respectivamente um total de 678 milhões de escudos (ao longo de 15 anos) e 431 milhões de escudos, ao longo de 20 anos. Ambas beneficiam de uma bonificação de juro de 3% financiado pelo Orçamento das Comunidades.

Estes dois empréstimos são atribuídos no âmbito do protocolo financeiro CEE — Portugal.

As duas sociedades são especializadas na plantação florestal e no fabrico de pasta de

papel e totalizam respectivamente 21 e 12% da produção portuguesa.

CASAS PARA OS AÇORES — Os Estados Unidos doaram ontem ao Governo Regional dos Açores cinco milhões de dólares (cerca de 300 mil contos) destinados ao financiamento da construção de 255 habitações na ilha Terceira.

Assinaram o acordo, em cerimónia que decorreu em Lisboa. O presidente do Governo Regional, Mota Amaral, o embaixador norte-americano em Portugal, Richard Boomfield e o ministro das Finanças e do Plano, Morais Leitão.

Este financiamento, o segundo do género, cobrirá cerca de 75 por cento dos custos das 255 habitações a levantar em terra chã, perto de Angra do Heroísmo e destinadas a famílias mais necessitadas.

Estas habitações que já começaram a ser construídas deverão estar prontas para entrega nos próximos dois anos.

Protegidos por acordos bilaterais

Investimentos alemães e belgas na ordem do dia

O jornal alemão ocidental «Die Welt» publicou ontem uma separata económica na qual elogia a capacidade de trabalho dos operários portugueses e encara com optimismo o relançamento dos investimentos alemães em Portugal.

O diário, que se publica em Bona refere que, «os baixos salários praticados em Portugal (cerca de um quarto do nível da Alemanha), a elevada capacidade de trabalho e o forte interesse pessoal dos trabalhadores portugueses fazem lembrar os seus colegas japoneses».

A Grundig Portuguesa — revela o «Die Welt» — alcançou lucros 15 por cento mais elevados do que a sua congénere alemã na produção de televisores a cores.

O jornal acrescenta que o grau de quantidade e qualidade obtido pelos portugueses é bastante elevado salientando que, no caso da Grundig, não se trata apenas de uma fábrica com linhas de montagem, mas sim de uma empresa de produção.

O director da Hoechst Portuguesa, Wolfgang Kemper, fundador da sociedade portuguesa para o fomento dos investimentos e exportações, afirmou ao jornal que «as experiências até agora feitas em Portugal justificam a necessária tentativa de promover novas evoluções tecnológicas para além da já existente linha de montagem».

Este industrial alemão deslocar-se-á em breve a Hannover e a Munique para, em nome da referida empresa, falar das experiências que ele próprio e outras firmas estrangeiras tiveram em Portugal no sentido de reactivar o interesse dos investidores alemães em aplicarem os seus capitais em Portugal.

O «Die Welt» sublinha que as empresas alemãs sofreram «relativamente pouco com os distúrbios provocados pelo 25 de Abril de 1974».

A terminar, o jornal considera o «acordo sobre a protecção dos investimentos alemães em Portugal como uma boa pers-

pectiva para o relançamento dos investimentos». Aponta o referido acordo como o «resultado mais importante» da visita do Primeiro-Ministro ao país.

Acordo com a Bélgica assinado em breve

Portugal e Bélgica deverão assinar em breve um acordo de protecção de investimentos — declarou ontem em Lisboa o ministro belga do Comércio Exterior, Robert Urbain.

Urbain falava no decorrer de uma conferência de Imprensa, sob a presidência do príncipe Albert da Bélgica. Foram dados a conhecer os resultados da actividade da missão económica que esteve em Portugal durante seis dias e durante a qual o príncipe Albert foi recebido por vários membros do Governo e pelo Presidente da República, Ramalho Eanes, a quem convidou (convite que foi aceite) a visitar a Bélgica no próximo ano.

Cooperação técnica na indústria cerâmica, participação conjunta ao nível empresarial em terceiros mercados e formação profissional foram aspectos objecto de análise entre a missão belga e entidades portuguesas.

Urbain considerou existirem boas perspectivas de participação conjunta de empresas belgas e portuguesas em projectos nas ex-colónias de ambos os países, designadamente nos sectores químico, mineiro, do carvão e do açúcar.

Sobre as exportações têxteis portuguesas para a Bélgica, disse que o seu país tem um sistema restritivo (de quotas) de importação devido à crise com que se debate o sector e que o mercado têxtil belga é disputadíssimo.

Relativamente às exportações de têxteis portuguesas para a CEE (um dos «pontos quentes» das negociações de adesão) declarou não poder «prever qual será a evolução da questão no seio da Comunidade Europeia».

Aviões, navios, minérios e siderurgia

Cooperação industrial com o Brasil tem condições para se alargar

Vários programas de cooperação industrial com o Brasil poderão arrancar em breve, na sequência da reunião da Comissão Económica Mista Luso-Brasileira que se concluiu recentemente em Brasília.

Essa cooperação ficou prevista estender-se à aeronáutica, construções e reparações navais, siderurgia e extracção de minérios.

Segundo declarações de Walter Marques, Secretário de Estado de Comércio que chefiou a delegação portuguesa, poderá vir a ser instalada perto de Lisboa uma oficina aeronáutica para reparação de aviões produzidos no Brasil pela «Embraer» e vendidos a países europeus e africanos. Acrescentou que durante a reunião havida entre representantes dos dois Governos, foi examinada a possibilidade do fabrico em Portugal de aviões de treino militar. Também foi estudada a possibilidade de se produzirem cargueiros em Portugal utilizando componentes fabricados no Brasil.

Por último, o secretário do Comércio Externo, afirmou que a empresa estatal brasileira Vale do Rio Doce poderia prestar assistência técnica à Companhia Portuguesa que explora o ferro de Moncorvo na execução de um programa de extracção desse minério.

A Comissão Económica Mista Luso-Brasileira analisou durante a reunião o comércio bilateral e as perspectivas do seu alargamento.

Em 1980, as exportações portuguesas para o Brasil totalizaram 38 mil milhões de dólares (cerca de 2,3 milhões de contos) e as importações 154 mil milhões de dólares (cerca de dez milhões de contos).

Portugal exportou sobretudo frutas, malte, livros e revistas, vinho, azeite, adubos, locomotivas eléctricas e importou principalmente café, açúcar, sisal, produtos de soja, fios de algodão, livros e minério de manganês.

Portugal quer vender fruta

Uma missão de produtores e exportadores portugueses de fruta está no Brasil onde espera obter encomendas para a quantidade total de peras e maçãs disponíveis para exportação — informou a Embaixada de Portugal em Brasília.

A missão, promovida pelo Fundo de Fomento de Exportação, tem visitado, desde o dia 6, várias regiões do Brasil, dizem vários dos seus elementos «as perspectivas de encomendas ultrapassam as iniciais», pelo que se presume venha a ser vendida para o Brasil a totalidade daquelas frutas disponíveis para exportação, que ascende a cerca de 2500 toneladas.

As primeiras vendas de peras portuguesas para o Brasil ocorreram em 1979, em pequenas quantidades, tendo em 1980 o Brasil comprado cerca de duas mil toneladas, no valor de dois milhões de dólares (cerca de 120 milhões de escudos).

Reunião com a Argentina começa na segunda-feira

Depois da reunião da Comissão Mista Luso-Brasileira, segue-se a reunião da Comissão Luso-Argentina, marcada para principiar no dia 22 e terminar a 26. Num caso e noutro, a delegação portuguesa tem como chefe o secretário de Estado do Comércio, Walter Marques.

A comissão Luso-Argentina foi criada pelo acordo comercial e de cooperação económica e técnica, assinado em Abril de 1980.

A delegação portuguesa, presidida pelo secretário de Estado do Comércio, Walter Marques, partiu já para Buenos Aires, via Brasília, onde teve contactos com entidades brasileiras.

O estudo e execução conjunta de projectos, constituição de sociedades mistas de produção e comercialização, intercâmbio de tecnologia e de formação de técnicos são alguns dos pontos a analisar na reunião.

Tais aspectos estão contemplados no Acordo de Abril de 1980, assim como os sectores de interesse para ambos os países: agricultura, agro-indústrias, pescas e indústrias afins, recursos minerais, maquinaria, celulose e papel, farmacêutico, químico e petroquímico, máquinas-ferramentas, transportes telecomunicações, construção e reparação naval e outros.

Em Julho

Primeiros voos da Air Madeira

Começará a voar em Julho, ainda que em actividade reduzida, a nova companhia de aviação organizada na Madeira e que espera apenas a saída da nova legislação sobre transportes aéreos para arrancar em pleno nomeadamente na captação de turistas para a Região Autónoma.

O «DL» deu já ontem a notícia da formação da Air Madeira e o presidente da empresa, Harry Svensson, confirmou-a à ANOP assim como adiantou mais alguns pormenores sobre os objectivos e os meios da Air Madeira.

A Air Madeira já comprou dois Boeing 727/100 com a capacidade de 131 lugares cada que pertenciam à companhia sueca «Transair Swede».

Harry Svensson adiantou que, em princípio, o pessoal será cedido temporariamente pela SAS-Scandinavian Airlines System e suas associadas.

Neste momento não é possível criar uma companhia aérea em Portugal, mesmo que seja para transportes não regulares sem alterar a legislação em vigor, nomeadamente o estatuto da TAP.

Uma fonte governamental

disse à ANOP que o novo diploma sobre transportes aéreos não regulares já está elaborado e que a sua publicação está para breve.

Os charters a efectuar a partir de Julho são exclusivamente da responsabilidade de uma agência de viagens e a Air Madeira arranca em força no mês de Outubro.

O presidente da empresa afirmou que já tem assegurado durante o Inverno cinco voos por semana entre a Madeira e a Escandinávia o que representa cerca de 800 turistas semanais.

PRAIAS

VOOS ESPECIAIS DIRECTOS



8e15 DIAS

PREÇOS EXCEPCIONALMENTE BAIXOS

BALEARES PALMA de MAIORCA DESDE 14 190\$

PARTIDAS: JUL. 13, 20, 27 • AGO. 3, 10, 17, 24, 31 • SET. 7, 14

8 e 15 dias

BALEARES PALMA + IBIZA DESDE 23 820\$

PARTIDAS: JUL. 13, 20, 27 • AGO. 3, 10, 17, 24, 31 • SET. 7

15 dias

BALEARES IBIZA DESDE 19 320\$

PARTIDAS: JUL. 13, 20, 27 • AGO. 3, 10, 17, 24, 31 • SET. 7, 14

8 e 15 dias

CANÁRIAS LAS PALMAS + TENERIFE DESDE 21 780\$

PARTIDAS: JUL. 27 • AGO. 3, 10, 17, 24, 31 • SET. 7

15 dias

CANÁRIAS LAS PALMAS DESDE 16 130\$

PARTIDAS: JUL. 27 • AGO. 3, 10, 17, 24, 31 • SET. 7, 14

8 e 15 dias

BENIDORM 8e15 DIAS DESDE 17 490\$

PARTIDAS: JUN. 2, 9, 16, 23, 30

JUL. 7, 14, 21, 28 • AGO. 4, 11, 18, 25 • SET. 1, 8, 15, 22, 29 • OUT. 6, 13, 20

COSTA DEL SOL 8e15 DIAS DESDE 7 540\$

VIAGENS EM AUTOPULMAN DE LUXO AR CONDICIONADO

PARTIDAS: JUN. 7, 14, 21, 28 • JUL. 5, 12, 19, 26 • AGO. 2, 9, 16, 23, 30 • SET. 6, 13, 20

PEÇA O PROGRAMA DETALHADO



consulte o seu Agente de Viagens



Função Pública

Negociações entre a CNS e o Governo vão ser retomadas no dia 29

As negociações entre a comissão negociadora sindical (CNS) da Frente Comum de Sindicatos da Função Pública e o Governo vão ser retomadas no próximo dia 29, segundo foi decidido na primeira reunião que os representantes dos trabalhadores tiveram ontem com o novo secretário de Estado da Reforma Administrativa, Robin de Andrade.

Os dirigentes da Frente Comum, em conferência de imprensa realizada nas instalações da Federação sindical do sector, consideraram «positivo pela forma como decorreu» este primeiro contacto com o titular da Reforma Administrativa que, segundo afirmaram, vai nomear uma comissão negociadora por parte do Estado, a fim de iniciar as negociações das matérias

prioritárias.

Sublinharam que o secretário de Estado referiu que «não é intenção do Governo reduzir o papel dos sindicatos à mera audição das suas posições mas que o mesmo deverá dar um conteúdo negociado às reuniões».

A CNS considera a entrevista «digna de registo porque desde 20 de Março, até à demissão do ex-ministro da Reforma Administrativa, Eusébio de Carvalho, decorreu um período de frontal recusa ao diálogo com as organizações representativas da esmagadora maioria dos trabalhadores do sector».

A CNS apresentou, durante a reunião, as suas posições quanto às matérias que considera de negociação prioritária, isto é, actualização do subsídio de refeição e diuturnidades, re-

visão pelo Governo de matérias gravosas para os trabalhadores contidas no decreto que regula o direito à negociação colectiva e estabilidade de emprego.

A CNS considerou «extremamente grave» que a Assembleia da República se recuse a colocar à discussão, até ao final da actual sessão legislativa, a ratificação do decreto citado que aprovou a nova tabela salarial da Função Pública.

A CNS afirma, apesar do carácter positivo da entrevista de ontem, considerar que a mudança de política quanto à Função Pública deverá concretizar-se na rápida satisfação das reivindicações prioritárias apresentadas.

UGT regozija-se com a perspectiva de um «contrato social» em Portugal

A União Geral de Trabalhadores (UGT) congratulou-se pelo facto de o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, se ter mostrado favorável à adopção em Portugal de um contrato social.

Um comunicado da UGT recorda que Balsemão afirmou na Alemanha Federal, aonde se deslocou recentemente, que o contrato social iria ser uma realidade em Portugal.

Aquela organização sindical afirma que o Governo parece dar-se conta «de que os problemas dos trabalhadores não podem merecer tratamento global positivo continuando-se a

marginalizar sucessivamente os vários parceiros sociais».

Acrescenta que a esta manifestação de vontade política terá agora de corresponder um comportamento responsável das partes que possuem legitimidade para assumir a função de interlocutores entre si e o Governo.

No documento, a UGT lembra que faz parte integrante das conclusões do seu segundo Congresso a manifestação de disponibilidade para discutir com os demais parceiros sociais uma eventual proposta de contrato social.

Em greve os professores de língua portuguesa em França

Os professores de Língua Portuguesa em França permanecem em greve enquanto não lhes forem pagos os retroactivos dos novos salários, anunciados pelo Ministério da Educação na quarta-feira.

Segundo um comunicado do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (SPGL), os docentes de Português em França, em greve desde o dia 3, só retomarão o trabalho quando tiverem garantido o pagamento dos retroactivos a 1 de Janeiro de 1981 e assegurado o subsídio respeitante aos meses de Setembro a Janeiro.

De acordo com uma nota do Ministério da Educação, os sala-

rios desses professores, que não eram actualizados desde 1977, serão reajustados por intermédio de um despacho interministerial já enviado para publicação na folha oficial.

Os professores portugueses em França consideram, no entanto, negativo que o referido despacho preveja nova actualização salarial apenas em 1983 em vez de em 1 de Dezembro de 1982 como pretendiam.

O SPGL, no comunicado, exige «do Governo que respeite os compromissos assumidos e proporcione as condições materiais mínimas de vida e de trabalho» aos seus colegas em França.

Sector têxtil em greve na terça-feira

Vinte e nove federações sindicais e sindicatos do sector têxtil decidiram recorrer à greve, por um dia, na próxima terça-feira, como forma de obrigar os representantes do patronato a sentarem-se à mesa das negociações para discussão do CCTV.

Enquanto as organizações dos trabalhadores defendem que a negociação contratual deve efectuar-se agora (já lá vai mais de um ano sobre a entrada em vigor dos salários actuais) o patronato pretende negociar apenas a partir de Setembro. Por isso mesmo os seus representantes não compareceram a uma reunião convocada para o dia 17. Perante esta recusa ao diálogo — afirmaram ontem, no Porto, dirigentes da Federação dos Sindicatos dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário — foi decidido convocar a greve.

Os trabalhadores do sector têxtil — cerca de 250 mil — são dos mais mal pagos da indústria transformadora nacional, segundo afirmação também feita ontem.

A proposta de revisão contratual do sindicato aponta para um aumento salarial médio da ordem dos 30 por cento, para a redução do horário de trabalho semanal de 45 para 44 horas, para um subsídio de alimentação igual ao da Função Pública e para um descanso semanal de dois dias.

Depois da greve, no dia 25, haverá uma nova reunião geral de sindicatos para análise da situação e tomada de posição mais conveniente.

Trabalhadores da actividade cinematográfica lutam pela revisão do CCT

Os trabalhadores da actividade cinematográfica vão paralisar de 2 a 5 de Julho, em luta pela revisão do seu contrato colectivo de trabalho.

Segundo um dirigente sindical, nos dias 2 e 3 fazem greve cerca de mil trabalhadores da produção, distribuição e laboratórios e nos dias 4 e 5, aproximadamente quatro mil trabalhadores da exibição, que laboram nas salas de cinema.

O porta-voz do Sindicato das Actividades Cinematográficas referiu que o sindicato reivindica 24 por cento de aumentos salariais e a criação do subsídio de refeição.

Acrescentou que o patronato contrapõe 22 por cento de aumento, percentagem que os trabalhadores estariam dispostos a aceitar, se não fosse posto como condição que o sindicato abdicasse dos quadros de pessoal.

A mesma fonte observou que muitos trabalhadores da exibição auferem o salário mínimo, tendo ainda sublinhado que o patronato não aceita a inclusão no contrato do subsídio de refeição.

Arrasto costeiro

Terminou ontem a paralisação de quatro dias, dos pescadores de arrasto costeiro de Lisboa e Setúbal que, de acordo com uma informação sindical, teve uma adesão de cem por cento.

A greve teve como objectivo exigir a reintegração de nove trabalhadores despedidos do

navio «Avô Vieira», pertencente à empresa de pescas Ribau, de Aveiro.

Anteriormente os pescadores de arrasto costeiro de Lisboa e Setúbal fizeram greve em 1 e 2 do corrente.

A paralisação abrangeu cerca de 250 pescadores e não foi apoiada pelos motoristas.

Ford Lusitana

A comissão de trabalhadores da Ford Lusitana suspendeu a greve na empresa, por a administração ter reagido às conversações relativamente ao caderno reivindicativo.

A greve foi suspensa após 30 dias de paralisações, iniciadas em Abril, que totalizaram quase 150 horas por trabalhador, mas que devido aos horários diferidos provocaram um prejuízo mais elevado à produção da empresa.

Entretanto, as delegações da Ford na Europa iniciam hoje em Lisboa uma reunião para discutir a política laboral da empresa e a activação de meios de apoio internacionais entre trabalhadores.

Minas da Panasqueira

A greve nas minas da Panasqueira, que segundo um dirigente sindical tem registado uma adesão praticamente total nas minas e de 80 por cento nas lavarias, vai prosseguir na próxima semana.

A paralisação, que vai entrar na nona semana, visa

obrigar a administração a aceitar o caderno reivindicativo, que prevê um aumento salarial desde Janeiro a crescer a igual percentagem concedida naquela data pela administração.

Este caderno prevê também a actualização do subsídio de compensação social, criação de diuturnidades de 750 escudos de cinco em cinco anos e pagamento integral aos acidentados de trabalho ou que sofram de doença profissional.

Os trabalhadores pretendem ainda o integral cumprimento dos acordos estabelecidos quanto a admissões, assistência médica e refeitório.

Celtex

Os trabalhadores do sector químico da Celtex decidiram em plenário paralisar nos dias 24, 25 e 26, para pressionar a administração a aceitar o caderno reivindicativo. O plenário decidiu igualmente que em 30 do corrente e 1 de Julho se efectuará nova paralisação, se entretanto a situação não for desbloqueada.

Segundo um dirigente sindical dos Químicos, a administração da empresa remete a revisão dos salários para o contrato colectivo de trabalho da Indústria Química.

Os trabalhadores pretendem aumentos salariais de 22 por cento, retroactivos a 1 de Maio e aumento do subsídio de refeições de 45 para cem escudos desde a mesma data.

Siderurgia Nacional anuncia uma semana de paralisações

Os trabalhadores da Siderurgia Nacional vão apertar quatro horas por turno, de segunda a sexta-feira da próxima semana, em luta pelo cumprimento integral do acordo colectivo de trabalho (ACT), contra a proposta da administração de regulamento de regalias sociais e contra os «aumentos selectivos a um número reduzido de trabalhadores».

As organizações representativas dos trabalhadores (ORT's) decidiram por outro lado manter a recusa às horas extraordiná-

rias e exigir reuniões urgentes com o Ministério da Indústria e Tecnologia e com o conselho de gerência.

As ORT's consideram ainda que a instauração de inquéritos disciplinares a três delegados sindicais é um exemplo de como o conselho de gerência «procura por processos de intimidação e repressão desmotivar as ORT's e outros activistas da defesa dos interesses dos trabalhadores» e reclamam que os inquéritos em curso «tenham só uma possível conclusão — o reconhecimento

da razão que assiste aos visados».

Na reunião de ORT's, efectuada em 16 de Junho e cujos resultados foram ontem anunciados à imprensa, foi decidido apoiar a manifestação convocada para 27 de Junho.

As ORT's de empresa consideraram também que «a resolução dos problemas dos trabalhadores da Siderurgia e de todos os trabalhadores portugueses» só é possível com «uma nova política e um novo Governo».

EPAC

Sindicatos contra o novo regime de comercialização do trigo

Uma iniciativa de «graves consequências económicas e sociais e uma medida que tem por destinatários privilegiados os grandes industriais de moagem da CAP» é como a Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio e Serviços classifica o novo decreto-lei que altera o regime de comercialização do trigo.

A referida Federação sublinha em comunicado que «a liberalização constitui uma decisão ne-

gativa para a economia nacional e para os dois mil trabalhadores da empresa» (EPAC), que tem usufruído do monopólio da importação de cereais.

O documento manifesta a «mais viva oposição ao diploma em apreço» (que aguarda promulgação), bem como a determinação «de prosseguir as acções tendentes a impedir a sua entrada em vigor».

A Federação sublinha a dado passo do comunicado:

«É impossível iludir a relação entre este diploma e a estranha insistência em proceder à liberalização este ano, o que corrobora a análise feita sobre os objectivos manobristicos da iniciativa governamental».

O comunicado refere ainda que «já foi entregue na Assembleia da República uma petição» que visa levar o plenário a apreciar o diploma «nos termos constitucionais».

PRAIAS

PREÇOS EXCEPCIONALMENTE BAIXOS

8 e 15 DIAS * 12^o ANO PORTUGAL

CANÁRIAS

LAS PALMAS

DESDE 16.130\$

PARTIDAS: JUL 27

AGO 3 10 17 24 31 • SET 7 14

PEÇA O PROGRAMA DETALHADO

SOL Y SOMBRERO

1840

consulte o seu Agente de Viagens

PRAIAS

PREÇOS EXCEPCIONALMENTE BAIXOS

8 e 15 DIAS * 12^o ANO PORTUGAL

BALEARES

PALMA de MAIORCA

DESDE 14.190\$

PARTIDAS: JUL 13 20 27

AGO 3 10 17 24 31 • SET 7 14

PEÇA O PROGRAMA DETALHADO

SOL Y SOMBRERO

1840

consulte o seu Agente de Viagens

PRAIAS

PREÇOS EXCEPCIONALMENTE BAIXOS

VIAGENS EM AUTOPULMAN DE LUXO COM AR CONDICIONADO

COSTA DEL SOL

8 e 15 DIAS

DESDE 7.540\$

PARTIDAS: JUN 7 14 21 28

JUL 5 12 19 26 • AGO 2 9 16 23 30 • SET 6 13 20

PEÇA O PROGRAMA DETALHADO

SOL Y SOMBRERO

1840

consulte o seu Agente de Viagens

q semana

“Quem alimenta um tigre...”

“Quem alimenta um tigre, acaba um dia por lhe cair nas goelas” — foi com este comentário-aviso que C. J. Chen, director da secção de Negócios norte-americanos do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Taipé, desabafou as suas mágoas em relação ao andamento actual das relações EUA-Pequim. Na verdade, ao contrário do que muitos supuseram, a Administração Reagan dá mostras de realismo diplomático, continuando a jogar no trunfo pequinês e elevando-o mesmo a níveis inesperados. No final da sua visita a Pequim, o secretário norte-americano de Estado, Alexander Haig, anunciou que os EUA passarão a vender armas ofensivas à China, cortando assim com a tradição que impede esse tipo de fornecimentos aos países que — justificadamente ou não — se reclamam do marxismo. A velha afirmação de que a China é o 16.º país do NATO nunca esteve mais próxima da verdade do que agora. E se é certo que o tigre chinês poderá um dia cair na tentação de engolir o seu actual aliado, esse tempo vem longe. Por agora, em Pequim tudo são blandícias: os dirigentes chineses ouvem mesmo sem pestanejar as declarações de Reagan quando este afirma que a Formosa continuará a receber armas dos EUA para se defender.

Na China, Haig, além das relações bilaterais, abordou a criação de uma frente comum no Kampuchea contra o regime de Phnom Penh e a cooperação de Pequim no fornecimento de armas e outro apoio aos contra-revolucionários do Afeganistão.

O Paquistão, deixado um tanto ao abandono pela Administração anterior, é agora alvo das atenções ocidentais, que pretendem ver esse país virado para a luta contra o Afeganistão revolucionário. O comentarista de “Le Monde”, Gerard Viratelle, entende mesmo que as tentativas de aproximação feitas por Islamabad em relação à Índia, sua tradicional inimiga, se destinam exactamente a permitir que as tropas paquistanesas descansem dessa frente para se consagrarem aos trabalhos anti-fogões. As negociações americano-paquistanesas terminaram por um acordo em cheio: os EUA fornecerão caças F-16 ao Paquistão, material de defesa em terra, e uma ajuda económica e militar escalonada por seis anos de três mil milhões de dólares, graças à qual a ditadura de Zia Ul-Haq poderá “enfrentar as ameaças sem precedentes” que para ela representam “as tropas soviéticas no Afeganistão”.

Mas não fica por aqui a solicitude ocidental em relação ao Paquistão: denunciando, uma vez mais, a total subordinação do FMI e do Banco Mundial a uma potência — os EUA — estas duas instituições financeiras (que, não se esqueça, funcionam teoricamente sob a égide da ONU) concederam um “pacote de benesses” ao regime de Zia: um direito de tiragem especial no valor de 1,7 mil milhões de dólares, um novo faseamento das dívidas contraídas, sob os auspícios do Banco Mundial, junto de um consórcio internacional, uma assistência económica e financeira de 1,17 mil milhões de dólares e 110 milhões para os “refugiados afgãos”.

Este súbito carinho pelo Paquistão — cujas tentativas de fabricar armas atómicas não parecem incomodar nenhuns dos que “compreendem” a acção de Israel contra a central nuclear iraquiana — tem uma contrapartida: assusta a Índia. Aceitando as negociações de paz com Islamabad, o governo indiano travou conversações importantes na capital vizinha, no desejo de normalizar as relações entre os dois Estados. Mas o anúncio do fornecimento dos caças F-16 ao Paquistão já suscitou em Nova Delhi uma firme condenação e a advertência de que tal decisão poderá “corroer o sério esforço que está a ser feito para fortalecer o processo de normalização das relações entre a Índia e o Paquistão”.

Mas não fica por isto a “semana asiática” dos EUA: ao participar em Manila na reunião da Associação das Nações do Sueste Asiático (ASEAN), Haig avançou mais um passo em direcção às agressões contra o Kampuchea. Ante a perspectiva da abertura do debate na ONU sobre o Kampuchea (no próximo mês), os EUA procuram levar a aprovarem (apesar da relutância de alguns dos seus membros, a aprovar a frente unida, entre Sihanuk, Son Sann e os Khmer Vermelhos. A potência que mais anima esta frente é Pequim, secundada nos seus esforços pelos EUA. Mas a constituição desta frente parece erizada de dificuldades. Na verdade, o próprio Sihanuk (que entretanto deixou de ser “papagaio de Pequim”) afirma sem rodeios: “O interesse da América, da China e da ASEAN é servirem-se dos cambojanos como carne para canhão, a fim de deterem o avanço dos vietnamitas em relação à Tailândia”. A própria revista “Time” sugere que a sorte do Kampuchea é o que menos interessa ao consórcio guerreiro internacional, decidido, sobretudo, a não dar tréguas ao Vietname.

Se a política americana em relação ao Paquistão não parece suscitar quaisquer dúvidas nos EUA, tem um reverso que muitos comentaristas ocidentais apontam: conduz a Índia para uma cooperação ainda mais estreita com a URSS e alimenta um regime, cuja fraqueza interna é por demais conhecida.

Quanto ao salto qualitativo nas relações de Washington com Pequim está longe de colher a aprovação dos próprios círculos “reaganistas” dos EUA. Como diz Robert Sciel em “Le Monde”: “Seguir por este caminho tanto pode dissuadir um ataque soviético como encorajá-lo, manter a estabilidade da Ásia como destruí-la, arranjar um excelente aliado como nutrir um adversário potencial. Mesmo os americanos mais favoráveis ao auxílio militar a esse país comunista, quatro vezes mais populoso que os EUA, recomendam que se caminha a pequenos passos, comedidos e prudentes”.

Em suma: se nada mudasse neste mundo, se o regime chinês perpetuasse o actual **dengxiapinguismo**, se Zia Ul-Haq se mantivesse “ad aeternum” no poder, se os cambojanos de oposição se dispusessem a servir de carne para canhão sem levantarem quaisquer problemas, se a Índia não se aborresse, se a União Soviética ficasse parada ante as arremetidas dos EUA por todo o mundo, esta semana asiática dos EUA seria um êxito espectacular. E Reagan, um presidente fino, seguidor de uma astuta Realpolitik. Mas o mal das coisas na política internacional é que todas as diplomacias (sobretudo quando muito astutas...) equivalem a alimentar tigres. Que na hora menos esperada devoram os tratadores.

Alice Nicolau

Amanhã em França a volta decisiva

A longa campanha política francesa terminou ontem com os apelos angustiados da direita aos eleitores para que votem amanhã no sentido de impedir os socialistas de conquistarem a maioria na Assembleia Nacional.

Jacques Chirac, o presidente da Câmara de Paris (gaullista), que lidera a antiga maioria, disse num discurso eleitoral que o país “não estava nem mais nem menos à esquerda do que nas eleições de 1978” e que “tudo depende de domingo, pois a batalha não está perdida”.

Os socialistas do presidente Mitterrand, contudo, estão de facto prestes a obter a maioria absoluta no Parlamento que tem 491 lugares.

Poderão alcançar a primeira maioria de um partido sozinho desde a vitória dos gaullistas, em 1968.

Os franceses votarão pela quarta vez durante as últimas oito semanas.

A eleição que deu a presidência a Mitterrand contou com uma participação de 86 por cento de votantes e a primeira volta das legislativas teve 70 por cento.

Nessa primeira volta, realizada no domingo, os socialistas elegeram 49 candidatos e estão em vantagem para conseguir 202 dos restantes lugares.

Os gaullistas, que tinham anteriormente 155 lugares e eram o maior grupo parlamentar, obtêm segundo algumas opiniões, um total de 90 a 115 assentos.

A União para a Democracia Francesa o que pertence o partido de Giscard, poderá conquistar entre 65 a 87 lugares. D’Estaing tem desempenhado um papel praticamente nulo desde que foi derrotado por Mitterrand.

Os comunistas finalmente poderão perder amanhã cerca de metade dos seus 84 deputados prejudicados pelos acordos de desistência mútua que estabeleceram com os socialistas.



António de Vita, o advogado do “brigadista arrependido”, Patrizio Peci, ontem ferido pelas balas das Brigadas Vermelhas em Roma

Um morto e três feridos

Quatro atentados em Roma em cinco horas

A tarde de sexta-feira foi particularmente sangrenta em Roma, onde foram cometidos quatro atentados entre as 13.45 e as 18.00 horas dos quais resultaram um morto e três feridos.

O primeiro atentado, reivindicado posteriormente em nome das “Brigadas Vermelhas”, vitimou Sebastiano Vinci, subprefeito da Polícia de Roma. Atirado por seis balas, Vinci morreu imediatamente. Um polícia que o acompanhava, Pacifico Votto, ficou gravemente ferido, pelas balas disparadas pelos dois atacantes.

Um pouco depois, na Via Mazzini, dois jovens e uma rapariga atacaram António de Vita, o advogado de Patrizio Peci, o “brigadista arrependido”, e feriram-no com balas. De Vita conseguiu, porém sacar a sua pistola e disparar sobre os seus agressores.

A rapariga foi atingida e os seus cúmplices tiveram que a arrastar para um “Fiat 125” no qual se escaparam.

Recorde-se que Patrizio Peci foi condenado na quarta-feira em Turim, a 4 anos, a um mês e 15 dias de prisão e que as “Brigadas Vermelhas” raptaram em 12 de Junho o seu irmão, Roberto, em San Benedetto Del Tronto.

Por outro lado, na sexta-feira à tarde, um desconhecido telefonou para a delegação de Pescara do diário romano “Il Messaggero”, declarando que o corpo de Roberto Peci tinha sido lançado num lago situado perto de Macerata, na região de onde desapareceu. “Aqui, as “Brigadas Vermelhas”, executámos o espião Roberto Peci. O seu corpo encontra-se no lago de Caccamo. Vão procurá-lo, dentro em breve o infame Patrizio terá o mesmo fim”, declarou o correspondente anónimo. A polícia deslocou-se a Macerata para sondar o lago. Por enquanto ainda não foi confirmada a veracidade da informação.

Enquanto isto, pouco antes das 17.00 horas, em Roma, no bairro de Cinecittà, conhecido principalmente pelos seus célebres estúdios de cinema, o representante de uma casa editora, Franco Giuseppe Nieri, 32 anos, foi ferido por balas nas pernas. Este atentado foi logo depois reivindicado pelos “Nucleos Armados Comunistas Revolucionários” que acusam Nieri de ser um dos “boss” do trabalho negro.

Finalmente, no bairro de San Lorenzo, dois rapazes e uma rapariga a bordo de um automóvel, cuja marca não foi divulgada, abriram fogo sobre uma patrulha da Polícia. Os agentes saíram ilesos do atentado.

Espanha

Membro dos GRAPO morreu em greve de fome

Um elemento dos Grupos de Resistência Antifascista Primeiro de Outubro (GRAPO) que se encontrava em greve de fome morreu ontem à tarde num hospital de Madrid.

Juan José Crespo Galende faleceu às 15 horas locais (14.00 em Lisboa) no hospital La Paz, onde tinha dado entrada há oito dias, depois de se recusar há três meses a aceitar alimentos.

O elemento dos GRAPO estava detido na prisão de Herrera de La Mancha, Ciudad Real, quando iniciou a sua greve de fome.

Foi depois transferido para o hospital penitenciário de Carabanchel, em Madrid e, por fim, para o hospital La Paz onde morreu.

Crespo Galende, que há dias tinha já perdido a visão e o ouvido, era um dos membros dos GRAPO que se tinham recusado a aceitar alimentos para protestar pelas condições de vida dos reclusos na cadeia de Herrera de La Mancha, considerada de máxima segurança.

Os GRAPO começaram a sua actividade em Espanha em princípios de 1977 com vários atentados contra membros das forças policiais e militares.

Os seus últimos atentados foram o homicídio em Madrid, em Maio, do general Andres Gonzalez de Suso e de um membro da Polícia Nacional, um assalto a um banco em Alicante.

Médicos do hospital La Paz

declararam que Crespo Galende morreu devido a uma broncopneumonia no octogésimo sexto dia da sua greve de fome.

Os médicos acrescentaram que o elemento dos GRAPO tinha sido tratado com soro, depois de ter sido transferido do hospital penitenciário de Carabanchel, o que tinha permitido uma melhoria temporária do seu estado de saúde.

Três outros membros dos GRAPO, em greve de fome desde Abril, estão internados em Carabanchel.

Uma jovem pertencente aos GRAPO, Mercedes Herranz, abandonou a greve de fome em fins de Maio, depois de mais de um mês sem ingerir alimentos.

RFA

Mulheres sociais-democratas contra mísseis da NATO

As mulheres sociais-democratas da Alemanha Federal juntaram-se ontem àqueles que, dentro do SPD requerem a revogação do chamado “duplo acordo” da NATO, através de uma resolução aprovada na sua reunião nacional.

Com esta atitude, avolumou-se dentro do Partido Social-Democrata a oposição ao rearmamento nuclear da NATO, enquanto o chanceler Helmut Schmidt insiste na necessidade de manter a própria capacidade de defesa perante a União Soviética.

O “duplo acordo” adoptado em Bruxelas em Dezembro de 1979 estabelece o rearmamento nuclear europeu através da instalação de 572 novos mísseis de alcance médio para fazer frente aos “SS20” soviéticos, ao mesmo tempo que propõe negociações sobre desarmamento ao Pacto de Varsóvia.

Numa outra resolução aprovada na conferência das mulheres sociais-democratas pede-se a criação na Europa de uma zona desnuclearizada, em concordância com o que foi solicitado pelo próprio SPD em 1959 para todo o território alemão.

“El Lute” foi agraciado

O antigo gangster espanhol Eleuterio Rio Sanchez “El Lute”, sobre quem pesavam penas totalizando quase mil anos de prisão, foi agraciado na sexta-feira por decisão do Conselho de Ministros, devido à sua conduta irrepreensível.

“El Lute” que pertence a uma família de ciganos do sul do país tinha sido nomeadamente acu-

sado de 87 roubos, entre os quais alguns à mão armada. Condenado à morte por um conselho de guerra, em 1965, por assassinio no decurso de um assalto a uma joalharia, a sua pena acabou por ser comutada em 30 anos de prisão.

As suas numerosas evasões valeram-lhe uma grande reputa-

ção e popularidade em Espanha.

Depois de ter aprendido diversas línguas durante a sua detenção, “El Lute”, efectuou estudos de direito e trabalha actualmente num gabinete de advogados de Madrid no âmbito de um regime de semi liberdade. O Conselho de Ministros considerou que ele se havia reabilitado.

O reactor de Tamuz e os compromissos

Condenação unânime de Israel sem aplicação de sanções

O Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou por unanimidade uma resolução em que «condena veementemente» a destruição por Israel de um reactor nuclear iraquiano.

Na resolução, afirma-se que o Iraque tem direito a receber compensação de Israel pelos prejuízos causados.

Solicita-se também a Israel que se abstenha de realizar, no futuro, ataques semelhantes e que coloque as suas instalações nucleares sob supervisão da Agência Internacional de Energia Atômica.

Um pedido de sanções obrigatórias contra o Estado judeu foi eliminado do texto a pedido dos Estados Unidos, que durante dias, negociaram com o Iraque uma posição mutuamente aceitável para o debate do Conselho de Segurança.

A reunião extraordinária do Conselho de Segurança foi pedida pelo Iraque depois de, em 7 de Junho, aviões israelitas terem destruído a central nuclear de Tamuz, perto de Bagdade.

Antes da votação, a embaixa-

dora dos Estados Unidos afirmou que Israel era um aliado válido mas que o seu ataque contra o reactor iraquiano tinha prejudicado as perspectivas de paz no Médio Oriente.

Jeanne Kirkpatrick tinha sublinhado o «comprometimento dos Estados Unidos numa paz justa e duradoura no Médio Oriente», mas que o ataque israelita não tinha contribuído para este objectivo.

A resolução foi elaborada depois de extensas negociações entre Jeanne Kirkpatrick e o ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros, Saadoun Hammadi.

A resolução não contém um pedido de sanções contra Israel, o que teria provocado um veto dos Estados Unidos.

A aprovação desta resolução constitui até agora a mais forte condenação de uma acção israelita pelos Estados Unidos.

Jeanne Kirkpatrick subiu a tribuna depois de ter falado Sivgard Eklund, director-executivo

da Agência Internacional de Energia Atômica.

Eklund, da Suécia, disse ao Conselho de Segurança que o Iraque tinha cumprido inteiramente o sistema de segurança da Agência, ao abrigo do tratado de não-proliferação nuclear e acrescentou que, na última inspecção realizada, se comprovou que não tinha sido retirado nenhum material nuclear do reactor iraquiano.

Além dos Estados Unidos, fazem actualmente parte do Conselho de Segurança a União Soviética, a China, a Grã-Bretanha, a França, a Irlanda, a Espanha, a República Democrática Alemã, o México, o Panamá, o Níger, a Tunísia, o Uganda, o Japão e as Filipinas.

Pela primeira vez EUA condenaram

A negociação de ontem foi difícil, mas foi conduzida com a preocupação constante, tanto do lado americano, como do iraquiano, de evitar o veto dos Es-

tados Unidos, que provocaria uma irremediável rutura entre Washington e o Mundo Árabe.

Pela primeira vez verificou-se um diálogo directo e positivo entre os Estados Unidos e o Iraque sobre uma questão que afecta todos os aspectos do conflito do Médio Oriente.

Os Estados Unidos, efectivamente, aceitaram que o texto aplique a Israel a palavra «condenar» (em vez de «lamentar» ou «deplorar») e que o preâmbulo evoque «o perigo causado à paz e à segurança internacionais» provocado pelo ataque israelita.

A diplomacia francesa parece ter desempenhado um papel importante na negociação. O texto contém, realmente, os três pontos sugeridos pelo representante francês, Jacques Leprette: condenação da «acção militar israelita», apelo a Israel para que não volte a actuar da mesma maneira, e reconhecimento do direito do Iraque a indemnizações.

Foguetão europeu

À terceira o Ariane subiu

O foguetão europeu Ariane foi lançado ontem da base espacial de Kourou, na Guiana francesa, no seu terceiro teste de voo depois do início da missão ter sido atrasado, por duas vezes devido a problemas técnicos.

Os dois satélites transportados pelo Ariane para uma órbita de 30 000 quilómetros são o satélite meteorológico europeu «Meteosat 2» e o satélite de comunicações «Apple», construído pela Inia.

Este foi o terceiro lançamento do foguetão europeu e o segundo com êxito.

O primeiro Ariane foi lançado para o espaço em Dezembro de 1979, mas o segundo teve de ser destruído pouco depois da partida, em 23 de Maio de 1980, quando transportava também dois satélites.

Depois do lançamento de ontem a agência espacial europeia vai iniciar os lançamentos normais com o Ariane num programa que prevê a colocação em órbita de uma dezena de satélites geo-estacionários durante a década de 80.

Independência da Namíbia

SWAPO não aceita emendas à Resolução da ONU

O presidente da SWAPO (Movimento de Libertação da Namíbia), Sam Nujoma, numa entrevista dada à agência angolana de imprensa (ANGOP) reafirmou a posição do seu movimento de rejeitar qualquer tentativa de elaboração da constituição namibiana por estrangeiros.

A declaração do presidente da SWAPO alude aos últimos contactos com o ministro britânico dos negócios Estrangeiros, «lord» Carrington, após a Conferência internacional sobre as sanções contra a África do Sul.

«A SWAPO não aceitará nenhuma emenda à resolução 435 da ONU. Ela deve ser aplicada integralmente para dar ao povo namibiano a prerrogativa de exercer os seus direitos e a oportunidade de participar livre e democraticamente nas eleições sob a supervisão da ONU», revelou Nujoma.

Quanto aos contactos que teve com Hans Dietrich Genscher, ministro alemão federal dos Estrangeiros, Nujoma explicou que as consequências de um qualquer malogro nas negocia-



Sam Nujoma

ções sobre o problema namibiano será da responsabilidade das potências ocidentais, em particular as que pertencem ao Conselho de Segurança da ONU, e que, acentuou, «usam do seu veto para defenderem a África do Sul racista».

Por outro lado, pôs em relevo

que qualquer reacção negativa da África do Sul perante as exigências do povo namibiano, será castigada pela continuação da guerra e das hostilidades em geral.

O presidente da SWAPO apresentou a Genscher a posição do povo da Namíbia quanto às manobras do actual governo norte-americano, que considera a África do Sul um «aliado seguro» desde sempre, quando na última guerra mundial comandados «Boers» sul-africanos lutaram ao lado dos nazis.

Nujoma mostrou-se satisfeito com a posição dos novos dirigentes da França sobre a questão namibiana. Gostaria, com efeito, que se concretizassem as promessas de François Mitterrand, que defende sanções económicas contra a África do Sul. «Pela primeira vez, disse, um chefe de Estado francês manifestou o desejo de apoiar os movimentos de libertação nacional».

Na sua entrevista, Nujoma pôs ainda em relevo o apoio político e diplomático da República Popular de Angola à SWAPO.

Presidente Viola vaiado no estádio

Pela primeira vez desde, pelo menos, há oito anos, um presidente da República Argentina foi assobiado e vaiado num estádio de futebol.

O general Roberto Viola foi, com efeito, recebido com copiosos assobios e vaias, quando entrou para a tribuna de honra do estádio de Rosário, onde a equipa nacional argentina disputava um jogo de treino contra uma selecção local.

Para marcar o seu descontentamento em relação à política económica do Governo, o público gritou em seguida «aumentem os salários, precisamos de comer».

Nenhum presidente da República tinha sido assim recebido num recinto desportivo desde a época de Hector Campora, cujo mandato precedeu o regresso de Juan Domingo Peron.

A Argentina atravessa uma



Roberto Viola

crise económica aguda e vive num clima de tensão política e social que se tem progressivamente agravado.

General Summers «analisa»

O general americano na reserva Gordon Summers efectuou recentemente uma visita de 48 horas a El Salvador, durante a qual «analisou» a situação do país, indicou, o presidente salvadoreño Napoleon Duarte.

Durante a sua estada, o oficial americano conferenciou com os dirigentes da Junta fascista. Nos meios oficiais de El Salvador, tal como na Embaixada americana, recusa-se comentar esta visita - relâmpago do general Summers.

Condenados os assassinos de Chamorro

Quatro dos nove responsáveis

do assassinato de Chamorro Cardenal, director do jornal de Manágua «La Prensa», foram hoje condenados a 30 anos de prisão.

Os condenados são Silvio Pena Rivas, Domingo Chavarria, Pedro Ramos (cubano residente em Miami, Estados Unidos) e Silvio Vega, evadido da justiça, que se afirma estar no Brasil.

Os outros responsáveis foram condenados a penas até 20 anos de prisão, por tentativa de assassinio e por pertencerem a uma associação de malfetores.

São eles Concepcion Martinez, Susana Martinez, Pablo Nunez Benavides, Harold Cedeño e Juan Ramon Medina.

Chamorro Cardenal foi assassinado a tiro, há três anos e meio, numa rua de Manágua.

24 horas

A REPRESSÃO RACISTA — A Polícia sul-africana prendeu ontem de madrugada Zwickla Sisulu, antigo presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Imprensa Negra (MWASA) que fora atingido por uma medida de suspensão de direitos por três anos em 29 de Dezembro de 1980.

soube-se de boa fonte. Zwickla Sisulu é filho de um dos líderes históricos do ANC (Congresso Nacional Africano), Walter Sisulu condenado a prisão perpétua na Penitenciária de Robben Island, ao largo da Cidade do Cabo.

URSS-IRAQUE — A União Soviética e o Iraque assinaram em Moscovo um acordo de cooperação económica, prevendo designadamente a participação da URSS na exploração de jazigos de petróleo e a construção térmica. O acordo foi assinado por Semion Skatchkov, presidente do Comité de Estado soviético para as Relações Económicas com o estrangeiro e Tahir Tawfik, ministro iraquiano da Indústria e dos Recursos Mineiros, no final de uma sessão da Comissão sovieto-iraquiana para a Cooperação Económica e Técnica.

BANI-SADR — O Parlamento iraniano iniciou hoje um debate que se espera determinar o obituário político do presidente Bani Sadr. Um porta-voz do Parlamento, composto por 217 lugares, disse à agência Associated Press, em Beirute que 23 deputados da oposição boicotaram a sessão em que se discutia a competência de Bani Sadr para continuar no gabinete. «Encontravam-se mais de 180 deputados para começar o debate», declarou um porta-voz do gabinete de relações públicas do Parlamento, que recusou identificar-se. Bani Sadr, de 47 anos, foi eleito em Janeiro de 1980 para o cargo de presidente com quase 11 milhões de votos. Observadores políticos em Teerão afirmaram temer que, quando o Parlamento dê a conhecer a sua decisão, se registem confrontos violentos entre adversários e partidários de Sadr.



MAIS UM «SOBREAVISO» DE EAGLEBURGER — Lawrence Eagleburger, secretário de Estado adjunto americano para os assuntos europeus, pôs de sobreaviso os membros da Aliança Atlântica contra a possibilidade de porem em causa a decisão da NATO relativa à instalação de novos foguetões nucleares americanos na Europa e a oferta paralela de negociações à URSS. Eagleburger, que participava numa conferência germano-americana, comentou que tal contestação provocaria uma diminuição da credibilidade ocidental.



JOÃO PAULO II — A segunda operação a efectuar a João Paulo II «será vital», disse hoje Emilio Tresalti que dirigiu a equipa de clínicos que assistiu o Papa quando do atentado ocorrido em 13 de Maio. Tresalti, que regressou ontem a

Roma, proveniente do Chile, acrescentou que o pontífice recuperara-se totalmente com o tempo e que segunda operação, a realizar dentro de 60 dias, «será, contudo, menos perigosa que a anterior».

Irlanda:

Os bispos e as greves

Os bispos católicos da Irlanda pediram ontem aos grevistas da fome do Exército Republicano Irlandês (IRA) «que reflectissem profundamente sobre os males das suas acções e respectivas consequências».

Numa declaração, emitida no termo de uma das suas reuniões habituais, os bispos afirmaram haver o perigo de maior violência e ameaça à estabilidade do conjunto da estrutura social.

Os bispos incitaram ainda as duas partes a tentarem uma solução de compromisso quanto à questão das prisões.

«Pedimos ao Governo (britânico) que mostre uma abertura correspondente quanto a estas questões», referiram os bispos.

ROMÉNIA

AOS DOMINGOS DE 3/5 A 25/70

Burelitas e Pralas do Mar Negro

25.900\$

MOLDAVIA E TRANSILVÂNIA

BUCARESTE E CARPATOS - GEREATRIA

Roménia e Bulgária

32.700\$

VIAGENS ACOMPANHADAS

COMPARE OS NOSSOS PREÇOS

CONDIÇÕES ESPECIAIS PGRUPPO

VIAGENS

FIORINTE

OPERADORES TURÍSTICOS

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

exclusivo

Bolívia

No inferno das minas de estanho

□ Gery Ferrero-Daubert

■ Le Monde

8 horas da manhã. A 4200 metros não faz calor. O sol recém-nascido não consegue distarçar as chicotadas do vento. O camião, um velho Dodge, começa a trepar penosamente a estrada poeirenta de Cerro-Rico. Apoiado a um taipal que range, apertado entre uma vintena de mineiros amontoados na caixa, acabei por mergulhar num mundo diferente. O das minas de estanho. O «metal del Diabolo», como lhe chamou Augusto Céspedes, um dos maiores escritores bolivianos.

O metal do Diabo é a história da Bolívia de Potosi. Estes rostos índios, marcados pela rudeza do Altiplano, são, diz-se, os descendentes do império Inca. Talvez... certamente os herdeiros dessas dezenas de milhares de deslocados que, no século XVI, os espanhóis conduziram à força para as minas, para extrair a prata. Desde 1545, a história de Potosi é a de uma montanha sangrada por todos os lados.

As curvas, na estrada intransitável, parecem a cada momento querer atirar-nos para o abismo. António, o mineiro que nos acompanha, desata a rir: já está habituado a este género de transporte. Tal como os seus companheiros de trabalho, arranjou uma filosofia própria: «Somos ganados — (gado). O dia começa e mais vale saborear estes últimos momentos de luz, porque daqui a pouco, no fundo da mina, será bem pior.» Uma cadeia de montanhas cortada por profundos vales, desérticos, feita de rochedos e de terra cinzenta. No meio da paisagem de pesadelo a cidade surge como que posta ali por acaso. Cidade irrevel que só a presença do minério consegue explicar.

Duas mulheres, entre a carga, permanecem indiferentes ao espectáculo. Acocoradas lembram aquelas índias de todos os mercados bolivianos, com a sua «pollera», a série de saias sobrepostas, dobrada de baixo delas. Posição secular cristalizada através dos tempos e da vida.

Tinha de acontecer: o Dodge avariou. As pedras e as covas deram conta do motor arquejante. «Vamos!» grita António, saltando o taipal. «Continua-se a pé. Já estamos perto». Patusco pobre-diabo, o António. Um jovem, com apenas vinte e cinco anos. Conhece bem a mina. Há mais de dez anos que ali trabalha. Que ali trabalhava, aliás, porque tolhido de reumatismo, teve de abandonar toda a actividade.

FORTUNAS

António passou dez anos nas minas particulares de Cerro-Rico, «a Colina Rica». Tão rica que com a prata dela extraída desde a conquista espanhola, poder-se-ia ter construído uma ponte de Potosi a Madrid. A lenda adornou-se de laivos históricos quando, em 1825, o libertador do país, Simón Bolívar, declarou do alto da colina: «Esta montanha é a admiração e a inveja do universo». Com o esgotamento da prata chegou, no final do século passado, o tempo do estanho que originou as mais fabulosas fortunas da Bolívia. As de Rothschild, de Aramayo e de Patino, um dos homens mais ricos do mundo entre as duas

As condições de trabalho dos 15 000 índios de Potosi não mudaram desde a conquista espanhola. No inferno das minas de estanho, eles esperam viver, apesar de tudo até aos trinta e sete anos...

guerras mundiais. Juntamente com o do «Siglo Veinte», mais a norte, o filão do Potosi guindou a Bolívia ao lugar de segundo produtor mundial de estanho.

Cerro-Rico esmaga a cidade. A sua massa de forma cônica atinge os 4800 metros. Por cima dos telhados, ao fundo das ruas alinhadas, o Cerro fecha o horizonte como uma parede de pesadelo. Montanha simultaneamente adulada e maldita, encerra para sempre nas suas entranhas os cadáveres dos milhares de índios para ali deportados pelos espanhóis. Hoje em dia o trabalho no Cerro continua mas na cidade nenhuma actividade transparece. Único traço humano, as paredes brancas de uma capela a meia altura.

«Todo o Cerro está esburacado por minas», diz António, «deve haver umas quinhentas. São particulares ou de cooperativas e cada uma emprega entre cinco a quarenta pessoas, mesmo as das cooperativas». Estamos diante da entrada de uma galeria. Metro e meio de altura. A desagradável impressão de uma toca de rato. Dois rapazes estão sentados no mesmo pedregulho. Quinze anos, não mais. O moreno da tez escondido num boné de pára-quedista. Olhos no chão, umas jeans e um blusão já sem forma, brancos de pó. Um de sapatos de ténis, o outro com botas de futebol já sem ilhoses. Dois mineiros do Cerro, como milhares de outros.

Levantam as cabeças para murmurar uns tímidos «buenos dias» e voltam à sua imobilidade anterior. Os seus rostos, mal saídos da infância, estão já recobertos da máscara calma e resignada advinda de séculos de fatalidade. Uma bossa deformada nas caras: mascam uma bola de coca, lentamente, infatigavelmente, numa luta contra a fome, o tempo e a adversidade.

O LABIRINTO

A luz do dia ilumina apenas os primeiros trinta metros da galeria: depois é a escuridão total. Agarra-se na lanterna eléctrica e continuamos a avançar dobrados em dois. Na primeira encruzilhada António volta à esquerda por uma galeria de inclinação suave. Começa a fazer-se sentir um certo fresco. A fraca luz da lanterna ilumina calhaus soltos no chão. Continuamos a avançar, cinco minutos, dez. A galeria vai estreitando até deixar passageiros apenas para um de cada vez. Os ombros roçam na rocha do tecto. A galeria faz um cotovelo e desemboca numa verdadeira encruzilhada. António movimenta-se sem uma hesitação neste labirinto subterrâneo. Primeiro sinal de vida: um mineiro empurra uma vagonete carregada de terra. Espalmamos de encontro à parede e enfiados por uma galeria ainda mais estreita. Nem pensar em mais de pé. Começamos a rastejar sobre calhaus e terra. O pó, que penetra por baixo das nossas roupas, impede-nos de respirar. A temperatura ambiente não é muito elevada. O silêncio, a fadiga, a escuridão, a nossa própria respiração, envolvem-nos a ponto de nos fazer esquecer porque estamos aqui. Parece que há horas que António avança neste labi-

rinto sem fim. Subitamente ouvimos pancadas, à nossa frente. Há homens no fundo deste buraco negro! Garotos de doze, treze anos, na maioria. Os outros terão vinte. Partem a pedra com simples martelos. Um pouco mais longe outros mineiros atacam a rocha com ferramentas de brinquedo: uma picareta, um alvião. Capacetes, não há. A luzinha pousada ao pé deles, numa caixa de ferro branco, vai desenhando um sinistro bailado de sombras. Sem uma palavra, o martelo abate-se sobre a rocha, para talhar o filão esverdeado: o estanho. Não há um único espede em toda a galeria.

«Tu sabes, aqui, nas minas particulares», explica António «a morte é de todos os dias. Na semana em que deixei de trabalhar, os três tipos que trabalhavam comigo, morreram esmagados numa galeria. O mais perigoso é quando se usa o dinamite. É mais rápido, mas o preço é alto. Então poupa-se nas mechas. Fazem-se o mais curtas possível para ganhar tempo.

Ficas sem tempo para te abrigares». António deixa a sua frase em suspenso, faz uma careta para não nomear a morte, a companheira de todos os dias. Logo adiante a galeria desce quase a pique.

Foi preciso fazer contronismo num miço com 50 cm de diâmetro, para deixar passar um tobogan carregado de terra e calhaus. A galeria alarga-se mas para terminar noutra funil. As dimensões são estabelecidas em função dos mineiros e os índios quachuas são bastante pequenos. Para um ocidental médio o problema é diferente. Temos que desistir. Regressamos por uma galeria diferente. António aponta um poço vertical: os mineiros escalam-no de mãos nuas, por vezes com 30 a 50 quilos de minério às costas. Apontamos a lanterna à procura do fundo. Não se vê. Nada? Um buraco negro de várias dezenas de metros.

SEM LEI

O Cerro-Rico é uma imensa rede onde quase todas as galerias se cruzam entre si. É preciso trabalhar ali para não se perder lá dentro. Visitámos muitas outras minas: Todas parecem pertencer a uma outra era. «Germinal», na região dos Incas. No fundo da mina nada mudou. Em

1952 verificou-se a nacionalização da indústria mineira boliviana. Sob a pressão dos sindicatos o presidente Estenssoro criou a COMIBOL, organismo estatal destinado a administrar o sector mineiro que constitui a parte fundamental dos recursos do país. Mas, em Potosi, a COMIBOL emprega apenas duas mil pessoas, que, mesmo assim, produzem 70% do estanho local.

Ficam os outros dois mil mineiros das empresas privadas para os quais não há qualquer lei. No Inverno o seu número duplica quando da montanha descem os camponeses. As condições de vida na COMIBOL são certamente melhores: não há admissões antes dos dezoito anos, os domingos são pagos a triplicar, segurança social e a alimentação indispensável — carne, arroz, açúcar, pão — é vendida a baixo preço nas «pulperias», as mercearias da COMIBOL. No entanto estas regalias têm os seus limites; alojados — mal — pela COMIBOL os mineiros ficam dependentes dos seus serviços:

expulsão em qualquer momento, nem água corrente nem electricidade durante o dia. Para beneficiar da segurança social o mineiro que se inscreve tem que aguardar dois a três anos a saída dos decretos governamentais.

Durante esse lapso de tempo o mineiro não beneficia de qualquer protecção social. E as condições de trabalho nos poços, que chegam aos 800 metros de profundidade, são muito duras.

António, cujo pai é contra-mestre na COMIBOL, garante que todos os meses aparecem dezenas a pedir a admissão nas minas do estado. Mas só dois ou três, os mais duros, chegam a entrar. Para os outros a única saída é a mina privada. Devotar-se de corpo e alma a um pequeno proprietário que no fim de cada mês faz o balanço ao mineiro sem se preocupar com o resto: as derrocadas, o gás — «como na sua terra» precisa António — as galerias a subir a pulso em terreno frável, as explosões do dinamite.

Sem contar com a implacável silicose a comer lentamente os pulmões. «Tempo médio de trabalho de um homem silicosado: nove anos», dado oficial citado em 1975 por Mário Paz Zamora, director do Instituto Nacional de Saúde Pública, que fixa a esperança de vida dos mineiros em trinta e sete anos, antes de chegar à conclusão de que se trata dum verdadeiro «flagelo social».

Quando da conquista, os espanhóis tinham imposto nas minas a «mita», o trabalho obrigatório. Uma escravatura que dizimou milhões de índios; com o tempo o sistema tornou-se um pouco mais subtil, sem que nada tenha sido verdadeiramente alterado. Quer sejam «contratistas» pagos pela tarifa da COMIBOL, quer «locatários» ou «veneristas» por conta própria, nas galerias privadas, os índios continuam a extrair o minério como no tempo do Vice-Reino de La Plata. Na poeira, no calor e no medo. Dezenas de horas seguidas.

O SANGUE DOS LAMAS

A cada golpe de Estado, a revolta estala nas zonas mineiras, duramente reprimida pelo exército. Sobressaltos desesperados contra a adversidade. No trabalho de todos os dias os quechuas encomendam-se aos espíritos da mina. No fundo de cada mina velam imagens piedosas e o «tio», uma figura que simboliza Huari, o espírito da montanha. Todas as semanas, no decurso de «challa», oferecem-lhe cigarros e coca para esconjurar o seu medo da morte. Nos lugares mais perigosos das galerias e nas estradas das minas as paredes estão vermelhas do sangue dos lamás sacrificados. Velhos legados dos mitos pré-coloniais conjugados com a entrada forçada dos índios nas minas espanholas, estes destinam-se a conjurar a violação da terra e da entrada no reino de Huari.

Todos os anos em Fevereiro tem lugar no Cerro, a grande festa dos «compadres». No primeiro dia os índios aspergem a estrada da mina com seis litros de cerveja. Depois é o despejar do álcool e da «chicha». Os «lameros», os que tiram o minério nas águas lodosas das minas a céu aberto — onde trabalham já crianças de cinco anos — juntam-se aos «veneristas». Chegam também os «palliris», os que passam os seus dias nas encostas do Cerro. Mulheres e viúvas de mineiros tentam recuperar resíduos de metal. Momento de loucura. O dinamite estaleja por todos os lados, cobrindo a montanha com um fumo acre. «De Potosi nem se vê o Cerro» diz António «é a única vez em todo o ano em que o Inferno desaparece».



Bolívia: índios e militares

DESPORTO

Chauffeur conduz o pelotão

Sessenta e oito homens arrancaram para a estrada, de Cascais até Leiria, na disputa do Grande Prémio JN, a reunir o escol de velopedistas ditos «amadores de primeira» excepção feita para o Bombarrelense que, altamente combatido no seu moral após os acidentes no GP de Torres Vedras ocorridos com Lima Fernandes e com o director Afonso Henriques, ficou em casa recusando uma mão cheia de notas grândas, das mil oitocentas que o JN destinou para a cha sobre o pelotão.

Uma fuga de seis homens (Joaquim Carvalho, do Porto, Francisco Costa, do Sangalhos, Abel Coelho, do Lousa, Manuel Gonçalves, do Távira, António Pinto, da Coelima e Bernardino Sá do Coimbrões) persistiu durante larga meia centena de quilómetros, com os cinco primeiros destes galopantes a atingirem a meta no municipal leiriense em plano de igualdade e Joaquim Carvalho a tornar mais dourada a sua amarela, batendo o quarteto da concorrência por um fio. Explicando bem: o condutor de táxis, que largara como guia de Cascais, foi o melhor na tirada que desembocou em Leiria, percorrendo 169 quilómetros à média de 37,807/hora.

Depois de Joaquim Carvalho (com o mesmo tempo) ficaram António Pinto, Abel Coelho, Manuel Gonçalves e Francisco Costa, todos com 4h 28m e 12s à frente de um pelotão que era comandado pelo portista José Amaro e chegou ao risco branco com 4 horas 29 m e 0,4 s.

O primeiro desistente foi Manuel Durão, da Alfena/Lavandarias Expresso. A primeira contagem de montanha, no Alto de Cheleiros, foi vencida por Joaquim Andrade, o veterano chefe de fila da Ovarense. Mas a romaria ainda agora vai no adro: e já se sabe que haverá controlo antidoping na meta de Seia, que a turma do Lousa (especialmente por falência de Elias Campos e Isaac Nunes) levou um rombo nos seus sonhos, que as etapas do último dia (Braga-Braga e Braga-Porto) serão antecipadas de uma hora para que toda a gente possa ver e ouvir como se vão passar as coisas no Suécia Portugal. Uma curiosidade de ontem: à sua porta, para dar um abraço especial a José Amaro e oferecer água a colegas menos afortunados estava Joaquim Agostinho: e José Amaro apeou-se da máquina e, estreitando num abraço o «português voador», foi o elo de ligação entre o «campeoníssimo» e os seus maiores admiradores. Estamos em Cascais, Francisco Miranda (Lousa) vencedor da edição do ano último do Prémio JN no tocante às contagens de montanha, enverga a camisola azul, que lhe é entregue pelo fadista Manuel de Almeida e a grande coluna atira-se à conquista da estrada logo o dr. Barreiro de Magalhães aparece a assistir ao taviense Carlos Marques. «Furos» e saltos de corrente começam a deixar mosas: os primeiros alvejados são Benjamin Carvalho e Manuel Zeferino. A subida de Cheleiros faz a sua tiragem: Andrade, Joaquim Fonseca e Luis Teixeira são os melhores. Às portas de Torres Vedras, ao lado da mulher e dos

filhos com meia dúzia de amigos como testemunhas, o reencontro de Agostinho com o ciclismo português, em efemero lapso de tempo.

De rádio colado ao ouvido, está na berma do risco asfaltado a mulher de Joaquim Carvalho, o taxista que guia os companheiros. Manuel Durão vomita e queixa-se do fígado: vai na bicicleta mas mal sabe onde está. Tinham-se corrido 70 quilómetros e Herculano de Oliveira o «ancião» do bloco, aparece meio minuto da testa do batalhão, com João Merta a aproveitar muito bem o vento cortado pelo carro de apolo do FC Porto «Boyaux» a despejarem-se perante a irritação de Manuel Alves e Marco Chagas, Adriano Pedro e António Coelho.

Aos 81 quilómetros, a primeira queda em forma, rubricada por Raul Fachadas, faz uma curva direitinho que nem um fuso: quem paga as faves é o ombro esquerdo.

Guerreiros de espada na bainha

Meia dúzia de esticões, mas toda a gente a deitar contas à vida, sem arriscar o que quer que fosse. O onze, Joaquim Cunha pedala com pernas à Garrincha, arco imperfeito e máquina a gingar. Nos carros, antigos ciclistas controlam as operações dos pupilos: Emídio Pinto (Porto), Joaquim Leite (Fagor), João Marcelino (Sangalhos) e Carlos Vitorino (Távira) vão tomando conta das bússolas.

Fernando Pereira contraria o regulamento: recebe apoio mecânico no lado esquerdo da estrada. Laurentino Silva pedala

Neves de Sousa enviado especial

agachado, equilíbrio instável sobre o metal e a borracha, mal preparada a bicicleta e o artista para estas andanças. Aos 108 quilómetros, um trambolhão de todo o tammanhp: Andrade, António Coelho e Diamantino Duarte ficam estatelados. Estávamos às portas das Caldas da Rainha e a confusão é aproveitada para seis rapazes se escapulirem do exército: Joaquim Carvalho, Francisco Costa, Abel Coelho, Manuel Gonçalves, António Pinto e Bernardino Sá. Dúzia e meia de quilómetros andados, já tinham quase 2 minutos de vantagem: cá atrás, a passividade estragava-se de braços abertos ao calor, à sede e ao suor.

Alcobaca é uma fita colorida, com milhares de espectadores a vislumbrares, num fogacho, os homens da pedalada. Rodovil, Ovarense e Campinense, sem embaixadores na fuga, mostram que se reservam para cometimentos mais sólidos ou que o teste não estava de molde a dar-lhes sorte em varinha mágica.

Leiria já está no horizonte quando Bernardino Sá é absorvido pelo maralhal que persegue os cavaleiros do pôr do sol. A meta fica somente para regular entre cinco: depois, é José Amaro quem dirige o grande pelotão. O Lousa, tocado por alguns azares unia-se ao Távira como grande batido da tarde.

Esta tarde, o circo parte à conquista de Seia, 162 quilómetros, chegada prevista lá para as 16 e 30. Os grandes guerreiros esperam que o duelo entre a «ala dos namorados» decida quem vai ficar a mandar na roleta. Na caravana, um sussurro a respeito do controlo anti-«doping» realizado numa etapa do «GP T. Vedras». Mas toda a gente fica satisfeita quando alinha verbas: é que o «JN» paga muito bem ao quilómetro «amador», por mais despreendido que seja das coisas terrenas, que não goste de embolsar as notinhas grandes que fazem delicias ou ajudam a conquistá-las.

Joaquim Carvalho, 27 anos, dois triunfos na algibeira, parece



Joaquim Carvalho, é saudado pelos seus companheiros de equipa. A «amarela» continua a ser sua depois de uma estrada de 169 quilómetros até Leiria

homem para resistir até cair por terra: e tem a favor Marco Chagas que, para além de cunhado e amigo está ali para traçar o plano das escaramuças que devem lançar a confusão e resguardar a camisola amarela. Mas, a verdade maior, a imutável e inquebrável verdade reside num simples aceno de sorte ou de infelicidade: os pequenos nadas que estão sempre na base das conquistas ou dos fracassos. E quem nos diz que, numa curva da estrada a fortuna ou o azar não ziguezagueiem em torno dos seus escolhidos.

Até Leiria, ninguém foi eliminado: os quatro desistentes foram para casa sem pedirem conselho à chefia. Os dois homens da Ovarense, não se po-

diam ter em pé. O famoso 60 (lembram-se das cinco voltas a Mafra que o moço encurtou a bel-prazer?) não conseguiu fazer valer o expediente por estas bandas. Quanto a Manuel Durão, tudo parece escrito: não é mais o possante sangalhenense que certa tarde, na pista da bairrada, «comeu» Agostinho num contra-relógio voltista. Se o tempo não perdoa, a falta de preparação também não se compadece com a improvisação.

Acabemos: estão 64 na penneira. Vamos a uma aposta: faça também o leitor as suas contas. Jogue o rabinho do olho pelo quadro de nomes e números e faça como nós. Isso mesmo, nem trinta vai festejar o São João portuense.

Classificações do "GP JN"

Cascais-Leiria (169km): 1.º Joaquim Carvalho (F.C. Porto-UBP) 4h28m12s; 2.º António Pinto (Coelima) M.T.; 3.º Abel Coelho (Lousa-Trinarianjus) M.T.; 4.º Manuel Gonçalves (Távira - ITT) M.T.; 5.º Francisco Costa (Sangalhos - Bosch) M.T.; 6.º José Amaro (F.C. Porto-UBP) 4-29-04; 7.º Joaquim Fonseca (Rodovil - Isuzu) M.T.; 8.º Floriano Mendes (Sangalhos - Bosch) M.T.; 9.º Belmiro Silva (F.C. Porto - UBP) M.T.; 10.º José Martins (Coelima) M.T.; 11.º Arminso Terrentino (Campinense - Belaros) M.T.; 12.º Rui Azevedo (Campinense - Belaros) M.T.; 13.º Fernando Fernandes (F.C. Porto - UBP) M.T.; 14.º José Monteiro (Alfena - Expresso) M.T.; 15.º Raul Terrentino (Campinense - Belaros) M.T.; 16.º Raul Fachadas (Távira - ITT) M.T.; 17.º Joaquim Pinto (Coimbrões - Fagor) M.T.; 18.º Carlos Santos (Távira - ITT) M.T.; 19.º Manuel Zeferino (F.C. Porto - UBP) M.T.; 20.º Marco Chagas (F.C. Porto - UBP) M.T.; 21.º José Silva (Coimbrões - Fagor) M.T.; 22.º Carlos Marques (Távira ITT) M.T.; 23.º José Sousa Santos (Rodovil - Isuzu) M.T.; 24.º Manuel Alves (Coimbrões - Fagor) M.T.; 25.º Joaquim Silva (Coimbrões - Fagor) M.T.; 26.º Manuel Gomes (Rodovil - Isuzu) M.T.; 27.º Eduardo Correia (Sangalhos - Bosch) M.T.; 28.º Manuel Martins (Coelima)

M.T.; 29.º José Marques (Távira - ITT) M.T.; 30.º Adelino Teixeira (Lousa - Trinarianjus) M.T.; 31.º Adriano Pedro (Sangalhos - Bosch) M.T.; 32.º Venceslau Fernandes (Rodovil - Isuzu) M.T.; 33.º Luis Teixeira (Coelima) M.T.; 34.º João Duarte (Sangalhos - Bosch) M.T.; 35.º Herculano Silva (Sangalhos - Bosch) M.T.; 36.º Bernardino Sousa (Rodovil - Isuzu) M.T.; 37.º José Henriques (Lousa - Trinarianjus) M.T.; 38.º Tito Timoteo (Sangalhos - Bosch) M.T.; 39.º Celestino Severino (Coelima) M.T.; 40.º Benjamin Carvalho (Coimbrões - Fagor) M.T.; 41.º Joaquim Sousa Santos (Rodovil - Isuzu) M.T.; 42.º Francisco Miranda (Lousa - Trinarianjus) M.T.; 43.º Luis Vargues (Campinense - Belaros) M.T.; 44.º Bernardino Sá (Coimbrões - Fagor) 4-29-33; 45.º Herculano Oliveira (Alfena - Expresso) 4-29-45; 46.º Alfredo Gouveia (Coelima) 4-31-15; 47.º António Fernandes (F.C. Porto - UBP) M.T.; 48.º António Castro (Rodovil - Isuzu) M.T.; 49.º Joaquim Andrade (Ovarense - EFF) 4-31-39; 50.º José Pereira (Ovarense - EFF) M.T.; 51.º Luis Gregório (Ovarense - EFF) 4-34-49; 52.º Fernando Pereira (Ovarense - EFF) M.T.; 53.º Armino Pereira (Ovarense - EFF) 4-36-2; 54.º Laurentino Silva (Alfena - Expresso) 4-38-14; 55.º Altonio Palma (Távira -

ITT) 4-38-59; 56.º António Dias (Alfena - Expresso) M.T.; 57.º Isaac Nunes (Lousa - Trinarianjus) 4-40-24; 58.º Gaspar Gonçalves (Coelima) 4-41-29; 59.º António Coelho (Távira - ITT) 4-43-02; 60.º João Marta (Campinense - Belaros) M.T.; 61.º Raul Terrentino (Campinense - Belaros) M.T.; 62.º Diamantino Duarte (Alfena - Expresso) M.T.; 63.º Armino Lúcio (Ovarense - EFF) M.T.; 64.º Elias Campos (Lousa - Trinarianjus) 4-49-58.

A média do vencedor da etapa foi de 37,807 km/hora

Por equipas: 1.º FC Porto/UBP, 13.26.20; 2.º Távira/ITT, mt; 3.º Coelima, mt; 4.º Sangalhos/Bosch, mt; 5.º Lousa/Trinarianjus, mt; 6.º Campinense/Belaros, mt; 7.º Rodovil/Isuzu, 14.04.16; 8.º Coimbrões/Fagor, 14.04.20; 9.º Ovarense/EFF, 14.15.27; 10.º Alfena/Expresso, 14.18.19.

Meta dos 5 km (antes do final da etapa): 1.º António Pinto (Coelima). Prémio da Montanha: Alto dos Celeiros/Igreja Nova (2.ª categoria): 1.º Joaquim Andrade (Ovarense - EFF), 5 pontos; 2.º Joaquim Fonseca (Rodovil/Isuzu), 3; 3.º Luis Teixeira (Coelima), 1.

Metas volantes: Torres Vedras: 1.º Carlos Santos (Távira/ITT), 3 pontos; 2.º Luis Teixeira (Coelima), 2; 3.º

Fernando Fernandes (FC Porto-UBP) 1.

Caldas da Rainha: 1.º Alfredo Gouveia (Coelima), 3 pontos; 2.º Tito Timoteo (Sangalhos/Bosch), 2; 3.º Carlos Santos (Távira/ITT), 1.

Classificação por pontos: 1.º Joaquim Carvalho (FC Porto/UBP), 10 pontos; 2.º António Pinto (Coelima), 7; 3.º Abel Coelho (Lousa-Trinarianjus), 5; 4.º Carlos Santos (Távira/ITT), 4; 5.º Alfredo Gouveia (Coelima), 3.

Classificação geral por equipas: 1.º FC Porto/UBP, 14.01.40; 2.º Távira/ITT, 14.02.48; 3.º Coelima, 14.02.52; 4.º Sangalhos/Bosch, 14.03.00; 5.º Lousa/Trinarianjus, 14.03.04; 6.º Campinense/Belaros, 14.03.12; 7.º Rodovil/Isuzu, 14.04.16; 8.º Coimbrões/Fagor, 14.04.20; 9.º Ovarense/EFF, 14.15.27; 10.º Alfena/Expresso, 14.18.19.

Por irregularidades cometidas foram multados pelo júri dois ciclistas do Sangalhos: Eduardo Correia (25 escudos) e Tito Timoteo (52 escudos). Foi também multado o director desportivo do Campinense em 100 escudos.

O júri decidiu atribuir o prémio da combatividade a António Pinto (Coelima) e o do azar a Bernardino Sá (Coimbrões) devido a avaria mecânica.

Antas: Hoje, 17 horas

O 28.º Portugal-Espanha

O seleccionador português de futebol disse no Porto que o encontro com a Suécia, dia 24, nos arredores de Estocolmo, poderá ser decisivo para as aspirações de Portugal no «Mundial-82». Juca frisou, em declarações, que pontuar na Suécia permitiria a Portugal encarar com mais confiança os restantes três jogos do grupo seis europeu liderado pela Escócia (oitro

pontos - cinco jogos), seguida da Irlanda do Norte (seis - seis), Portugal (cinco - quatro), Suécia (quatro - cinco) e Israel (três - seis).

Já não fomos jogar com a necessidade de vencer, os jogadores sentir-se-iam mais calmos e renderiam mais, disse, acrescentando: se sairmos derrotados, nada estará perdido.

A selecção portuguesa chegou ontem ao fim da tarde ao Porto, para defrontar hoje a sua homóloga espanhola em jogo particular às 17 horas no Estádio das Antas.

O jogo com a Espanha será de preparação/observação para o encontro com a Suécia, o qual é defacto, mais importante, afirmou.

A equipa inicial, disse Juca, é a seguinte: Bento; Gabriel, Simões, Eurico, Pietra, Carlos Manuel, Shéu, Alves, Costa, Nené e Manuel Fernandes.

Os onze suplentes, dos quais apenas cinco deverão actuar são: Tibi, Delgado, Veloso, Amílcar, Frederico, Lima Pereira, Nogueira, Eliseu, Sousa, Chalana e Vital.

Juca disse que a equipa inicial na Suécia deverá ser a mesma que jogará frente à Espanha, mas admitiu poder proceder a alguma alteração. Interrogado sobre a hipótese de Chalana jogar de início na Suécia, Juca, depois de se regozijar por ter sido o primeiro seleccionador a colocar Costa e Chalana na mesma equipa, considerou que o extremo benfiquista não se encontra na melhor forma. Cha-

lana enfrentou uma época de lesões e não se encontra a 100 por cento, mas um técnico tem de optar quando se lhe depa-ram situações deste género, observou.

O 28.º Portugal-Espanha

Portugal e Espanha defrontam-se pela 28.ª vez, num jogo de retribuição a uma visita portuguesa a Vigo, a 26 de Setembro de 1979. Esse desafio (1-1) ficou assinalado pela ausência de seis portistas que recusaram comparecer, alegando tratar-se de um jogo particular e que a sua equipa se encontrava empenhada na Taca dos Campeões Europeus. Nos 27 confrontos ibéricos disputados, Portugal venceu cinco, empatou sete e perdeu 15, com 32 golos marcados e 66 sofridos.

O seleccionador espanhol José Emilio Santamaría revelou entretanto a equipa que defronta Portugal: Arconada; Camacho, Tendillo, Gerardo, Gordillo, Alonso, Vitor, Zamora, Marcos, Satrustegui e Juanito, ficando como suplentes Urruticoechea, Moran, Santillana, Montero e Quique

Quem vai na corrida

As primeiras quatro desistências

Diamantino Vaz e Joaquim Cunha (Ovarense-EFF), António Cavaca (Campinense - Belaros) e Manuel Durão (Algarve - Expresso) são os primeiros desistentes. Quem vai agora na corrida: RODOVIL/ISUZU: 1 - Venceslau Fernandes; 2 - Joaquim Sousa Santos; 3 - José Sousa Santos; 4 - Manuel Gomes; 6 - António Castro; 7 - Bernardo Sousa; 8 - Joaquim Fonseca. OVARENSE/EFF: 9 - Joaquim Andrade; 12 - José Pereira; 13 - Luis Gregório; 14 - Armino Pereira; 15 - Fernando Pereira; 16 - Armino Lúcio. GRUPO DESPORTIVO COELIMA: 17 - Gaspar Gonçalves; 18 - Luis Teixeira; 19 - José Martins; 20 - Alfredo Gouveia; 21 - António Pinto; 22 - Manuel Martins; 23 - Celestino Severino. COIMBRÕES/FAGOR: 24 - Joaquim Silva; 25 - Manuel Alves; 26 - Joaquim Pinto; 27 - Benjamin Carvalho; 28 - Bernardino Sá; 31 - José Silva. FC PORTO/UBP: 32 - António Fernandes; 34 - Belmiro Silva; 35 - Fernando Fernandes; 36 - José

Amaro; 37 - Manuel Zeferino; 38 - Marco Chagas; 39 - Joaquim Carvalho.

LOUSA/ TRINARIJUS: 40 - Elias Campos; 41 - José Henriques; 43 - Isaac Nunes; 44 - Francisco Miranda; 45 - Abel Coelho; 46 - Adelino Teixeira.

TÁVIRA/ITT IDEAL COLOR: 48 - António Coelho; 50 - Carlos Santos; 51 - Carlos Marques; 52 - Manuel Gonçalves; 53 - José Marques; 54 - Raul Fachadas; 56 - António Palma.

CAMPINENSE/ BELARUS: 58 - Luis Vargues; 61 - Armino Terrentino; 62 - Raul Terrentino; 63 - Rui Azevedo; 64 - Raul Terrentino; 65 - João Marta.

SANGALHOS/ BOSCH: 67 - Floriano Mendes; 68 - Herculano Silva; 69 - Adriano Correia; 70 - Adriano Pedro; 71 - Tito Timoteo; 72 - António Brás; 73 - Francisco Costa.

ALFENA/ LAVANDARIAS EXPRESSO: 75 - José Monteiro; 76 - António Dias; 77 - Laurentino Silva; 78 - Diamantino Duarte (Alfena); 79 - Herculano Oliveira.

O traço de Pargana



crónica de touros

SOLILÓQUIO

Passatempo temático (com 50 programas)

Praça de Touros de Santarém, Domingo, 14 de Junho de 1981. Corrida da Televisão. Touro dos herdeiros do Conde de Cabral para Emídio Pinto, João Moura, Rui Salvador e forçados amadores de Santarém (cabo Carlos Empis, que fez a sua despedida).

Aceito que seja melhor ao vivo. Mas o cronista, cansado de tanta tourada à portuguesa, agarra-se à lógica comodista e forreta: corrida da Televisão é para ser vista pela Televisão. E depois, a juntar à lógica irrefutável, havia ainda o calor, aquele dia de ananases, capaz de deixar lembrado o festejo, mesmo que nada de particular acontecesse (não aconteceu). Calor que fez um holocausto nos aviários, e além de milhões de frangos e galinhas também matou gente, entre o homem e a terra se rompeu o equilíbrio. Nas bandas de Lisboa, os termómetros não subiam assim, até aos 43°, desde o ano distante de 1856. Eram os bons velhos tempos do reinado de Cuchares, que então mandava nas arenas, três anos antes a tuberculose levaria El Chiclanero, e não lhe fazia sombra o impacto do alegre des-

temor do que iria ser infortunado Pepete.

Ora considerando que os ditos 43 graus eram à sombra, e que fora dela seriam muitos mais, não admira que, se bem me lembro por vez primeira na história das dezassete corridas TV, houvesse tantas filas do Sol às moscas, com menos gente que entre barreiras. Isto sem desfazer no cartaz, aliciante quanto o permite uma tourada. Com três cavaleiros que são, aqui e agora, dos que mais interessam: porque João Moura é o astro, e Emídio Pinto foi depois dele quem na última temporada pôs mais cartas na mesa, e Rui Salvador já passou de promessa a caso concreto, chama a si o tempo dos mais novos. E além dos forçados não serem nenhuns marretas, ao nome dos amadores de Santarém juntava-se a despedida do seu cabo Carlos Empis. De esperar, pois, um grande encontro com os touros do Conde de Cabral, com sua fama de bons para tourear, gente de paz: e assim saíram no geral, além de que no «écran» não davam, no tipo e na presença, a incómoda sensação de gato por lebre. E para as pegas

guardaram poder bastante, ganas de transformar os forçados em despojos de guerra, acabou malograda a cernelha no terceiro, que se queria triunfal despedida do cabo-rabejador, e afinal despejado quando, metendo-se com o touro, buscou um campino dar à sorte outra animação. Colhido e pisado, foi Empis levado em braços para a enfermaria: caminhos cruzados, o do antigo cabo que desfalecido partia, e o do novo cabo, que o lugar lhe tomava.

Dessa escolha, feita nos bastidores da aventura, depressa Carlos Grave justificava a razão: no repetir da cernelha, ao rabejar o derrubou touro, de rastos pela arena o foi levando, no desespero da libertação não conseguida, pois resistiu Grave ao sofrimento, não deixou sua vontade que da presa as mãos se soltassem. E conseguiu na emocionante viagem ganhar pé outra vez, afirmar pelo exemplo como lhe sobeja ténpera para chefiar esse grupo de gente singular que os anos e a tradição vão renovando. E nesse constante renovar se iria o novo cabo rever, pelos caminhos do coração, quando no último, apontou

seu irmão João para a que iria ser a pega da tarde, chamando de longe com sereno arrojo, embarcando-se com garra de pedir meças à de seu companheiro Nuno Megre, que na pega ao quarto mostrou como para ele, nas arenas, os anos passam e a vida continua.

E passando à informação do resto acontecido: começou com a música e o silêncio, quando as cortesias se detiveram, e na arena se destacaram os toureiros, e disse o comentador da Televisão que se guardava um minuto «em honra de Custódio Domingos, antigo bandarilheiro e director de corridas, falecido na passada semana» — citação de almanaque pobre, pouca coisa do que, saber não faz mal, a tanta gente podia ser dito: que Custódio Domingos, mais do que bandarilheiro exímio e popular, foi talvez o primeiro dos malogrados toureiros a pé nascidos neste país, a mediocridade do meio lhe barrou o caminho das estrelas, sobrou o fugaz lampejo daquelas tardes em que na quadilha o quis levar Joselito, ou quando em 1933, a quatro temporadas da sua retirada em Luanda, com Alfredo dos Santos lidou e matou uma novilhada na praça de Vila Nova de Gaia, sem com isso poder rasgar novos horizontes, neste país taurinamente condenado ao come e cala.

Terminado o minuto de silêncio, voltaria a banda a tocar diversas vezes, que nas praças de touros as vozes de «Música! Música!» tornaram-se coisa obrigatória, às vezes sem que a lide exceda o nível atribuído ao «TV Show». Não digo que isso tenha sucedido em Santarém,

mas a verdade é que o programa, em directo, não foi êxito na TV, e o mais certo é não o ter sido para os que estiveram na praça, em directíssimo com tamanho calor.

Emídio Pinto abriu a primeira página da lide com dois ferros que cravou sem citar, cortando as viagens ao touro, sortes que decerto não constariam de qualquer manual das artes e ofícios de tourear; e se nesse primeiro não chegou a tom maior, já na lide do quarto foi crescendo, deu ideia de estar a caminho do nível com que no ano passado se pôs em foco. Não houve ferros de antologia, mas já não foi pouco estar à altura do excelente touro: e com os ganaderos e Nuno Megre compartilhou as ovações, que depois deixariam para o acto simbólico do despir a jaqueta de Carlos Empis, que alquebrado viera da enfermaria, oxalá em nova vida possa fazer de cada dia uma esperança.

De João Moura, pela Televisão não se ouvia, mas no final da lide do seu primeiro decerto perguntava a gente, como noutros tempos o Pitacas: «Afinal como é?». É assim: nesse touro sobrero (o «Nadador» saíra bem mas trazia um corno partido), o de Monforte esteve mal — mal com todas as letras. Não foi um petardo para se tornar caso da semana, mas esteve sem apelo, não houve precisão das câmaras usarem o «zoom» para vermos como cravava aliviado ou deixava tocar as montadas; sentamos nele um desconcerto, chegava a parecer um elemento de equipa portuguesa nos «Jogos sem Fronteiras». Só no seu segundo touro, que apesar de

quinto foi de todos o único «malo», sempre a soltar-se para as tábuas, pôde o fenómeno, no «Importante» e depois no «Sandokan», responder ao país que se acalorava diante dos televisores (a esta gente que nós somos, sempre pronta a exigir aos consagrados), como João Moura nem precisa de fazer nada do outro mundo para mostrar que é o maior, que no panorama do toureio nacional está por aparecer quem lhe pise os calcanhares, e que nem por isso é menino para fazer das arenas lugar para um passeio dos alegres.

De Rui Salvador dizem alguns que lhe falta personalidade, imita Moura, tira cópias do Domecq. Estranho seria que esta gente do amanhã do toureio a cavalo não sentisse o choque do moderno. Soltar a mão da rédea ao cravar, quarterar o galope no ir à cara dos touros, para quem disso for capaz, não me parece que de mérito se torne em pecado só porque outrém o faça. No seu primeiro, Rui Salvador estivera vulgar até que, ao citar para o terceiro curto, se lhe empinou o cavalo, de tal forma que, prestes a cair com ele, veio a fortuna, salvou-os da queda grande, da colhida talvez grave; foi depois desse momento emocionante que cresceu o moço, cravou um curto com raça, outro espectacular. E no sexto andou, não digo tal e qual, porque andou acima de muitos que se presumem de consagrados: capaz de citar de longe, de aguentar em curto, de pôr na lide essa verdade tocada de emoção, que outros buscam a vida inteira, e ele já encontrou aos dezasseis anos. E o resto são cantigas.

PUB

CCTV DA METALURGIA E METALOMECÂNICA



DECLARAÇÃO DE GREVE

Ao Ministério do Trabalho Às empresas do sector da Metalurgia e Metalomecânica

As associações sindicais signatárias vêm para os efeitos dos Artigos 2.º, n.º 1.º e 5.º da Lei n.º 65/77 de 26 de Agosto, declarar a greve em todas as empresas do sector da Metalurgia e Metalomecânica, entre os dias 24 de Junho e 1 de Julho, com paralisação total de laboração nas duas horas finais de cada um dos dois períodos de trabalho diário (manhã e tarde), nos termos seguintes:

- Distritos de Aveiro, Coimbra, Leiria, Guarda, Viseu e Castelo Branco — a paralisação tem lugar nos dias 24 e 29 de Junho.
- Distritos do Porto, Viana do Castelo, Braga, Vila Real e Bragança — a paralisação tem lugar nos dias 25 e 30 de Junho.
- Distritos de Lisboa, Santarém, Setúbal, Beja, Évora, Portalegre e Faro — a paralisação terá lugar nos dias 26 de Junho e 1 de Julho.

Para os trabalhadores que laborem a turnos, observar-se-á o seguinte, sempre no âmbito espacial e temporal acima indicado:

- As 4 horas de greve serão distribuídas em dois períodos de paralisação de duas horas, sendo o primeiro imediatamente anterior ao intervalo e o segundo imediatamente anterior ao termo do turno, em caso de turno totalmente diurno.
- As 4 horas de paralisação recairão no período final do turno, imediatamente antes do seu termo, em caso de turno total ou parcialmente nocturno.

O Pré-Aviso de Greve abrangerá igualmente os turnos que se iniciem antes das 00.00 horas ou se prolonguem para além das 24.00 horas dos dias acima referidos, desde que recaiam parcialmente nos mesmos.

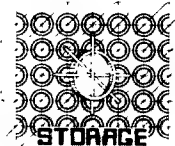
Vale a presente como declaração de pré-aviso de greve

Lisboa, 19 de Junho de 1981

Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal; Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Químicas e Farmacéutica; Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos; Federação Nacional dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras; Federação Nacional dos Sindicatos da Indústria de Hotelaria e Turismo; Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas; Sindicato dos Técnicos de Desenho; Sindicato dos Telefonistas do Norte; Sindicato dos Telefonistas e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa; Sindicato dos Construtores Cívicos; Sindicato dos Trabalhadores do Serviço de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares; Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações; Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa; Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Cartonagem; Sindicato dos Fogueteiros de Mar e terra do Norte; Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Escritórios do Distrito de Castelo Branco; Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul; Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas; Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Santarém; Sindicatos dos Profissionais do Comércio e Serviços do Distrito de Évora; Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro; Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Escritórios do Distrito de Leiria; Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Beja; Federação Portuguesa dos Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio e Serviços; Sindicato dos Trabalhadores Sociais.

INFORMÁTICA — ensina-se recolha dados — cartão perfurado IBM e UNIVAC - DISKETTS IBM 3742

modalidades acessíveis — das 8 às 22.00 horas



TELEMÁTICA

E CONTABILIDADE, LD.ª

R. Coelho da Rocha 66 r/c esq.º Tel. 674838
Campo de Ourique

seja independente! trabalhe no que é seu

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida. Seja INDEPENDENTE. GANHE MAIS DINHEIRO. TIRO POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPÃO.



- | | |
|---|--|
| ☐ COSTURA | ☐ RADIO, ELECTRÓNICA TV |
| ☐ FOTOGRAFIA | ☐ DESENHO E PINTURA |
| ☐ RELACÕES PÚBLICAS | ☐ ELECTRICIDADE |
| ☐ VENDAS / MARKETING | ☐ INGLÊS |
| ☐ CONTABILIDADE | ☐ SECRETARIADO |

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um X

GRÁTIS

NOME

MORADA

LOCALIDADE



CEC - ÁLVARO TORRÃO * Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA CODEX - Telef. 54 31 36

STAR

PORTO SANTO

MADEIRA AÇORES

PEÇA O NOSSO CATÁLOGO

88 VIAGENS

LISBOA • ESTORIL
PORTO • GUIMARÃES
FARO • FUNCHAL
PORTO SANTO



54 45 45



centro S.O.S.

voz amiga

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

A noite tatooada

A noite de ontem foi dominada pela transmissão integral do **Tatoo** das Forças Armadas portuguesas, realizado em Évora.

Como se calcula pois, a missão do crítico torna-se complicada. Sobre um espectáculo como aquele há muito a dizer, mas não sei até que ponto a dissertação interessaria aos costumados leitores desta secção, habituados a pratos menos fortes.

Ora, para além daquela meia dúzia de palavras que o acontecimento inevitavelmente implica, o crítico entretanto recorda alguns passos da TV ao longo do dia.

Com uma especial chamada de atenção para a rubrica «Repensar a Escola», da responsabilidade do Instituto de Tecnologia Educativa.

A professora Adriana Calvet acompanhou as imagens, do princípio ao fim, em voz off. Processo perigoso. Com as imagens em primeiro plano e sempre no plano dos olhos, a voz ficou remetida à posição subalterna e nem sempre paralela à imagem. Aberto o «conflito», as imagens ganhavam, durante largos períodos a voz desaparecia da circulação.

Foi pena. Foi pena porque Adriana Calvet trouxe matéria de muito interesse para todos, particularmente para os educadores. Fê-lo com extremos de rigor e de solenidade. Perder-se uma palavra era correr o perigo de perder a frase. O processo não pode considerar-se antitelevivo. Talvez até pelo contrário. A frase curta, incisiva, directa ganha o espectador se o seu ter-

ritório estiver bem demarcado. O que nem sempre aconteceu.

Adriana Calvet deve regressar com o mesmo tema. A sua exposição ajudará nas discussões sobre a legitimidade ou ilegitimidade artística da expressão infantil.

Pessoalmente considero idealismo (quero dizer: desejar mais uma realidade do que verificá-la) determinar que, face à luta de uma criança pela sua expressão, o professor não deve impor nem sequer induzir. Isto seria transformar o professor num mero espectador, colocá-lo à margem de uma aventura em que ele, como educador, também se encontra afinal comprometido. O professor tem de **saber** o sentido de uma expressão que, nas crianças, se manifesta ao nível da potencialidade instintiva. Na dialéctica criança-professor a este compete a responsabilidade. A criança vê, mas a consciência do seu olhar está no adulto. A sábia, a inábil, a criminosa utilização desse poder do adulto influi inevitavelmente na construção da criança.

Oh lá lá, onde nos levará esta avaliação da responsabilidade...

Vejam um caso. O jornalista precisa de dominar o material da sua expressão. Na imprensa escrita, tem de conhecer a gramática, o peso, o valor, a distribuição e utilização das palavras apropriadas à matéria e à natureza da publicação. Na imprensa falada, tem de conhecer o ângulo correcto da oralidade, deve ter boa dicção. Claro que um gago não serve. Na imprensa audiovisual, há-de saber usar a oralidade conveniente ao processo,

possuir boa dicção (ele é um educador de milhões de pessoas) e uma telegenia mínima. Mesmo conhecendo os estranhos limites da telegenia, salta à vista que não servem os estrábicos, os lábios rachados os que lançam perdigotos.

Ora na televisão preocupam-se pouco com certos pormenores fundamentais. O Moniz pode ser fanhoso, o Hélder de Sousa pode ser chape-chape, monócórdico e velho precoce. O José Ricardo pode ter dicção ridícula e ser um nabo a reportar. O desgraçado do Manuel Ricardo Ferreira pode ter péssima dicção, redigir com os pés, competir com telegenia, com os funcionários em acção numa agência funerária — e até se pode dar ao luxo, sendo enviado especial em Paris, falar da exposição aeronáutica do **Burguê**, quando qualquer ignorante mínimo sabe que se trata de **Bourget**...

A quem cabe a responsabilidade destas... irresponsabilidades? A resposta salta à vista...

Bom. O Tatoo. Em Évora. As bandas. A música. Os desfiles. Os capacetes. As marchas (**I am CA...**) As figuras. As alegorias. O colorido. O campo, de extraordinárias condições acústicas. A assistência, decerto muitos turistas. A GNR, no Alentejo, mais uma vez em forca. A desenhar no campo, vistosamente, a **ponte sobre o Tejo**, suponho que o locutor se queira referir à ponte 25 de Abril...

Digamos, ainda em relação à GNR, que não resultou tão espectacular como se previa o seu número tão apregoado. Disse o locutor que são eles os únicos no mundo que usam os instrumentos a galope.

Os únicos? Hum... Acho que qualquer pessoa, quando usa melhor o instrumento, é precisamente a galope. Acontece até que, mesmo quando se toma o freio nos dentes, a melodia sai afinada e gostosa.

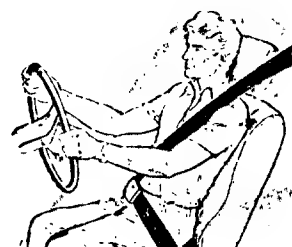
Eu, por exemplo, escrevi esta crónica a galope e ninguém pode dizer que usei mal o instrumento que Deus me deu.



Caminhos de Ferro Portugueses Informação

AVISO AO PÚBLICO HORÁRIO DE VERÃO

Os Caminhos de Ferro Portugueses, E.P. chamam a atenção do público para as alterações nos horários. A CP solicita e recomenda a todos os interessados a consulta dos cartazes com os novos horários afixados nas estações.



CINEMA TERCEIRO MUNDO

HOJE NA «A BARRACA»
21.30

DIA 20 — 21.30 h

Goa (António Escudeiro)

Em complemento:
Retornados, Instrumentos e Vítimas
(Margarida J. Fernandes e Mário Offenber) — Vídeo

ADOQUE
TELEF. 87 44 78

apresenta:

Paga
as
favas!

A REVISTA POPULAR
DE MUITO ALIMENTO!

Terça e Sábado, às 20.30 e 22.45 h.
Domingo e Férias, às 16.00 e 21.30 h.
Discutimos à 2ª-feira

INDÚSTRIA DE CIMENTO

PRODUÇÕES E SAÍDAS PARA O MERCADO INTERNO

MAIO/1981

	VALORES PARCIAIS			VALORES ACUMULADOS		
	TONELADAS		VARIAC. 81/80 %	TONELADAS		VARIAC. 81/80 %
	1981	1980		1981	1980	
	PRODUÇÕES					
1.º Trimestre	1 578 031	1 388 059	+ 13,7	1 578 031	1 388 059	+ 13,7
Abril	481 649	490 531	- 1,8	2 059 680	1 878 590	+ 9,6
Maio	547 177	480 027	+ 14,0	2 606 857	2 358 617	+ 10,5
	CONSUMO INTERNO					
1.º Trimestre	1 618 587	1 404 101	+ 15,3	1 618 587	1 404 101	+ 15,3
Abril	536 567	522 127	+ 2,8	2 155 154	1 926 228	+ 11,9
Maio	523 787	526 093	- 0,4	2 676 438	2 452 321	+ 9,1

NOTAS:

PRODUÇÕES — Em Maio a produção de cimento foi superior em 14,0% à verificada no mês do ano anterior. Em valores acumulados, desde o início do ano, regista-se um acréscimo de 10,5% em relação a igual período do ano anterior.

CONSUMO INTERNO — Em Maio, as saídas para o mercado interno (Continente e Ilhas) foram praticamente iguais (- 0,4%) às verificadas no mesmo mês do ano anterior. Em valores acumulados, desde o início do ano, verifica-se um acréscimo no consumo de 9,1% em relação a igual período do ano anterior.

IMPORTAÇÃO — 87.601 toneladas (valor acumulado do ano).

EXPORTAÇÃO — 8.590 toneladas (valor acumulado do ano).

Estes valores incluem as produções e as saídas para o mercado interno das empresas:

CIMPOR — CIMENTOS DE PORTUGAL, E.P.

SÉCIL — COMPANHIA GERAL DE CAL E CIMENTO S.A.R.L.

E.I.I. — ENTREPOSTO INDUSTRIAL DAS ILHAS, S.A.R.L.

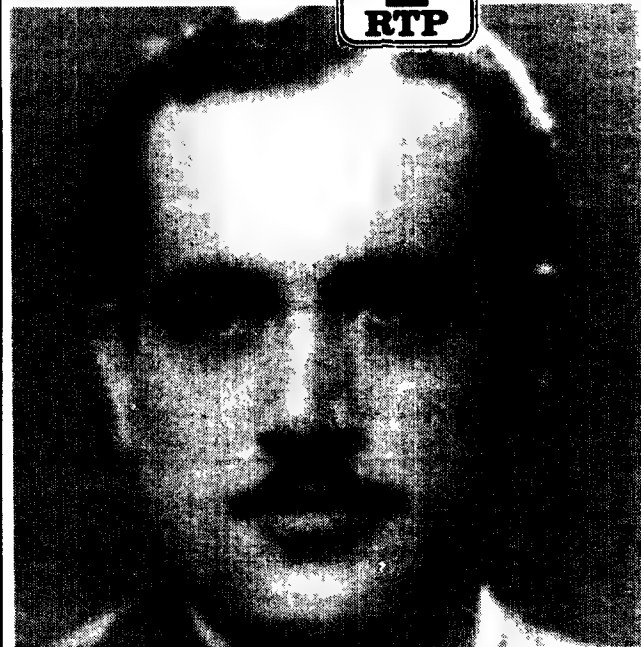
e englobam todos os tipos de cimento.

J. MARQUES

Reparação em TV a cores ou a preto e branco.
Montagem de antenas individuais e colectivas

Tel. 573559 - 577706

Hoje



O maestro Fernando Carvalho é esta noite evocado no programa **E o Resto São Cantigas**

- 15.00 «**Supermulher**» — 4.º episódio. Intérpretes: Linda Carter, Lyle Waggoner e Bary Burghoff.
- 16.00 **Porque Hoje é Sábado** — as habituais rubricas dedicadas aos jovens com intervenções diversas.
- 18.30 «**Danedike**» — 5.º episódio. Intérpretes: Michael Craig, Preston Lockwood e Kenneth Colley. Realização: Wright Miller.
- 18.55 **Magazine/7** — programa da Direcção de Informação.
- 19.30 «**Gente Singular**» — «Retratos da Vida da Província». Realização de Alfredo Tropa.
- 20.00 **Quinzena Teatral** — o magazine sobre a Arte de Talma.
- 20.25 **O Tempo**
- 20.30 **Aqui e Agora** — programa da Direcção de Informação que inclui o Telegiornal.
- 22.00 **O Resto São Cantigas** — evocação do maestro Fernando de Carvalho.



Uma cena do filme «Uma Mulher que Não Vence» que esta noite é exibido na RTP-2



- 18.32 «**Água Viva**» — repetição dos episódios n.ºs 80 e 81.
- 19.55 **O Amanhã do Homem**
- 20.45 **7.ª Arte** — «Uma Mulher que Não Vence». Intérpretes: Jean Gabin, Charles Vanel e Viviane Romance. Realizador: Julien Duvivier.



GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

RTP-1

E o Resto São Cantigas (22.00)

RTP-2

«Uma Mulher que Não Vence» (20.45)

ASSISTENCIA TÉCNICA (tel. 2112871)

Amanhã



11.00: Tempo dos Mais Novos; 12.30: Eucaristia Dominical; 13.20: Setenta Vezes Sete; 13.55: Sumário; 14.00: TV Rural; 14.30: O Passeio dos Alegres; 19.00: Grande Encontro; 20.25: O Tempo; 20.30: Telegiornal; 21.05: Andy Williams ao Vivo; 22.15: «Dallas» — episódio n.º 11.

20.05: «Água Viva» — repetição dos episódios n.ºs 81-A, 82 e 83; 20.05: Limite; 21.00: «Sacketts» — 2.º episódio, 21.15: Ao Vivo.

GRUPO DE CAMPOLIDE

ACADEMIA ALMADENSE — ALMADA T. 2752175
BREVEMENTE

«GUERRA?! NÃO OBRIGADO»

Textos de B. BRECHT
enc. de Fernando Gusmão
SUB — SEC — CMA

Tribunal Cível da Comarca de Lisboa

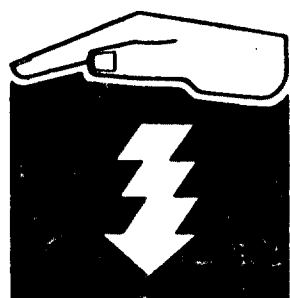
11.º JUÍZO ANÚNCIO PROC. N.º 3317

2.ª Publicação

Pelo 2.º Secção do 11.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, correm editos de 30 dias, que começarão a contar-se da 2.ª, e última publicação deste anúncio, citando os Réus, CANDEIROS GAMO, LDA., que teve a última sede conhecida na Rua Manuel Ferreira Andrade, 10 — B, em Lisboa e MANUEL ANTONIO BRANDAO SOARES, ausente em parte incerta e que também teve a sua última residência conhecida na mesma Rua e número, para no prazo de dez dias, posterior ao dos editos, contestarem, querendo, a Acção Especial (Art.º 68 do Código da Estrada), que Companhia de Seguros Imperiário, E.P., move contra os citados, sob pena de serem condenados ao pedido que a Autora deduz naquele processo, e que consiste em que os Réus sejam condenados a pagar solidariamente a Autora, a quantia de Esc. 75 330\$60, com custas, selos, procuradoria e mais legal.

Lisboa, 5 de Junho de 1981

O Juiz de Direito
José Manuel Cardoso Borges Soares
O Escrivão Adjunto
Manuel Nascimento



**POUPE
ELECTRICIDADE**

Teatro

«História de Lenços e Ventos», pelo Grupo de Teatro Vento Forte, de São Paulo, Brasil, está hoje e amanhã no Teatro da Cornucópia, com sessões às 16.30 e às 21.30. O espectáculo, cuja estreia uma informação errada nos fez anunciar para o dia 25, estreou afinal na passada quinta-feira. É pena, porque assim os nossos leitores só têm este fim-de-semana para ver mais um excelente trabalho deste grupo já conhecido do público português, através do espectáculo «Sonhos de um Coração Brejeiro Naufragado na Ilusão», apresentado em 1979 no Teatro S. Luiz.

«História de Lenços e Ventos» vem agora a Lisboa depois de se ter apresentado nos Festivais de Teatro de Genebra e Lugano, na Suíça, e Annemasse e Annecy, na França, onde foi muito bem recebido pelo público e pela crítica especializada.

Com este trabalho, o Grupo Vento Forte dá continuidade a uma proposta de um teatro aberto, voltado para todo o tipo de público e idade, atingindo crianças, jovens e adultos através de uma linguagem de raízes populares, onde o teatro, a música e a dança se unem numa relação aberta entre actores e público.

«História de Lenços e Ven-

tos» e um espectáculo da autoria de Ilo Krugil, responsável pela direcção-geral, cenários e figurinos. As músicas são de Beto Coimbra e Caique Botkay, encarregando-se da luz Roberto Mello, dos objectos de cena Marcia Corrêa, e da direcção musical David Tygel. Actores: Thaia Perez, Paulo César Brito, Paulo Freire, Marcia Corrêa, Marilda Alfaced, Ilo Krugil, Cynthia de Gusmão e Tião de Carvalho.

A estreia do espectáculo teatral de Ricardo Pais marcada para ontem na Universidade Nova de Lisboa foi adiada para dia 26. Intitulado «Terceiro Mundo», o espectáculo é «acontecimento noctívago para actores e multimédia».

Os actores são Teresa Madruga, Nuno Carinhas, José Jorge Duarte, João Pinto Nogueira, Gabriela Pais e ainda Fernanda Alves, João Perry e António Mega Ferreira, que aparecem em vídeo.

O espectáculo estará em cena nas instalações da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O adiamento da estreia foi motivado por dificuldades técnicas na montagem do dispositivo teatral.

«O Império de Iemanjá», pelo Duo Ouro Negro, é um

rôteiro cultural

espectáculo musical que o público ainda tem oportunidade de ver hoje e amanhã no Teatro da Trindade, às 21.45. Os sócios do Inatel e dos sindicatos, os estudantes e a terceira idade têm 50 por cento

feão daquela cidade leva a efeito um encontro com a participação do Coro do Circulo Cultural Scalabitano (Santarém), Coro Canto Firme (Tomar), Coral Phydellus (Torres Novas), Chorus Auris (Vila

de Telemann, D. Bigaglia e Haydn.

Visitas guiadas

A Quinta da Alorna (Almeirim). Integrada nas comemorações do centenário da Ponte D. Luís, que a Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém, de colaboração com a Associação de Arqueologia Industrial de Lisboa e apoio das Câmaras Municipais de Almeirim e Santarém, têm vindo a desenvolver, vai realizar-se amanhã mais uma visita guiada, desta vez à Quinta da Alorna (Almeirim) que será orientada por Florindo Custódio e dr. António Cláudio. A concentração far-se-á junto dos portões da referida quinta, pelas 15 horas.

Aos Barbadinhos e Telheiras. Amanhã pelas 10 horas da manhã, o Centro Nacional de Cultura efectua mais um dos seus habituais «Passeios de Domingo», desta vez às Centrais Elevatórias dos Barbadinhos e de Telheiras.

É um percurso que o Centro Nacional de Cultura já efectuou mas que, dado o grande sucesso obtido, repete, indo desta vez, também à Central Elevatória de Telheiras. Os guias são José Manuel Fernandes, Jorge Custódio e técnicos da EPAL. Local — R. Alviela, 10 à Calçada dos Barbadinhos.



Vento Forte de novo em Lisboa

de desconto no preço dos bilhetes.

Música

1.º Encontro de Coros do Ribatejo em Abrantes. Amanhã, às 17 horas, na Igreja de S. Vicente, em Abrantes, o or-

Nova de Ourém) e Coral do Orfeão de Abrantes.

Hoje, às 18.30, realiza-se um concerto em Setúbal, na Academia Luísa Todt, com a participação de Fernando Quaresma e Nuno Ivo Cruz (flautas), Emilio Semedo (violoncelo) e Christina Aleixo (piano). No programa: peças

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 16.º JUÍZO ANÚNCIO

Faz-se saber que por este Juízo e 2.ª Secção, nos autos de Execução de Sentença, com o N.º 3471/B-80, em que são: 1.º Exequente-Banco Pinto & Sotto Mayor, L.P., com sede na Rua Aurora, 28, em Lisboa; e 2.º Executados-Madureira & Gomes, Lda., que teve a sua sede na Rua dos Sapadores, 115, 1.º, Dt.º, em Lisboa, e outro, correm editos de 40 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando a referida executada, para no prazo de cinco dias, findo o dos editos, deduzir oposição, pagar ao exequente ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora. Lisboa, 9 de Junho de 1981

O Juiz de Direito,
José Martins Jacinto
O Escrivão Adjunto,
José Carlos da Costa Gabriel

D 1 - 20.6.81
2.ª Publicação

Em caso
de acidente
MARQUE
115



Muitos acidentes com
veículos pesados
têm como causa
excesso de carga
Respeite sempre
os limites.

Circular e viver



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

15.00 Feira da vida 19.00 Toda a gente e pessoa 20.00 Semanário das regiões - programa da noite 21.30 Alfa e omega 00.00 Madrugada na RDP - Norte, 05.30 Terra e mar

Programa2

14.30 Ópera comentada; 17.00 Concerto pela Orquestra Sinfónica de Lisboa; 19.24 Música de câmara; 20.05 Realidade hoje; 21.00 Música do século XX 24.00 Música de câmara; 01.00 Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.03: Som fantástico, 16.03 Musical; 16.30 Tempo de desporto; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.03 e 21.03: Quando o telefone toca (2.ª e 3.ª edições); 23.00: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97.4 MHz)

15.03: Mão na música; 17.03: Top's; 19.03: Em órbita; 21.03: Abandajazz; 22.03: Rolls rock. Noticiários de hora a hora.

RADIO RENASCENÇA

16.00: Pop, top, rock; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Igreja dos Capuchinhos; 19.00: Roda viva; 20.00: Paju; 21.00: Pentagrama; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Rádio revista; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando; 24.00: Rádio revista (continuação). Noticiários de hora a hora

Tiragem média diária do mês anterior: 49.619 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13155

HORIZONTAIS:

- Damos mensagens Altea Real
- Pancadas com o taco na bola de bilhar (pl.). Levante
- Nota musical Tosta. Tempo do verbo haver
- Negativa Que cresce na areia
- Ergues
- Uma das Espórades. Grande. Pronome possessivo.
- Tempo do verbo haver Suspiros Preposição
- Arrosta: Preposição
- Acabamento. Triturador.
- Magote. Vê Mula
- Sufixo que designa abundância. Cidade de Portugal

VERTICAIS:

- Antigo Testamento. Cadela. Letra grega.
- Oceano. Filtramos
- Provocas. Regaço.
- Aqui Carta de jogar. Cidade de Portugal.
- Nome de homem. Item.
- Conjunção. Época. Gavinha.
- Serra de Portugal. Suspiros Erbio (s.q.)
- Arara. Preposição.
- Farsa satírica.
- Doença habitual. Pronome pessoal.
- Verdadeiro. Frutos silvestres.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9015

HORIZONTAIS:

- Freguesia do concelho de Penafiel do Castelo
- Mover os remos. Indignado
- Amargo. Gomo de laranja
- Narração. Agora.
- Gálio (s.q.). Espádua
- Cidade do estado de Pernambuco Domestica.
- Redimi Letra grega
- Artéria. Prefixo de privação. Vila e concelho do distrito de Portalegre
- Percorrer. A Tailândia
- Sadio. Aguardente de cereais
- Abreviatura de Santíssimo. Tomar sobre si

VERTICAIS:

- Freguesia do concelho e distrito de Braga.
- Mover os remos. Lígues.
- Angustiado.
- Relata.
- Planta têxtil do Ceará. Sente desgosto (fig.).
- Subjugais.
- Osso malar. Manuscrito.
- Época. Vagas.
- Compositor francês autor de «Rei d'Ys e Namuna. Observavam.
- Perfume. Cantiga
- Solitário. Esbelto.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13154

HORIZONTAIS

- Mar Elias E s
- Ouro Rara
- Irmão Oro
- Nuas Cairo
- Has Ba Mo
- Oi Tascas AO
- Aar Co Ari
- Babo Atas
- Ovar Segura
- Calca Nua
- Aia Aregas

VERTICAIS

- MOINHO Moca
- Ruara VAI
- Romãs Abala
- las Trará
- Ero Ba
- Lo Cascos
- A Ta Co Ene
- St. Imã AGUA
- Aoro Aluar.
- Cassange Ro
- Sic Leira
- Sao Poais

Provérbio: AO MOINHO VAI A AGUA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9014

HORIZONTAIS

- Sabadim. Ulo.
- Amarar Crer
- Bera Azia
- Uil Bisares
- Gade. Rol
- Asasse Cipó
- MCi. Monas
- Caos Ain
- Cassange Ro
- Sic Leira
- Sao Poais

VERTICAIS

- Sabugal. Cs.
- Ameias Caim
- Bar Damasco
- Arabescos.
- Dã Sisal
- Irás Nes
- Ar Mugir
- Caroço Era
- Urzelina
- Leis Pairas
- Ora. Rosno

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS BANCO FUNDADO EM 1864 PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	52\$10	57\$10	
ALEMANHA FED (marco)	26\$20	27\$30	
AUSTRIA (xelim)	3\$65	3\$85	
BELGICA (franco)	1\$541	1\$641	
BRASIL (cruzeiro)	4\$64	\$714	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	50\$75	52\$75	
(notas de 5 a 1000)	51\$25	53\$25	
DINAMARCA (coroa)	8\$35	8\$75	
ESPAÑA (peseta)	\$624	\$724	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	61\$15	63\$15	
(notas de 5 a 1000)	61\$65	63\$65	
FINLÂNDIA (marka)	13\$95	14\$55	
FRANÇA (franco)	10\$95	11\$65	
HOLANDA (florim)	23\$60	24\$60	
INGLATERRA (libra)	123\$50	127\$50	
IRLÂNDIA (libra)	96\$25	100\$25	
ITALIA (lira)	\$048	\$058	
JAPÃO (yene)	\$253	\$283	
NORUEGA (coroa)	10\$50	11\$00	
SUECIA (coroa)	12\$25	12\$85	
SUÍÇA (franco)	30\$05	31\$15	
VENEZUELA (bolivar)	11\$70	12\$70	

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

As 14.30-16.30-18.30-21.30 e 23.45h.

Não ac. men. 18 anos

ROLLERBALL

c/ J. Caan

todos os domingos

manhãs infantis

SALA B

As 14.45, 17.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

O MUNDO MALUCO

As 23.45 - N. ac. men. 18 a.

DECAMERON

Um filme de Pasolini

ALVALADE 897480

Av. de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

AS AVENTURAS DE RABÍ JACOB

c/ Louis de Funès

Um filme de Gerard Leuri

Colorido

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

As 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h.

Um filme de David Lynch

Technicolor

O HOMEM ELEFANTE

Int. men. 13 anos

5.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 18 a.

Um ambiente de luxúria, corrupção e

crime

A escultural Ursula Blanth é

A CONDESSA NUA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30

GENTE VULGAR

Com Donald Sutherland, Mary Tyler

Não acons. men. 13 anos

13.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30 h.

Não ac. men. 13 anos

THE JAZZ SINGER

c/ Neil Diamond, Laurence Olivier

e Luci Arnaz

Um filme de Richard Fleischer

Technicolor

CASTIL 530194

Rua Castilho

As 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

JESUS CRISTO SUPERSTAR

O filme de Norman Jewison

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

As 15.15, 18.21.30

não acons. 13 anos

AVENTURA E AVENTURA

filme de Claude e Lino Ventura

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a.

SEXO POR MEDIDA

Pornográfico - Hardcore

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

As 15.30, 18.30 e 21.30 - Int. men. 13 a.

CASA DE RESPEITO

c/ Iren Psota, Margit Makay

e Gyorgy Cserehalmi

Um filme de Karoly Mak

As 23.45

UNIDOS PARA VINGAR

CINE CAMÕES 324194

Rua de Loreto, 15

As 14, 16.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

UM AMOR QUE NÃO MORREU

c/ Mulan Vinad Michera e

Rajendra Kumac

Um filme de Saavan Kumar

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

Obra de uma força explosiva!

OS CAVALEIROS DO ASFALTO

c/ Robert de Niro e Harvey Keitel

As 23.45 - Int. men. 18 a.

FORÇA DO SEXO FRACO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

AS AVENTURAS DE RABÍ JACOB

c/ Louis de Funès

Um filme de Gérard Ouri

Colorido

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

DÁ-LHE AGORA TEDEUM

c/ Jack Palance, Timothy Brent

e Francesca Colluzi

Um filme de Enzo G. Castelari

Colorido

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

O maior Bergman

FACE A FACE

c/ Liv Ullmann

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 63-B

As 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

A mais célebre história de amor e misté-

rio de Agatha Christie

MORTE NO NILO

c/ Peter Ustinov, David Niven

e Jane Birkin

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

OS COMANDOS DE

NAVARONE

c/ Robert Shaw, Franco Nero

e Edward Fox

Um filme de Guy Hamilton

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

As 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 18 a.

OS OLHOS DA MONTANHA

Um filme de Wes Craver

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

As 15.15, 18.15 e 21.30

- Int. men. 13 a.

A AVENTURA DO POSEIDON

c/ Gene Hackman, Ernest Borgnine

e Shelley Winters

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

As 21 - N. ac. men. 13 a.

A mais bela história de amor no

ambiente devastador e escalante da

revolução!

DOUTOR JIVAGO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.30, 19 e 21.30h

Int. men. 13 anos

OXALA

Um filme de António Pedro Vasconcelos

as 24 horas

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

As 15.15, 18.15 e 21.30 h.

Não ac. men. 18 anos

Vivem e amam como querem

BELDADES SELVAGENS

EM IBIZA

3.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

DJANGO

c/ Franco Nero e Loredana Musciak

Colorido



Brevemente no cinema LONDRES (estrela a 25/6 ou 2/7)
a última obra de INGMAR BERGMAN:
- DA VIDA DAS MARIONETTES -
Interdito a menores de 13 anos. FILME DE QUALIDADE

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

DJANGO

c/ Franco Nero e Loredana Musciak

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Sala 1 às 15, 17, 19 e 21.30

Não ac. men. 18 anos

Filme de qualidade

CERROMAIOR

Realiz. Luis Filipe Rocha

SALA 2

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.

OS AVENTUREIROS

BUTCH CASSIDY E KID

Realiz. Richard Lester

SALA 3

As 14, 16.15, 18.30 e 21.30

Maiores de 18 anos

KILAS O MAU DA FITA

Realiz. José Fonseca e Costa

Filme de qualidade

SALA 4

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30

Maiores de 18 anos

TAXI DRIVER

Realiz. Martin Scorsese

Filme de qualidade

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

As 15, 18.15 e 21.30

Int. men. 13 anos

O rosto de uma guerra jamais vista

até hoje!

O SARGENTO DA FORÇA 1

com Lee Marvin, Mark Hamill e Robert

Carradine

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Hoje e todos os dias às 15.30, 18.30 e

21.30

não acons. men. 13 anos

Bud Spencer em

O REGRESSO DO INSPECTOR MAR-

TELADA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

AS AMAZONAS DE OURO

com Anita Ekberg

Colorido

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões, 14, 16.30, 19, 21.30

não acons. men. 13 anos

A FILHA DO MINEIRO

Óscar da Academia 1981 para a melhor

interpretação feminina, Sissy Spacek

Hoje e amanhã às 24 horas

OS CANIBAIS

não acons. men. 18 anos

com Brit Eklund e Thomas Millian

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República - (junto ao

Apeadeiro da CP de Entrecampos)

As 14.45, 17, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

LENNY

As 23.45

OS CONTOS DE

CANTERBURY

Um filme de Pasolini

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

O ESPÍO MAIS PERIGOSO

DO MUNDO

6.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

As 12, 15, 18 e 21.30

não acons. men. 13 anos

FUNNY GIRL

Uma Rapariga Endiabrada

com Barbra Streisand e Omar Sharif

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19 e 21.30 h.

N. ac. m. 18 anos

VESTIDA PARA MATAR

c/ Michael Caine, Angie Dickinson

e Nancy Allen

Um filme de Brian de Palma

Technicolor

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

As 15.15, 18.15, 21.30

para 10 anos

A GRANDE CORRIDA À VOLTA DO

MUNDO

O filme começa no início das sessões

às 24 horas, não acons. men. 18 anos

O LUTADOR DA RUA

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9 - P. Restaurado-

res

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.

OS AVENTUREIROS

BUTCH CASSIDY E O KID

As 23.45 - Int. men. 13 a.

OS 7 FANTÁSTICOS

outros cinemas

Lisboa

LONDRES - "A Cidade das Mulheres",

PORTE
PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



MARES DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

Dia 20	5.49	3.6 m	11.12	1.1 m
Dia 21	18.02	3.6 m	23.39	1.0 m
Dia 22	6.26	3.5 m	12.51	1.2 m
Dia 23	18.39	3.7 m	24.21	1.1 m

TEMPERATURAS DO AR
ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	26°
BRAGANÇA	17°
VILA REAL	20°
PORTO	27°
P. DOURADAS	20°
COIMBRA	24°
C. CARVOEIRO	23°
PORTALEGRE	22°
LISBOA	21°
ÉVORA	21°
SINES	28°
BEJA	22°
SAGRES	22°
FARO	24°
P. DELGADA	18°
FUNCHAL	22°

últimas

A CP MANDOU instaurar um inquérito ao modo como um maquinista em serviço na estação ferroviária do Barreiro, ao manobrar com uma composição de mercadorias, junto a um armazém situado perto da estação fluvial, destruiu o pára-choques do local como arrastou uma camioneta de Vialonga que, anteriormente de manhã, descarregava caixas de vinho.

Foi um choque aparatoso e dramático, de que resultou que um dos operários ferroviários, Arnaldo Passos, de 43 anos, natural e residente nesta vila, ficasse entalado entre a composição e o armazém, com as pernas praticamente esmagadas. Os BV de Sul e Sueste, que ficam na área, demoraram uma hora a retirá-lo da incómoda e grave posição em que ficou.

Foi transportado para o Hospital de S. José em estado que inspira cuidado.

NOVA PONTE NO PORTO foi o tema de uma reunião que ontem teve lugar na Câmara Municipal daquela cidade com a presença do ministro da Habitação e Obras Públicas, que se encontra no Norte do País. Na reunião participaram representantes das autarquias interessadas no projecto: Porto e Vila Nova de Gaia, que se pronunciaram sobre o assunto.

QUARENTA MIL PESETAS e diversos artigos em ouro e prata, que o locatário da residência situada na rua Bernardino Francisco da Costa, 10, 6.º em Almada tinha em casa, desapareceram a noite passada depois de haverem arrombado a porta. O ofendido, António Justino Labaredas Zagalo e Melo, fez o balanço negativo e chegou à conclusão de ter sido desfalcado em mil e duzentos contos.

Quem manda no espaço

Pentágono e NASA: uma "santa aliança"

O programa cósmico americano orientou-se, desde o início, de acordo com as necessidades do Pentágono. Muito raramente a NASA (Agência Nacional da Aeronáutica e Espaço) foi acusada de negligenciar as necessidades militares aquando da divisão das verbas.

A Grã-Bretanha "governou" quase o Mundo inteiro quando foi a «senhora dos mares». Talvez por analogia, em certos círculos os militares gostam de pensar que o «leader» da exploração espacial será o futuro «senhor do Mundo». Para obter a superioridade no cosmos, houve quem sugerisse desviar um asteroide para o território do inimigo, já que um «brinquedo» de cinco milhas de diâmetro substituiria um milhão de bombas atómicas. Outros defenderam a ideia de colocar em órbita um satélite munido de um enorme espelho, para concentrar os raios do Sol nas cidades soviéticas.

O senador Barry Goldwater mereceu aplausos ao exigir que se instalassem no cosmos sistemas de armas que permitissem aos EUA varrer da Terra, em poucos segundos, qualquer país.

Nos anos 60 apareceram projectos de sistemas nucleares cósmicos. Os jornais e revistas americanas transbordavam de descrições pitorescas de plataformas espaciais de bombardeamento e episódios da guerra nuclear no cosmos e a partir do cosmos. As livrarias vendiam publicações de peritos que tentavam argumentar a viabilidade da criação do potencial nuclear cósmico americano. A instalação de sistemas nucleares estratégicos no cosmos - afirmava por exemplo R. Salked, em «A Guerra e o Cosmos» - garantiria não só uma elevada invulnerabilidade da própria arma, como ainda a eficiência dos golpes contra o inimigo. Das plataformas de bombardeamento poder-se-ia atingir quaisquer alvos na superfície da Terra ou no espaço.

Esses projectos não encontraram na altura um apoio mais ou menos sério. Até o Pentágono compreendia que o potencial técnico-científico da União Soviética lhe permitia tomar as necessárias medi-

das de resposta. O entusiasmo em torno dos projectos de sistemas nucleares cósmicos começou então a diminuir.

Em 1967, os EUA assinaram o tratado sobre os princípios que regem a actividade dos Estados em matéria de exploração do espaço extra-atmosférico, incluindo a Lua e outros corpos celestes, que proibia a instalação de armas de extermínio em massa, incluindo as nucleares, no cosmos.

Não é difícil
mudar de ogivas

Nos últimos anos, os EUA voltaram a ser atacados pela «doença estelar». Em Fevereiro de 1979, a revista «Aviation Week and Space Technology» informou que o Pentágono se preparava para instalar no cosmos, em órbitas circunferentes, mísseis modificados «Minuteman-2» e «Minuteman-3». A revista informava ainda que o Pentágono assinaria o primeiro contrato nesta matéria com a firma «Boeing» num futuro não muito distante.

Na opinião da revista, a comunidade mundial deveria sentir-se satisfeita com o facto das ogivas destes mísseis não serem nucleares. Todavia, não é muito difícil mudar de ogivas. O actual programa cósmico americano caracteriza-se pela concentração dos esforços no sentido de actuar no espaço próximo da Terra. A criação de uma frota de aparelhos de uso múltiplo «Shuttle» deve - segundo os peritos americanos - ampliar muito as possibilidades de colocar cargas úteis em órbita.

Até ao fim dos anos 80, as naves «Shuttle» realizarão mais de 100 voos, de modo que peso total das cargas com possibilidades de se manterem em órbita se aproximará das 3000 toneladas. Washington não oculta que grande parte dessas cargas será de carácter militar. O destino do programa «Shuttle» foi decidido no Verão de 1971 pelo Congresso. O projecto foi aprovado, em grande parte, porque os legisladores não duvidavam da sua «viabilidade militar».

Os interesses nacionais dos EUA exigem insistentemente a criação de um sistema de «ferries» cósmicos - declarou um senador. E frisou: «Se for possível desenvolver meios de transportes de grandes cargas militares para o espaço, talvez se torne real defender esses interesses a partir do espaço».

Confirmado oficialmente
Óleo de colza responsável
pela "atípica"

O Ministério espanhol da Saúde e da Segurança Social pediu, hoje, numa nota apresentada ao Conselho de Ministros, a não utilização do chamado «óleo de colza», causador da pneumonia atípica.

Na referida nota apresentam-se pormenores das investigações realizadas por equipas de dentistas, por meio das quais pode relacionar-se a ingestão deste tipo de óleo com os sintomas da enfermidade.

«As investigações laboratoriais - refere a nota oficial - revelaram a presença de uma mistura de óleos em que se detectam anilinas, acetanilina e quinoleína, bem como óleo de colza,

que é tóxico para o organismo humano e só pode utilizar-se no sector industrial.»

O Ministério espanhol da Saúde insiste na «imperiosa necessidade de não utilizar este tipo de óleo, uma vez que é perigoso tanto pela sua ingestão como pelo simples contacto ou inalação».

A nota conclui por afirmar que o surto de pneumonia atípica está em vias de solução definitiva depois que foi descoberta a sua causa.

O chamado «óleo de colza» torna o nome da planta de que é extraído - a colza (um género de couve cultivado em diversos países, entre os quais Portugal).

Muitas facadas, sete feridos

Sete pessoas de duas famílias rivais foram ontem internadas no hospital de Gaia, após uma cena de facadas que atingiu ainda terceiros, embora com menos gravidade. Os internados encontravam-se já ontem livres de perigo.

A rixa verificou-se no lugar das Hortas, da freguesia de Lever e acabou por levantar um autêntico pé-de-guerra entre a população local. A origem do conflito - que parece ter raiz remota em velhas inimizades familiares - ainda não está averiguada, devendo a polícia pronunciar-se sobre a questão.

Os confrontos de ontem terão começado directamente numa zaragata entre mulheres das duas famílias, os «Laranjeiras» e os «Cavadas», e já na véspera se tinham registado cenas de vio-

lência entre elementos dos dois clãs.

O aparecimento de uma primeira pessoa esfaqueada levou a que a maior parte dos familiares, de um e outro lado, e por fim outros populares, se empenhassem num desforço sistemático. Até que, por fim, interveio a GNR dos Carvalhos, que pediu reforço ao Batalhão do Carmo, no Porto.

A gravidade das agressões pode avaliar-se pelo estado em que os atingidos entraram no hospital de Gaia: uma mulher de 53 anos Maria de Jesus Lopes, com ferida incisa que quase atingiu o pulmão; uma mulher de 27, Urmilina Ramos, com ferida perfurante do abdómen que atingiu o fígado; um jovem de 20 anos, Rufino Ramos, atingido nas costas e no peito. Outros casos tinham uma gravidade relativamente menor.

Sargento Lira concluiu
pena imposta pelo EMFA

O primeiro-sargento da Força Aérea, na reserva, Vitor Lira, terminou a pena de cinco dias de prisão, imposta pelo EMFA, no Depósito Geral de Adidos da Força Aérea.

Aquele sargento, acusado pela hierarquia de ter manifestado publicamente «ideias desrespeitadoras da ética militar», usara da palavra no almoço co-



memorativo do 25 de Abril, na Cova da Piedade, tendo, na oportunidade, em nome dos seus colegas de arma, criticado o desrespeito do EMFA pela Lei da Amnistia e denunciado a existência na Força Aérea de «muita corrupção, muito autoritarismo, muito servilismo e carreirismo».

MARQUISES
CAIXILUX
ORÇAMENTOS GRÁTIS
Escritórios e Salão de Exposição:
Rua Francisco de Holanda, 28-A
Tel. 776510-776359-776323
1100 LISBOA

ferias nas ILHAS
PALMA DE MAIORCA
8/15 dias - 15.900\$/20.590\$
part. 5^{as} feiras de JUN a SET
MADEIRA
7/8 dias - 10.840\$/11.140\$
part. diárias de MAI a OUT
AÇORES (S. Miguel - Circ. Açor.)
7/8 dias - 17.500\$/29.100\$
part. 4^{as} feiras de JUN a OUT
MUNDIVIAJENS
R. DO CRUCIFIXO N.º 33
1100 LISBOA/TELEF.
32 84 56 - 34 03 02
CONSULTE-NOS

FÉRIAS - 81 NAS ilhas
PALMA DE MAIORCA
8/15 dias - 15.900\$/20.590\$
part. 5^{as} feiras de JUN a SET
MADEIRA
7/8 dias - 10.840\$/11.140\$
part. diárias de MAI a OUT
AÇORES (S. Miguel - Circ. Açor.)
7/8 dias - 17.500\$/29.100\$
part. 4^{as} feiras de JUN a OUT
MUNDIVIAJENS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

EXTREMO ORIENTE
4 EXCURSÕES DE ÉXITO CRESCENTE
SONHO DO JAPÃO - 17 DIAS
Visitando: TÓQUIO - KAMAKURA
HAKONE - OSAKA - KYOTO - NARA
HONG KONG - MACAU e BANGKOK
Partidas: 1/6, 3/8, 7/9 e 12/10
TRIANGULO ORIENTAL - 13 Dias
Visitando: BRUXELAS - SINGAPURA
MANILA e BANGKOK
Partidas: 22/7, 12/8, 9/9 e 14/10
TAILANDIA - 11 Dias
Visitando: BANGKOK - RIO KWAI
(Opcional) CHIANG MAI - DOI SUTHEP
PATTAYA e ILHA DOS CORAIS
Partidas: 4/6, 6 e 20/8, 3 e 17/9
INDIA COM GOA E TAILANDIA - 18 Dias
Visitando: BOMBAIM - GOA - JAIPUR - AGRA - VARANASI
DELHI e BANGKOK
Partidas: 1/6, 3/8, 7/9 e 5/10
abreu
Fundada em 1840
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
Av. de Roma, 66 • Telef. 80 36 09
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telef. 270 11/2
FARO: Av. República, 124 • Telef. 25035/6
FUNCHAL: Rua do Gorgulho, 1 • Telef. 31077/8

POLONIA
8 OU 9 DIAS DE VIAGEM
2 CIRCUITOS DIFERENTES
NORTE DA POLONIA
SUL DA POLONIA
PARTIDAS: 1.ª e 2.ª de Agosto
Esc. 33.900\$00
ECONOMIZADO
COM ANTECEDENCIA
MUNDIVIAJENS
OPERADORES TURÍSTICOS

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 20 DE JUNHO DE 1981

Em rigoroso
exclusivo

O "staff" de Reagan pretende libertar-se da emenda Clark



Se conseguirem fazer revogar a emenda Clark, que impede a CIA de agir oficialmente em Angola, os republicanos dos EUA terão a porta mais aberta para uma grande ofensiva de apoio à UNITA, ao que parece a partir de Outubro próximo. Moçambique também está, evidentemente, na mira da administração Reagan. O Sete Ponto Sete publica hoje, em exclusivo para Portugal, o inquérito que Simon Malley, da «Afrique Asie», conduziu a este respeito em Washington. Págs. 6 e 7.

Estórias de Portugal



Os últimos dias trouxeram a primeiro plano, com a ostentação de coisa da moda, uma curiosa expressão que, apesar de muito antiga, só agora parece apostada em tomar de assalto o vocabulário correcto do cidadão médio, sempre receptivo às pequeninas miudezas do palanfrório técnico-táctico das, transitórias, lusas sumidades: «FACTO POLÍTICO»!

Com tantos **factos políticos** que, às ocultas ou às escâncaras, se têm produzido em ritmo alucinante, nesta «aldeia onde não há ódios mas estimas e todos são primos e primas» — a começar pelo Governo, ao que parece — só não é estranho o atraso com que tão característica definição caiu no domínio público porque o público não consegue ter o domínio destas coisinhas, pelo menos ainda não conseguiu. E, assim, vai continuando a considerar, em matéria de malabarismo verbal, benvindo o que vier por bem. Só que nem sempre os **factos políticos** vêm por bem, como facilmente se depreende desse **facto político** que é o pretender-se justificar tudo o que de «enorme» nos é imposto com a singela afirmação que se trata dum **facto político**.

No «Congresso das Comunidades», com muita falta de cabecinha, insulta-se o Presidente da República?... Não há novidade; foi um **facto político**. Tenta agredir-se um conselheiro da Revolução?... É natural; é um **facto político**. Claro que a greve dos maquinistas da CP, «que se apresentam como

acha tão natural certos **factos políticos** todo se abespina com outros... Coisas da sensibilidade. Niquices. Pois não se fala tanto, por aquelas «áreas», da necessidade dum homem ardiloso, imaginativo, suficientemente desprendido das verdades naturais para, sem remorso, construí-las nas provetas de maior proveito, um homem capaz de construir **factos políticos**?... Uma vez em acção, também a esse operacional vão chamar «aventureiro anárquico» ou acusar de «aproveitamento ignóbil dos trabalhadores»?...

A perturbação que se apossou de certas figuras gradas desta terra, perplexas (ao que parece ou pretendem parecer) com a greve dos maquinistas da CP, que «usam um rótulo político e emblemas partidários», parece provar que a direita, ou certa direita, está a perder o sentido de humor. Sentido de humor que, felizmente, a CP apesar de tudo, ainda não perdeu. Como exuberantemente demonstra um belíssimo e bem sugestivo anúncio, publicado em dia de sol radioso, irresistível na sugestão ao leitor: «Vá à praia de comboio.»!!! Metido num tremendo engarrafamento, mais um dos provocados pela greve dos maquinistas da sua «área», se conseguir chegar a casa ainda este ano juro que farei todos os possíveis para que a esta obra-prima do «non-sense», em que a CP nos aconselha a dizer «não!» aos «condutores apressados», às «estradas perigosas» e aos «parques de estacionamento superlotados», seja proposta para o «Grande Prémio Internacional dos Comicos».

Agora tenho é de fazer um esforço para não rir tão alto... Os automobilistas dos carros à minha volta já estão a olhar para mim muito desconfiados com as minhas gargalhadas...

Mas esta dos «comboios com partidas constantes em ambos os sentidos»... desculpem, mesmo que daqui a quinze dias tenha passado à estória, lida hoje, tem muita graça!

É por estas e por outras que os **factos políticos** começam a ter cada vez mais aceitação que certos **factos políticos**. E isto com o tempo até é capaz de não ser bom, mesmo nada bom...

Francisco Nicholson

Ortigosa

Os habitantes da Ortigosa viram-nos chegar. Eles instalaram-se, começaram a fazer perguntas e discursos e a dar conselhos.

Quem são?

Vinte jovens latino-americanos das mais diversas áreas culturais e científicas — sociólogos, agrónomos, educadores, assistentes sociais — procuram aplicar numa comunidade viva conhecimentos (e uma «cartilha», como se verá adiante) adquiridos ao longo de um curso de três meses dado em Haifa (Israel), no Centro de Treino Internacional de Monte Carmelo.

Em Portugal, beneficiando de um apoio não totalmente explicitado, mas que assenta em instituições governamentais portuguesas (Ministério do Trabalho e Junta Nacional das Casas do Povo, segundo declararam) e internacionais (OEA e entidades suécas), completam a sua formação com um trabalho de campo.

A Ortigosa é uma pequena aldeia entre Monte Real e Leiria, de que provavelmente a maioria dos leitores nunca terá ouvido falar até hoje. Os homens e mulheres da América Latina também ignoravam tudo desta pequena comunidade do centro do País. A meio do seu trabalho prático de quatro semanas pouco acrescentaram aos seus fracos conhecimentos. E sabem que não irão muito mais longe.

«A escolha do País e da localidade da Ortigosa não é da nossa responsabilidade», afirmou Joshua Erlich, um israelita que dirige o curso.

«Podia ser outro país ou uma região da América Latina, acrescenta o engenheiro agrónomo Luís José Florentino, da República Dominicana. Cremos que Portugal tem condições parecidas com as nossas. Talvez tenha sido por isso».

Caíndo «do céu» na Ortigosa, encontraram algumas resistências. Lucila Camacho, socióloga da Costa Rica, refere-se a «uma população muito fechada».

Joshua Erlich corrige:

«As pessoas falam connosco, mas possuem uma estrutura de pensamento e de acção muito ligada a costumes antigos. Isso não é obstáculo ao desenvolvimento, constitui mesmo um bom desafio para o trabalhador comunitário».

O eixo vital da «estratégia» que vieram testar na Ortigosa é a questão do desenvolvimento.

«Desenvolvimento comunitário», «desenvolvimento integrado», «progresso», «tradições», «acção exterior», são conceitos (ou meras palavras) invocados com insistência.

«A agricultura é o indicio fundamental da concepção de desenvolvimento existente num dado local — declarou Erlich. Para a comunidade, o homem deverá ser o centro de tudo».

Nesta lógica desenvolvimentista, uma agricultura de subsistência não tem futuro. Mecanizar é a palavra de ordem.

Sem tractores, não há desenvolvimento. Tal como sem adubos químicos, não há aumento de produção.

Para desenvolver, é também necessário instituir um «serviço de saúde para a comunidade», combater o «analfabetismo» e garantir a saúde «através das vacinas».

«Não se devem destruir as tradições comunitárias», apressam-se a esclarecer.

«Não vamos trazer num mês o desenvolvimento à Ortigosa — afirmam. Apenas procuramos fazer com que as pessoas ajam por si mesmas. A comunidade tem uma dinâmica e uma consciência de desenvolvimento. A nossa acção resume-se a fazer com que ela tome consciência da sua própria realidade e descubra as suas capacidades».

Percebe-se, portanto, que os nossos interlocutores se refiram ao «homem do campo» como «resistente a esses esforços». Mas será que as desconfianças e resistências se devem apenas a um mero «imobilismo» que o impede de ver o que mais lhe convém, como pretendem alguns teóricos do «desenvolvimento» total?

E quem decide do que mais convém ao nosso «homem do campo»?

Compreende-se mal o sentido da acção exterior à comunidade, se ela possui essa dinâmica interna, como foi afirmado.

Que realidade importa mostrar, que desenvolvimento se pretende impor, que necessidades devem ser estimuladas?

Para estas perguntas, os especialistas do «desenvolvimento integrado» não têm naturalmente respostas.

Na sua ânsia (ou intenção premeditada?) de aplicar, a não importa que espaço geográfico e cultural, concepções, ideias e experiências que lhe são totalmente alheias, pouco interesse têm os equilíbrios sociais, tecnológicos e culturais existentes.

Em nome do progresso e do desenvolvimento (essas «vacas sagradas» do mundo moderno) têm-se cometido os maiores crimes contra a Natureza, rompendo equilíbrios e destruindo ecossistemas. Com essa destruição, é o próprio homem que acaba por ficar em perigo, desordenado de situações e carecido de meios que de algum modo o suportavam.

As rupturas são inevitáveis e a destruição dos valores históricos dos povos não conhece fronteiras.

Os habitantes da Ortigosa serviram, em pequena escala, de cobaia para mais altos voos, por agora ainda ignorados.

«Tentamos pôr em prática a teoria adquirida, afirmavam-nos Lucila Camacho. O tempo é determinante e de importância fundamental para organizar qualquer coisa».

C.P.

CINEMA Sete Ponto Sete

Agenda

Vestida para matar de Brian de Palma (USA-1980)

A grande surpresa deste «fim de época» é o reencontro de Brian de Palma com os seus melhores momentos. Herdeiro confesso de Hitchcock, Brian de Palma realiza, com **Vestida para matar**, um dos mais fulgurantes filmes do ano, fazendo, do desejo e da morte, do prazer e da punição, o **leit motiv** para uma virtuosidade de câmara e para um exercício de subtilidade e de ironia. Para além de tudo, este filme é capaz de unir duas gerações de atrizes: Angie Dickinson (a cumprir o destino de ser eliminada no primeiro terço do filme — como a Janet Leigh de **Psico**) e Nancy Allen (uma descoberta de Brian de Palma, rigorosamente fabulosa).

Cinemas Mundial e Tivoli (14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

A cidade das mulheres de Federico Fellini (Itália — França — 1980)

O grande visionário do cinema destes dias, está de volta com um olhar magnífico e provocatório sobre as mulheres. Há quem torça o nariz. Mas haverá por aí tanto cinema com a marca do excesso que se possa minorizar **A cidade das mulheres**?

(Cinema Londres (14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

Cerromaior de Luís Filipe Rocha (Portugal — 1978/80)

Um país sufocado de onde só se foge pela morte, uma gente condenada à menoridade e ao murmúrio, um povo sem pai a quem defrontar e substituir.

Mais que o rosto da repressão explícita, **Cerromaior** dá-nos, através do Alentejo, a marca interiorizada de uma mudança impossível, a angústia de um quotidiano medíocre, de um tempo que não passa.

Se bem que não isento de falhas (na direcção de actores, no som,

nalguns momentos de câmara) **Cerromaior** é um filme prenhe de surpresas, a menor das quais não será, por certo, a longa permanência que exige, dentro de nós, o trabalho que, então, vai fazendo.

Cinema Quarteto — Sala 1
(15, 17, 19, 21 e 23 h)
(não acons. men. 13 anos)

O homem elefante de David Lynch (USA-1980)

Grande «vencido» dos óscares deste ano (e há «derrotas» mais nobilitantes que estrondosas «vitórias»), **O homem elefante** é um daqueles filmes onde uma personalidade forte se impõe desde as primeiras imagens, obrigando o espectador a seguir o seu discurso com o fôlego controlado.

Não sei se o adjectivo apaixonante dá bem a medida do que passa por **O homem elefante**, onde tudo se conjuga para questionar a sociedade industrial, então em ascenso, na sua faceta de sociedade do espectáculo. Mas sei que este primeiro trabalho de Lynch para a grande indústria do cinema traz consigo a evidência de um enorme talento.

Cinema Apolo 70 (14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h)
(interdito a men. 13 anos)

Kilas, o mau da fita de José Fonseca e Costa (Portugal-Brasil-1977/80)

Julgo que nunca ninguém pensou que **Kilas, o mau da fita** fosse constituir o espantoso sucesso que se está a demonstrar. Julgo que, agora, ninguém mais ousará olhar o cinema português como coisa meramente mecânica. Kilas prova que é possível a adesão massiva do público sem se fazerem concessões ao mau-gosto que se crê dominante. Claro que Fonseca e Costa está de parabéns, claro que há quem lhe não perdoe.

Cinema Quarteto — Sala 3
(14, 16.15, 18.30, 21 e 23.15 h)
(não acons. men. 18 anos)



Nancy Allen em **Vestida para Matar**: uma actriz e um filme memoráveis

o diário GRANDE CONCURSO

CONCURSO PARA CRIANÇAS

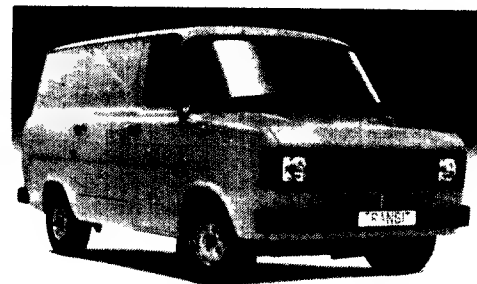
As crianças foram também contempladas nesta grande iniciativa de «o diário». O jornalista Carlos Pinhão contará 100 contos de bicharada, e João Martins faz a ilustração. Para concorrer, os amigos mais pequenos de «o diário» terão apenas de recortar os 100 contos e os 100 cupões especiais e colá-los em cadernetas que serão vendidas ao preço de 25\$00 e que serão colocadas nos locais de venda uma semana depois. Completada a colecção, os concorrentes têm apenas de remeter para o Gabinete do Concurso, Rua de «O Século», 80 - 1200 Lisboa, a mini-caderneta e aguardar pelo sorteio dos 250 prémios de muito interesse para a gente jovem.

CONCURSO DE ADULTOS

O jornalista Adelino Tavares da Silva andou pelo País recolhendo estórias que o povo conta para a contar em 100 contos n'«o diário». Vitor Ferreira encarregou-se da ilustração. Para concorrer é fácil e aliante. Basta recortar os 100 contos e os 100 cupões e colá-los em cadernetas que serão postas à venda ao preço de 25\$00 uma semana depois. Preenchida a caderneta, os concorrentes têm apenas que enviar para o Gabinete do Concurso, Rua de «O Século», 80 - 1200 Lisboa, a mini-caderneta e aguardar pelo sorteio dos 500 prémios no valor de cerca de 6000 contos!

QUEM CONTA UM CONTO...
ESTÓRIAS DE BICHARADA
estórias do povo

a partir de 23 de Junho



As estrelas

Vestida para Matar	★★★★
O Homem Elefante	★★★★
Taxi Driver	★★★★
Kilas, o Mau da Fita	★★★★
A Cidade das Mulheres	★★★★
Cerromaior	★★★
Rollerball	★★
Oxalá	●
Gente Vulgar	●

A «CHAVE»

- ★★★★ — Excepcional
- ★★★ — Bom
- ★★ — Interessante
- ★ — Desinteressante
- — A evitar

750 prémios

O 1.º prémio do concurso de «adultos» é um andar com três casas assoalhadas nos Terraços do Jamor, em Queluz Ocidental, no valor de 1970 contos! o 2.º prémio é uma «comercial» Ford Transit; o 3.º, um Ford Escort de 5 portas; o 4.º prémio, um Ford Escort de 3 portas; depois, temos, 10 televisores a cores, 10 frigoríficos; 10 máquinas de lavar roupa; 10 máquinas de lavar louça; mobílias; pequenos electrodomésticos; bibliotecas, etc.

O 1.º prémio do concurso infantil é uma prancha «wind-surf»; o 2.º e 3.º, motorizadas «Honda Camino»; o 4.º uma discoteca; 50 bicicletas; colecções de livros de banda desenhada; Cheques/livro, etc.

DICIONÁRIO

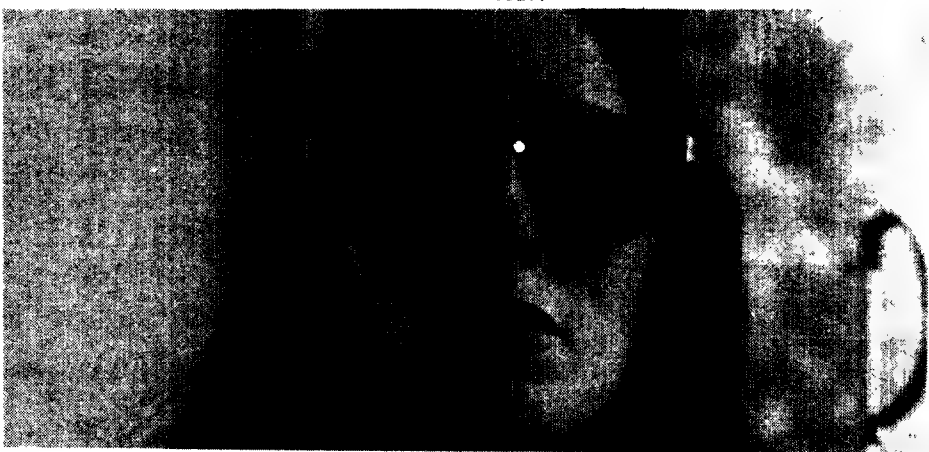
Vinte anos de cinema português

H ORAS DE MARIA (AS)
— longa-metragem
— 16 (35) mm/CÔR

Realização, argumento e diálogos: António de Macedo. **Fotografia:** Elso Roque. **Assistente de realização:** Amílcar Lyra. **Som:** João Diogo e José de Carvalho. **Música:** Verdi (Requiem) e cânticos gravados em Fátima. **Adereços:** João Luís. **Montagem:** Manuela Moura. **Interpretação:** Eugénia Bettencourt, Cecília Guimarães, João d'Ávila, Carlos Boavista Fernandes, Filomena Augusta, Raul Mendonça, Nuno Aboim, José Manuel Bissau, Sebastião Nobre, etc.

Produção e distribuição em Portugal: Cinequanon. **Director de Produção:** Leonel Brito.

Classificação etária: Não aconselhável a menores de 13 anos. **Duração:** 105 minutos. **Rodagem:** 1976. **Estreia:** 3 de Abril de 1979 (Nimas, Lisboa).



Provalmente, trata-se do filme mais polemizado publicamente, nos últimos anos do cinema português, fruto de uma campanha histórica que a imprensa direitista e alguma hierarquia eclesial lhe moveu, quando da estreia.

Filme modesto, ousa falar abertamente de questões, ligadas à prática e à História do cristianismo. Sempre que trata, intimistamente, o entrecio (uma jovem cega, «Jogada» entre o fanatismo religioso e o positivismo científico) o filme acerta; sempre que penetra no documento (imagens das peregrinações de Fátima), há nele uma força indelével. Já no que respeita ao estabelecimento de uma prática clínica de índole psiquiátrica, o filme me parece falhado, sendo as incursões na História da Igreja geralmente inconvincentes e assaz discutíveis.

A revelação cinematográfica de Eugénia Bettencourt ainda acaba por ser o ponto mais positivo deste trabalho de António de Macedo.



D OMINGO À TARDE

— longa-metragem
— 35 mm/p. b e côr

Realização, montagem e sonoplastia: António de Macedo. **Argumento:** António de Macedo, segundo romance homónimo de Fernando Namora. **Fotografia:** Elso Roque (assistente: Acácio de Almeida). **Música:** Quinteto Académico. **Som:** Hugo Ribeiro. **Interpretação:** Rui de Carvalho, Isabel de Castro, Isabel Ruth, Fernanda Borsatti, Miguel Franco, Cremilde Gil, Serge Farkas, Constança Navarro, Zita Duarte, etc. **Produção:** António da Cunha Telles. **Distribuição em Portugal:** Imperial filmes. **Duração:** 90 minutos. **Rodagem:** 1965. **Estreia:** 13 de Abril de 1966 (Império, Lisboa).

Sendo, a nível de realização (planificação), o melhor filme de António de Macedo, **Domingo à Tarde** nem por isso se constitui como filme marcante, mesmo dentro da primeira vaga do «cinema novo», em que se integra.

Os seus defeitos estão presentes sobretudo ao nível dos diálogos, o que, de imediato, acarreta um trabalho de actores frágil. Embora Rui de Carvalho seja sóbrio e seguro (a «secura» do personagem defende-o nos momentos críticos), Isabel de Castro é irregular. Já Isabel Ruth (que quase não tem diálogos) funciona bastante bem e o filme fornece uma oportunidade a uma jovem desconhecida (Zita Duarte) que, no breve espaço de uma cena, dá a medida da grande actriz de cinema que iria acontecer na década de 70.

Quanto à adaptação do romance de Fernando Namora, Macedo joga pelo seguro e prefere seguir a trair. A temática que aborda (uma jovem «condenada» a morrer de leucemia que vive com o seu médico um intenso e desesperado romance de amor) estava, porém, em 1965 já um tanto requeitada (sobretudo no tom «existencialista» que Macedo acentua) e os anos erodiram o resto.

Como curiosidade refira-se que **Domingo à Tarde** contém, tanto quanto sei, a primeira «cena de cama» do cinema português.



B RANDOS COSTUMES

— longa-metragem
— 35 mm/côr

Realização: Alberto Seixas Santos. **Argumento:** Alberto Seixas Santos, Luísa Neto Jorge e Nuno Júdice. **Diálogos:** Luísa Neto Jorge. **Fotografia:** Acácio de Almeida. **Música:** Jorge Peixinho. **Soprano:** Manuela Santos. **Cenários:** João Vieira. **Montagem:**

Solveig Nordlund. **Interpretação:** Luís Santos, Dalila Rocha, Isabel de Castro, Sofia de Carvalho, Cremilde Gil, Constança Navarro, etc.. **Material de arquivo:** Cinemateca Nacional e Emissora Nacional. **Extratos dos filmes** «A Revolução de Maio» de António Lopes Ribeiro e «Chaimite» de Jorge Brum do Canto. **Produção:** Centro Português de Cinema e Tóbis Portuguesa. **Direcção de produção:** Jorge Silva Mello e Henrique Espírito Santo. **Distribuição em Portugal:** Filmes Castello Lopes. **Duração:**

70 minutos. **Classificação etária:** Não aconselhável a menores de 13 anos. **Roda-**

gem: 1973/74. **Estreia:** 18 de Setembro de 1975 (Londres, Lisboa).

Rodado, em larga medida, antes de 25 de Abril de 1974, completado após essa data (sobretudo no que respeita ao material de arquivo), **Brandos Costumes** é um filme que situa o seu discurso na vivência do Estado Novo, estabelecendo uma análise desses anos, centrada na menoridade de uma Nação.

Há como que uma descida ao inconsciente colectivo de um povo, aos seus recalamentos e frustrações, medos.

Filme inquietante na relação fantasmática e edipiana (um horror fascinador, um vazio) que estabelece com Salazar, **Brandos Costumes** ousa interrogar, por dentro de nós, as ligações que fizeram do Estado Novo, não uma excrescência histórica, mas um regime político cujas praxis e ideologia atravessavam zonas não verbalizadas deste País, cujo rasto pegamento e infecto perdura.

De anotar o trabalho cenográfico de João Vieira (raro exemplo de criação, neste domínio, no recente cinema português).

B ARRONHOS — quem teve medo do poder popular? — média — metragem — 16 mm/côr

Realização: Luis Filipe Rocha. **Fotografia:** João Abel Aboim. **Música:** Hector Berlioz (extractos da «Sinfonia Fantástica»). **Montagem:** José Pedro Santos. **Som:** Eduardo Duarte. **Produção:** Instituto Português de Cinema. **Direcção de produção:** Miguel Cardoso. **Distribuição em Portugal:** Instituto Português de Cinema. **Duração:** 52 minutos. **Rodagem:** 1975. **Estreia:** 19 de Junho de 1976 (Universal, Lisboa)

Situado na área do «cinema de intervenção», em que a produção portuguesa foi fértil em 1974 e 1975, **Barronhos — Quem teve medo do Poder Popular?** aborda o caso do assassinio de um membro da Comissão de Moradores do bairro da lata de Barronhos, nos subúrbios de Lisboa, ocorrido em Junho de 1975.

Assumindo a forma de inquérito, falando com protagonistas e testemunhas do caso, este filme é um documento curioso e escorreito sobre as contradições das movimentações políticas então em marcha, sendo um dos raros que se debruça sobre a realidade dos bairros da lata e sobre um dos mais importantes processos que neles decorreu (o SAAL). Enquanto documento, **Barronhos — Quem teve medo do Poder Popular?** é assaz eficaz na sua construção. Já o mesmo se não dirá do seu discurso enquanto análise da realidade que aborda, análise que não toma inteiramente em conta a textura humana dos bairros da lata (nomeadamente no



que respeita às formas de liderança, representatividade e definição de objectivos no interior do corpo social de Barronhos) e reduz, por vezes, os conflitos a oposições mecanicamente «de classe».

Também na breve integração do caso em abordagem na conjuntura política do país, o filme não evita simplificações excessivas.

De qualquer modo, no seio de uma produção de intervenção, que, em geral, foi bastante frustrante, **Barronhos — Quem teve medo do Poder Popular?** salda-se como um dos seus mais positivos elementos.

ÚLTIMAS SÓ ATÉ DIA 27 **CAFE-TEATRO da COMUNA.**

DEIXO'S POISAR

lotações esgotadas * um espectáculo... diferente

MÚSICA AMBIENTAL E DE DANÇA • UM ESPAÇO NOVO DE CONVÍVIO •

SERVÍCIO BAR RESTAURANTE A PARTIR DAS 20H • MAR. A. G. S. TEL. 76 26 24 **5.º MÊS**

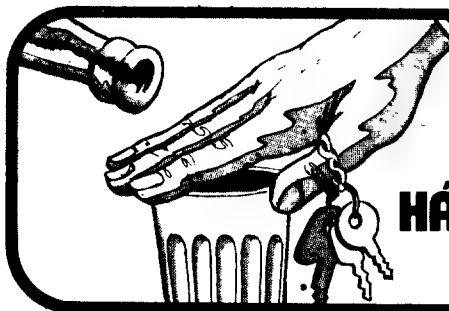
ESPECTÁCULO MUSICAL.
BRECHT — EISLER
WEILL DESSAU NA SALA 2

«O LÍRIO DO INFERNO»
COM: M. ALICE VERGUEIRO
/MÁRIO LAGINHA

QUINTA-FEIRA AS 22 H
SEXTA-FEIRA AS 23 H
SABADO AS 24 H

SEXTA-FEIRA
E SÁBADO ÀS 21,30 H.
DOMINGO ÀS 18 H.

**CONDUZIR
OU
BEBER
HÁ QUE ESCOLHER!**



circula e vive.

PUBLICIDADE Sete Ponto Sete

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 21 (domingo) das 8 às 15 horas nas seguintes localidades:

- FAMÕES, ARROJA E QUINTA DAS PRETAS
- PINTÉUS, CASAINHOS, FANHÕES E TORRE DA BEZOEIRA
- MOSCAVIDE
- CAMARATE, QUINTA DE S. FRANCISCO E BAIRRO ANGOLA
- PRIOR VELHO

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 17 DE JUNHO DE 1981

O Engenheiro Director Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

Câmara Municipal da Moita

EDITAL

Mercado Mensal da Moita

José Luís Lopes Pereira, vereador em exercício das funções de Presidente da Câmara no impedimento deste:

— Torna público que esta Câmara Municipal, em reunião de 3 de Junho corrente, deliberou suspender apenas no mês em curso a realização do «MERCADO MENSAL DA MOITA» por virtude de impossibilidade resultante da implantação de equipamento social em parte do espaço até ali reservado aquele mercado.

— Mais se publica que no mês de Julho próximo tudo estará pronto para o reinício dos MERCADOS MENSAIS.

Paços do Concelho, 5 de Julho de 1981

CONSTRUÇÕES

RUIVO DO MONTE

UMA CASA A MEDIDA DA SUA BOLSA

CONSULTE-NOS JA PELO TEL. 24128 - SETUBAL. VENDAS TODOS OS DIAS. RUA CIDADE DA BEIRA, LOTE 58-A EM SETUBAL. RUA DO EITO, N.º 28, 2900 SETUBAL



TRÓIA

SÁBADOS E DOMINGOS
DE 4 de JULHO A 13 de SETEMBRO

Praça de Espanha

Setúbal (TRÓIA)

(NA PRAÇA DA REPÚBLICA JUNTO AO CAIS DE EMBARQUE PARA TRÓIA)

PARTIDAS	Praça de Espanha	8,45 h
	Setúbal	19.30 h

DURAÇÃO DO PERCURSO — 45 MINUTOS
CARREIRA DIRECTA VIA AUTO—ESTRADA

OBS: Poderão ser efectuadas outras viagens após o horário referido desde que a afluência de passageiros o justifique.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º Juízo Cível

ANÚNCIO

2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da publicação do segundo e último anúncio.

Execução Sumária n.º 8249 1.ª secção
Exequentes — CERTIFIED — PRODUTOS DE MANUTENÇÃO INDUSTRIAL, L.D.

Executado — CORREIA & NASCIMENTO, L.D., com sede na Rua José da Silva Mendes, n.º 10-10/A, na Cova da Piedade — Almada.

Lisboa, 2 de Junho de 1981

O JUIZ DE DIREITO
José António da Cruz
O ESCRIVÃO ADJUNTO
João Gonçalves

Caminhos de Ferro
Portugueses - E. P.

TRANVIAS DE LISBOA- AZAMBUJA

Informam-se os Srs. Passageiros de que a partir do dia 31 de Maio, o horário de funcionamento da bilheteira do apeadeiro de Santa Iria, aos sábados, domingos e feriados oficiais, passou a ser o seguinte:

— das 07.00 às 12.00
e das 13.00 às 17.45



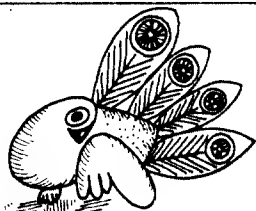
Caminhos de Ferro
Portugueses

Informação

TRANVIAS DE LISBOA — AZAMBUJA

Informam-se os Srs. Passageiros de que a partir do dia 31 de Maio, o horário de funcionamento da bilheteira do apeadeiro de Santa Iria, aos sábados, domingos e feriados oficiais, passou a ser o seguinte:

— das 07.00 às 12.00 e das 13.00 às 17.45 horas.



Toda a criança merece um tempo de alegria.

Para milhões de crianças em todo o mundo, a infância não é um tempo de alegria. Pelo contrário: é tempo de sobrevivência. Na ignorância e na dor. Na fome e na doença. Ou tempo, outro tempo, de morte.

Auxilie as crianças do COMITÉ PORTUGUÊS PARA A UNICEF.

Legalizado em 1979, o Comité Português Para a UNICEF conta consigo.

Áreas de trabalho da UNICEF: saúde materna e infantil, nutrição, ensino escolar e pré-escolar, acções de socorro e serviços sociais.

COMITÉ PORTUGUÊS PARA A UNICEF:
Rua Almeida e Sousa, 11, 1.º — 1200 LISBOA
Telefs.: 66 45 49, 60 51 60, 60 51 69

COMITÉ REGIONAL DO PORTO:
Rua Infante D. Henrique, 63 — 4000 PORTO

COMITÉ REGIONAL DE COIMBRA:
Rua do Brasil, 39 — 3000 COIMBRA

Faça-se sócio.

NOME

MORADA

LOCALIDADE:

Quota mínima: 20\$00 (para as crianças até aos 12 anos quota mínima de 5\$00).



D.L.

CONCURSO DE FOTOGRAFIA

«O CONCELHO DE BEJA, HOJE»

Iniciativa da Câmara Municipal de Beja destinada a amadores e profissionais.
EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DE 7 A 17 DE AGOSTO

O REGULAMENTO DO CERTAME SERÁ ENVIADO PELO GABINETE DE IMPRENSA DA CÂMARA DE BEJA A QUEM O SOLICITAR.



ALGARVE FÉRIAS 1981

EXCELENTE APARTAMENTOS
COMPLETAMENTE MOBILADOS
NA FAMOSA PRAIA DE ROCHA

CAPACIDADE PARA 2/4 ou 6 PESSOAS
OUTUBRO — POR DIA 1350\$00 OU 1650\$00

JUNHO A SETEMBRO — POR SEMANA — DESDE 18 500\$00

NÚMERO DE APARTAMENTOS LIMITADO
FAÇA RAPIDAMENTE A SUA RESERVA

Programas, informações e inscrições

CLARAS TURISMO

CENTRO DE TURISMO

DA RODOVIÁRIA NACIONAL, EP

Av. Fontes Pereira de Melo, 33

1098 Lisboa Codex

Telfs. 563451/2/3/4 — 560015 — 577715

Alberto Breccia e a quarta dimensão do desenho

A Europa descobriu-o aos cinquenta anos. A revista «Phénix» revela Mort Cinder e «Charlie Mensuel» publica O Eternauta. Aconteceu em 1973.

Alberto Breccia, grafista argentino, tem hoje 61 anos. Devem-se-lhe numerosas bandas desenhadas do género policial (Vito Nervio, entre outras). Mas a consagração só surgirá no ano de 1962, quando Mort Cinder aparece pela primeira vez na segunda fase de «Misterix».

«Não sei nada sobre Mort Cinder, afirmou um dia Breccia. Não sei se é um bom ou mau trabalho. Para mim, tem valor, porque a minha mulher estava a morrer na altura em que o desenhava».

«Naquela altura, ganhava 4500 pesos por semana, enquanto ela precisava de 5000 pesos diários de medicamentos».

Creio que Mort Cinder é uma boa história, porque pus no desenho tudo o que estava a viver na altura».

Em 1966, quando um agente da «Fleetway», a maior agência jornalística inglesa, pretendeu adquirir os originais da série, Breccia recusou:

«Custava-me muito desfa-

zer-me dos originais...», confessou.

Mort Cinder e O Eternauta, desenhados a partir de argumentos de Hector Oesterheld (desaparecido há tempos na Argentina, crê-se que por acção de forças de extrema-direita), são aparentemente baseados em arquétipos do género fantástico (Mort Cinder, com um morto que renasce para cumprir uma vingança) ou de ficção científica (O Eternauta com o ataque da Terra por uma misteriosa entidade vinda do espaço).

O tratamento dramático, porém, confere às bandas desenhadas algo de radicalmente diferente do que se pôde ver até hoje. O intimismo das situações e a profusão de alusões mais reforçam esta convicção.

O desenho de Alberto Breccia é o grande responsável pela originalidade dos quadrinhos.

«Um desenho expressionista, fotográfico, que parece muito inspirado — sobretudo Mort Cinder — numa tradição cinematográfica que parte dos primeiros Mabuse de Fritz Lang, para chegar aos pequenos filmes negros de Val Lewton dos anos 50», afirma Andrévon no «Petit Dico de la S.F.» (Charlie Mensuel).

De resto, a personagem de Cinder apresenta espantosas semelhanças com Karloff, no «Frankenstein» de Whale.

«Mort Cinder é a morte que não deixa de o ser, escreveu Oesterheld. Um herói que morre e ressuscita. Em Mort Cinder, há angústia, há tortura. Talvez respondesse a um particular momento meu, mas muito desse clima e ambiente foram criados por Breccia muito mais 'torturado' do que eu».

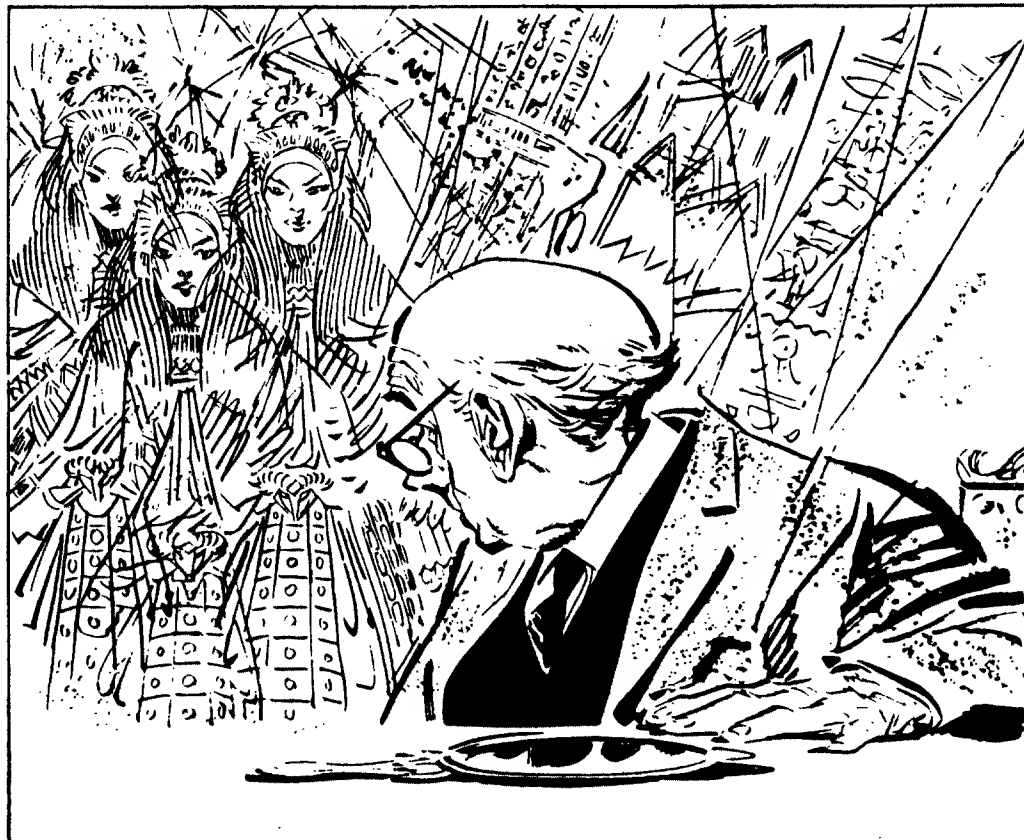
«O desenho de Breccia tem uma quarta dimensão de sugestão que o distancia dos restantes quadrinhos que conheço: esta sugestão incessante valoriza-o e suscita ideias ao argumentista».

Criar e impor um ambiente, um cenário (a floresta em negativo de Cinder ou a cidade deserta de O Eternauta) constitui o ponto forte de Breccia, uma das maiores descobertas dos últimos anos.

Com ele, o preto e branco regressam em força. A este título, situa-se num plano de continuidade que vem de Walter Molino (O mágico da floresta negra) e se prolonga por Tardi e Sampayo — Muñoz.

«Gosto de Mort Cinder e penso que é a melhor coisa que fiz. Ou a única. Antes e depois de Mort Cinder, nada».

Carlos Pessoa



Câmara Municipal da Amadora

AVISO 13/81

INFRA-ESTRUTURAS DA OPERAÇÃO SAAL DA FALAGUEIRA

Encontra-se aberto concurso público para arrematação da empreitada de execução das infra-estruturas da operação SAAL da Falagueira — arruamentos, águas e esgotos (1.ª fase), nas seguintes condições:

- 1 — preço base — 6.771.910\$00;
- 2 — caução provissória — 169.298\$00;
- 3 — alvará exigido — da categoria e classe correspondente à natureza das obras e ao valor da proposta;
- 4 — entrega das propostas — nos Serviços Municipais de Habitação da Câmara Municipal da Amadora até 20 dias após a publicação deste Aviso no Diário da República;
- 5 — acto público do concurso — sala de sessões da Câmara Municipal da Amadora e no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado para a entrega e pelas 11 horas;
- 6 — exame do processo e informações — Serviços Municipais de Habitação da Câmara Municipal da Amadora durante as horas normais de expediente.

Amadora, 15 de Junho de 1981

O PRESIDENTE DA CMA
ORLANDO GASPAR GUERREIRO DE ALMEIDA



AÇORES

- CARGA AÉREA
- VIA MARÍTIMA

Segura ★ Rápida ★ Económica ★
Contentores Completos
Grupagem em contentores
Carga Convencional
Armazéns Terminais

ANGRA DO HEROÍSMO — R. Lisboa 25-29
Tel. 25181 — Telex 82298

LISBOA — R. Arsenal 124-146
Tel. 362151/61-Telex 14548-14819

PORTO — R. Infante D. Henrique 113-117
Tel. 22581/81 — Telex 24387 — 22132

— CONSULTE-NOS —



As Florestas são uma riqueza nacional.
Compele a todos defendê-las e protegê-las.
Não faça queimadas.

NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO ANÚNCIO

Por esta 1.ª Secção correm editos de TRINTA DIAS, contados da última publicação deste anúncio, citando a R. MARIA FERNANDA FREITAS MESTRE, casada, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Avenida de Belém, n.º 21, em Lisboa, para no prazo de VINTE DIAS, posterior ao dos editos, contestar, querendo, a Acção Ordinária n.º 9340 que lhe move e a Manuel José Tavares Santiago Soveral Martins da Silva Ribeiro que também usa o nome Santiago Ribeiro e mulher Maria de Lourdes Santos Batista Santiago Ribeiro e Altaíra, Fábrika de Móveis de Estilo, Limitada, o autor BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, E.P., com sede em Lisboa, na Rua Aures, n.º 28, pelos motivos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra na Secretaria deste Juízo à sua disposição, na qual aquele autor pede que os réus sejam condenados solidariamente, a pagar-lhe as quantias de 900 000\$00 de capital e 149 130\$00 de juros de mora vencidos até ao dia da apresentação em juízo bem como os juros de mora vencidos calculados à mesma taxa até ao dia da integral liquidação do capital ao autor, devendo caso conteste declarar se confessa ou nega as firmas apostas nas livranças.

Lisboa, 11 de Junho de 1981
O JUÍZ DE DIREITO
Arturo Ferreira Lopes de Almeida

O ESCRIVÃO ADJUNTO
Carlos Alberto Ratibo
2.ª publicação D.L. — 20/6/81

Ministério da Justiça CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CENTRAIS

Processo n.º 26605/980

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Odet de Almeida Pereira da Fonseca Jacinto, Conservador Auxiliar da Conservatória dos Registos Centrais: FAÇO SABER que se encontra pendente, nesta Conservatória, um processo organizado nos termos dos artigos trezentos e trinta e um e seguintes do Código do Registo Civil, movido pela requerente Maria Odete Ramos Mateus, contra José Joaquim Gonçalves Jón, com última residência conhecida na Calçada Duque de Lafões, vinte e dois — Lisboa, o qual é citado a deduzir a oposição que tiver, no prazo de quinze dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da publicação do último anúncio, consistindo o pedido no afastamento de presunção de paternidade de Paulo Sérgio Ramos. Lisboa e Conservatória dos Registos Centrais, 26 de Maio de 1981.

O Conservador Auxiliar,
(Odete de Almeida Pereira da Fonseca Jacinto)

Tribunal Cível da Comarca de Lisboa 1.º JUÍZO

ANÚNCIO
2.ª Publicação

Por este Tribunal correm editos de 30 dias, que começarão a contar-se da data da publicação do segundo anúncio citando os réus para no prazo de dez dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser

condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: — em o réu ser condenado a pagar à autora a quantia de 81 518\$80 de prémio e juros vencidos, bem como os vencidos, à taxa legal, sobre a quantia de 69 446\$50, com custas a seu cargo.

Acção sumária — n.º 10.039 1.ª secção Autor COMPANHIA DE SEGUROS «IMPERIO» E.P., com sede na Rua Garrett n.º 56, da cidade de Lisboa. — Réu DR. JOÃO AUGUSTO MARCANTE, residente na Rua D. João V, 2-A, 3.º, da cidade de Lisboa.

Lisboa, 9 de Junho de 1981
O Juiz de Direito,
(José Manuel de Carvalho Pinheiro)
O Escrivão Adjunto,
(António da Silva)

INFERNOS Sete Ponto Sete

Um inquérito de Simon Malley realizado em Washington

As avestruzes republicanas

Director da prestigiosa revista «Afrique Asie», Simon Malley, que acaba de voltar a Paris, de onde tinha sido expulso por Giscard d'Estaing, esteve há semanas em Washington, conduzindo um inquérito sobre as tentativas republicanas para a revogação da emenda Clark, que proíbe a CIA de «trabalhar» em Angola. E esse inquérito que hoje publicamos, num rigoroso exclusivo Sete Ponto Sete para Portugal.

A cena passa-se numa das salas da Câmara dos Representantes dos EUA, onde habitualmente se reúne a Subcomissão para os Assuntos Africanos. Estamos em 31 de Março de 1981, e é o democrata Howard Wolpe quem preside à sessão. Na agenda, a política americana na África Austral, e mais exactamente o pedido da administração Reagan para que seja declarada sem efeito a emenda Clark, que, votada pelo Congresso em 1976, proibiu toda e qualquer ajuda dos EUA, e especialmente da CIA, à organização contra-revolucionária e fantoche UNITA, que tem incessantemente tentado desestabilizar a situação na República Popular de Angola. Já uma tentativa similar tinha sido feita em Junho de 1980, quando um senador republicano do Colorado do Norte, Jesse Helms, ultraconservador pertencente ao «lobby» sul-africano no Senado, submeteu uma resolução visando suprimir essa emenda.

Se é verdade que os seus esforços falharam então, apesar do apoio mal disfarçado da administração democrata de Carter, e que a sua moção foi rejeitada por uma maioria de apenas um voto (!), também é verdade que os partidários da desestabilização na RPA não desarmaram. O agravamento das relações Leste-Oeste, a questão afgã, o caso dos reféns americanos em Teerão, a suspensão das negociações URSS-EUA sobre os SALT-2, a deterioração do clima político-militar no Médio-Oriente, tudo isto convenceu os partidários de uma «política de força» americana de que a ocasião era boa para tentarem tudo o que visasse um trabalho de sapa dos regimes progressistas, revolucionários e socialistas do Terceiro Mundo, em particular no continente africano.

Alvos prioritários: todos quantos proclamam a sua adesão à ideologia marxista-leninista ou que recorrem à ajuda de combatentes cubanos para se defenderem contra agressores imperialistas e racistas; mas também todos quantos recusam curvar-se diante dos diktats das potências ocidentais dominantes, ou servir e defender os seus interesses vitais.

Desde a vitória de Ronald Reagan nas presidenciais de 4 de Novembro, os estrategos republicanos mais próximos do novo chefe de Estado puseram-se ao trabalho. Contactos foram imediatamente estabelecidos com todos os movimentos de oposição aos regimes progressistas e revolucionários do Terceiro Mundo.

Amigos de Pretória

No que toca ao continente africano, emissários de Reagan encontraram-se, em poucas semanas, com a maioria dos dirigentes de organizações subversivas de Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Madagáscar, Seychelles, Argélia, Bénin, Congo, etc. Porém, dada a estreita relação existente entre a equipa de Reagan e as autoridades racistas sul-africanas (não nos esqueçamos de que a primeira declaração «africana» de Reagan foi uma homenagem à África do Sul), a Casa Branca deu instruções precisas para que as primeiras preocupações americanas fossem para os regimes que, a seus olhos, constituem ameaças mais sérias para a «estabilidade interior» de Pretória, quer dizer: os de Luanda e Maputo: «Se estes dois regimes forem derrubados, afirmaram com convicção os estrategos de Reagan, a Namíbia, o Zimbábue, a Zâmbia, o Botswana deixarão de ser problemas inultrapassáveis».

Mas se, no tocante ao Maputo, não existia qualquer restrição legal ao apoio americano ao movimento contra-revolucionário, se os americanos, os sul-africanos e os seus aliados respectivos na região e em outras partes do mundo podiam entregar-se à sua política desestabilizadora e terrorista e às suas tentativas de assassinio, o «caso Angola» punha um problema delicado: a emenda Clark. Era preciso, portanto, suprimi-la a qualquer preço. Mas suprimir a emenda Clark

não teria graves repercussões na África Austral, sobretudo em Angola — um dos países da Linha da Frente — cuja cooperação é essencial para resolver a questão namibiana? E não iria provocar a cólera da opinião pública africana, que assim obteria a prova concreta de que a política americana se baseia na ingerência nas questões internas de países independentes e soberanos, na ajuda ao terrorismo e seu encorajamento, na desestabilização de nações que desejam a paz e que, durante tantos anos, combateram de armas na mão contra o colonialismo e os seus crimes? Suprimir a emenda Clark não acabaria por ameaçar, enfim, os imensos interesses económicos dos EUA e do Ocidente na África Austral?

Aparentemente, nenhum destes elementos parece ter, pelo menos até ao momento em que estas linhas são escritas, exercido uma qualquer influência na alteração das intenções agressivas da Casa Branca, do Departamento de Estado, do Pentágono e da CIA, que usaram de todas as suas forças para conseguir que a Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado se pronunciasse a favor da anulação da emenda Clark. Tudo isto era já visível na transcrição das discussões que houve na Subcomissão dos Assuntos Africanos da Câmara dos Representantes, quando o secretário de Estado adjunto interino, Lannon Walker, foi interrogado pelos deputados (foi precisamente este Lannon Walker quem discutiu longamente, em Rabat, com o fantoche Jonas Savimbi).

À porta fechada

Howard Wolpe — Você encontrou-se recentemente com Jonas Savimbi em Marrocos.

Sobre que é que discutiram, e como explica esse encontro com um homem que afirma querer derrubar o regime do seu país e que alimenta uma guerrilha contra o seu Governo?

Lannon Walker — Sim, é verdade... De facto encontrámo-nos com Savimbi. Agora se pretende detalhes suplementares, é oportuno dizer que eles decorreram «à porta-fechada». Em todo o caso,

posso dizer que era útil ouvir todas as partes.

Wolpe — Vocês consultaram os países africanos sobre esta questão?

Walker — Efectivamente «informámo-los» de que era nossa intenção suprimir essa emenda. Não entrámos num diálogo com esses países a este respeito. Reagan podia escolher entre manter ou revogar a emenda. Optou por esta última solução. Mas nós especificámos aos africanos que esta decisão não significava necessariamente que contássemos ajudar a UNITA (!).

Crockett — Mas então para quê o pedido de revogação? E, a este respeito, como explica o encontro do nosso embaixador na ONU, Jane Kirkpatrick, com personalidades militares sul-africanas?

Walker — Nós apresentámos esse pedido para estarmos aptos a fazer face a qualquer eventualidade. Em todo o caso, mesmo que a emenda seja revogada, não poderemos retomar a ajuda à UNITA senão em Outubro... Quanto à delegação sul-africana, as autoridades oficiais de Pretória não nos tinham submetido os nomes nem as posições oficiais das pessoas que tinham pedido vistos. O nosso embaixador encontrou-se com elas desconhecendo a sua verdadeira identidade. (Walker esquece-se, pura e simplesmente, que Jane Kirkpatrick justificou e defendeu o seu encontro com personalidades militares sul-africanas, entre as quais estavam membros dos serviços secretos de Pretória).

Wolpe — Você não crê que a revogação da emenda Clark constituiria uma ameaça para Angola e para Moçambique?

Walker — Você presume que esses países têm algo a temer a esse respeito. Nós não temos essa impressão. Falámos disso a alguns, em breve falaremos disso aos outros (!).

Crockett — Não vão tomar medidas disciplinares contra Jane Kirkpatrick?

Walker — Não, visto que ela não sabia com quem estava a falar!

Snowe — Robert Mugabe disse que os EUA teriam de escolher entre a África do Sul e o Zimbábue. Vocês vão escolher?



Walker — Como os outros dirigentes africanos, Mugabe lê a Imprensa americana nos momentos em que a nossa política muda, como a pele das serpentes (sic).

Mas, para responder à sua pergunta, dir-lhe-ei: não, os EUA não vão escolher.

Temos interesses na África negra, mas também os temos na África do Sul. Uma boa política não supõe escolhas dessas.

Snowe — Como é possível que não tente compreender as consequências que adviriam dessa revogação?

Walker — Remeto-o para as declarações do presidente (Reagan) ao «Washington Post» sobre a necessidade de levar Angola a devolver as tropas cubanas à procedência.

Snowe — O general Haig disse que não haveria modificações substanciais na nossa política em relação à África do Sul. Que pensa disso?

Walker — Está a esquecer-se de acrescentar que Haig precisou que deveríamos manter um diálogo eficaz com Pretória e que esse diálogo deveria prosseguir porque os nossos interesses na África do Sul têm uma importância vital que não poderíamos abandonar ou negligenciar. É por esse motivo que não aceitaremos nunca sanções obrigatórias (económicas, diplomáticas, etc.) contra Pretória.

Solarz — Não acha que os africanos pensam que nós vamos ajudar a UNITA desde o que disse Reagan durante a sua campanha eleitoral?

Walker — Ignoro tudo isso. O que eu sei, é que o presidente quer manter abertas ao Governo americano todas as opções.

Wolpe — Como vão reagir às tentativas sul-africanas de de-

sestabilização em Moçambique?

Walker — Eu não conheço momento-a-momento os planos sul-africanos.

Wolpe — O Governo americano conta, ele próprio, desestabilizar Moçambique?

Walker — Nós acabámos de chegar ao fim de uma fase das nossas relações com Moçambique (depois da questão dos espíões americanos no Maputo) e vamos agora entrar numa nova fase.

Studds — A vossa supressão da ajuda americana a Moçambique já faz parte dessa nova fase? Além disso, você acha que a arma alimentar deve ser utilizada contra países pobres do Terceiro-Mundo?

Walker — Não creio que toda a ajuda alimentar destinada a Moçambique fizesse parte do plano de ajuda urgente a conceder a países sofrendo de subalimentação ou de fome.

Studds — Há algum exemplo similar, no passado, no que toca à anulação da ajuda alimentar prometida?

Walker — Não sei. Não me lembro. Quando a ajuda alimentar deixa de ser requerida, cessa...

Studds — Mas neste caso (moçambicano) a ajuda ainda era necessária e de repente cessou... Porquê?

Walker — Por causa das medidas tomadas contra os nossos diplomatas e das circunstâncias que as rodearam. O clima era muito antiamericano.

Studds — Eu creio que o nosso prestígio internacional não poderá aumentar com medidas tão baixas como essa.

Wolpe — Voltando ao caso de Angola, que tem a dizer sobre o piloto preso pelo angolano, Jeff Tyler?

Walker — Oh, ele ia a bordo de um pequeno avião que se dirigia para a Namíbia. É o segundo ou terceiro caso. Foi preso e está numa prisão. A embaixada italiana, que se ocupa em Luanda dos assuntos americanos, está a tentar libertá-lo. Essa questão está à cabeça da lista de questões que são evocadas a cada vez que nos encontramos com angolanos.

Wolpe — A mãe de Tyler escreveu a Haig para sublinhar o perigo que corre o seu filho caso a emenda Clark venha a ser revogada.

Walker — Não vejo qual é a relação entre as duas coisas...

Os países que apoiam a UNITA

O representante Goodlong pede então que a subcomissão ouça um antigo jornalista da «Newsweek», Arnaud de Borchgrave, que foi várias vezes hóspede de Jonas Savimbi. O antigo jornalista americano, de origem belga é actualmente, em Washington, uma colmeia de académicos, de especialistas e de técnicos onde Reagan e Haig vão buscar os seus técnicos e os seus altos funcionários.

Seria ridículo citar todas as declarações de Borchgrave: nelas o caricato disputa a primazia à deformação mais grosseira dos factos. Mas é bom que os nossos leitores o ouçam um pouco, para melhor se darem conta a extensão da campanha de intoxicação em que hoje navega a opinião americana, desde a eleição de Ronald Reagan para a presidência.

Wolpe — Você afirma ter visitado a UNITA, por duas vezes, «por detrás das linhas», durante os últimos quinze meses (na realidade, o jornalista encontrava-se na Namíbia).

Arnaud de Borchgrave — Savimbi passou dois meses e meio a visitar países do Médio-Oriente e da África. No momento actual, dez países ajudam a UNITA e um décimo primeiro, que não reconheceu o governo do MPLA, apoia-a igualmente. É nosso dever revogarmos a emenda Clark, porque não vejo como é que a administração Reagan poderia fazer parar os cubanos em outras frentes se ela continuar, neste caso, de pés e mãos atadas contra o inimigo. Os senhores percebem que, por causa dessa emenda, a CIA nem sequer pode enviar agentes seus para detrás das linhas de combate, com o objectivo de determinar o poder real da UNITA?

Posso garantir-lhes que o soviéticos e seus aliados nunca estiveram tão activos em África como neste momento. Têm cinco mil homens na Líbia, vinte campos onde são treinados dez mil guerrilheiros dos movimentos de libertação. Na última cimeira da OUA, a Líbia comprou votos favoráveis à Frente Polisário à razão de um milhão de dólares por voto. Soube isto através de uma «fonte africana» séria (!). Actualmente, a Líbia intervém em 45 países e ameaça cortar os nossos abastecimentos em petróleo líbio, que correspondem a 11% dos nossos consumos.

Wolpe — Você considera que o actual governo angolano é uma ameaça para os interesses

americanos?

Borchgrave — De momento não penso isso... Mas não vejo como conseguiremos fazer os cubanos sair de Angola sem uma estratégia mais criativa. Se pedimos eleições livres na Namíbia, porque não as pedimos também em Angola (!)

Wolpe — Enfim, há uma muito nítida distinção entre o estatuto internacional da Namíbia e o de Angola, não lhe parece?

Borchgrave — Há, em Windhoek, um regime apoiado pelos sul-africanos, e em Luanda há um regime marxista-leninista que iria a pique sem o cubanos.

Wolpe — Quase todos os países do Mundo reconhecem Angola.

Borchgrave — Essa é uma questão diferente. Eu creio que nós deveríamos estabelecer relações diplomáticas com Angola, exactamente para dispor-mos de mais possibilidades de acção no que lhe diz respeito.

Wolpe — Você não acredita que as sociedades americanas seriam ameaçadas pela UNITA?

Borchgrave — A sociedade Gulf (petróleo) opera em Cabinda, onde a UNITA não tem actividade. Essa questão não existe, portanto, para nós. Durante a minha última viagem, eu caminhei com a UNITA durante quatro dias. A UNITA afirma controlar dois terços do território. Nos últimos dez dias houve uma reunião entre a UNITA e a FLEC acerca da coordenação das actividades de ambas.

Solarz — Pode você citar os nomes dos dez países que diz apoiar a UNITA?

Borchgrave — Recuso-me a fazê-lo. Os srs. podem confirmar a minha afirmação junto de três serviços secretos europeus, porque eu não creio que a CIA disponha dessa informação. Até me disseram que a CIA não conseguia sequer encontrar Savimbi... O que eu gostaria de vos dizer, é que Savimbi não precisa de ajuda militar americana. Ele pede-a a outros países...

Solarz — Mas então para quê revogar a emenda Clark, se Savimbi não precisa de ajuda militar americana?

Borchgrave — Ah! porque, quando Savimbi pediu auxílio militar a um país amigo do Médio-Oriente, o ministro dos Negócios Estrangeiros desse país respondeu-lhe que não era possível por causa da emenda Clark, que proíbe a ajuda americana. Quer dizer, esse ministro teme eventuais pressões dos EUA.

Solarz — Você não apresentou nenhuma razão válida para se revogar a emenda Clark. Afirmou que precisamos de um contacto com Savimbi, mas, evidentemente, a emenda Clark não proíbe esse contacto. Mas eu sei que a revogação da emenda vai perturbar gravemente as nossas relações com vários países africanos...

Savimbi em Washington

Tudo isto se desenrolava, como disse, em Março último. Entretanto, muita água corre sob as pontes. Se nem a Câmara dos Representantes nem o Senado votaram ainda a revogação da emenda Clark, a opinião hoje prevalecente em Washington é a de que o presidente Reagan sob pressão do «lobby» sul-africano, das multinacionais e das maiores firmas industriais e comerciais americanas, vai fazer tudo o que puder para alcançar

os seus objectivos.

Já depois de ter aceitado atrasar por alguns dias a sua visita a Washington, devido ao périplo africano de Chester Crocker, Jonas Savimbi esteve incógnito, a pedidos das autoridades americanas, na capital dos EUA. Ele comprometeu-se a não dar conhecimento público dessa viagem e a não divulgar a natureza das suas trocas de impressões com altos funcionários do Departamento de Estado, da Casa Branca, do Pentágono e da CIA. Tudo o que de momento, podemos revelar é que ele deixou Washington satisfeito com os resultados das suas conversas.

Garantiram-lhe que estava praticamente conquistado o que ele exigia sobre a emenda Clark? Chegou a traçar, com os seus interlocutores, uma pretensa «nova estratégia» destinada a acentuar a desestabilização em Angola? Já estará a ter efeitos práticos a promessa que lhe teria sido formalmente feita

pelo director da CIA, William Casey, de enviar um maior número de conselheiros militares americanos para os campos de treino que ele controla na Namíbia? Fontes diplomáticas absolutamente dignas de crédito indicam que mercenários americanos estão desde há alguns meses na Namíbia, com os agentes de Savimbi.

O que pensa Clark

A única resposta que podemos, de momento, fornecer, a estas perguntas, é a seguinte reacção do próprio autor da célebre emenda, o antigo senador democrata do Iowa, Dick Clark, que em 1976 foi presidente do subcomité senatorial dos Negócios Estrangeiros encarregado das questões africanas:

«Quaisquer que sejam — declarou-nos ele em Washington — as intenções e as possibilida-

des actuais da Administração de Ronald Reagan, parece-me quase certo que, se esta emenda for revogada a CIA intervirá novamente em Angola, com todas as graves consequências que isso implicaria. Pertence aos africanos, aos seus governos e aos seus povos imporem, por todos os meios possíveis, à opinião oficial e pública americana, o sentimento de que revogar essa emenda é provocar a guerra, é por destruir a última hipótese de uma solução negociada para o problema da Namíbia, é isolar os EUA de alguns dos seus aliados ocidentais (sobretudo a França, depois da eleição Mitterrand para a Presidência da República), é em risco as nossas relações com 51 estados africanos independentes, que ficarão, mais do que nunca, convencidos de que, entre um regime racista, opressor e explorador como a África do Sul e trezentos milhões de africanos, nós escolhemos o primeiro. A

África possui riquezas imensas, actuais e potenciais, riquezas de que os EUA e o ocidente têm necessidade vital. Não é tentando aliar-nos a Pretória que poderemos estabelecer relações sãs e construtivas com este continente. E se a administração Reagan ainda não o compreendeu, é preciso que os governos e os povos africanos lho expliquem. Qual é o imbecil que pensa que, hostilizando trezentos milhões de africanos, está «a conter melhor a União Soviética»? Para quem, para onde se voltariam amanhã os africanos, se esta louca aventura da estratégia republicana viesse a ser tentada? É a política da avestruz. Não tenho parado de o repetir, em todas as minhas intervenções públicas...

Simon Malley

«Afrique Asie» especial para o «Sete Ponto Sete»

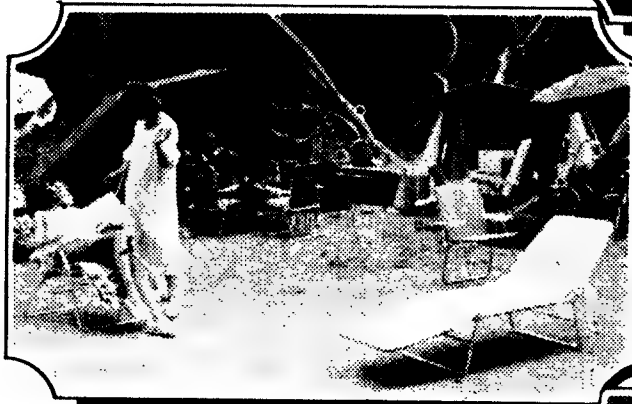
Editing da responsabilidade do Sete Ponto Sete



O Chiado vai estar consigo nos seus tempos livres

na Cidade

Vestidos de Senhora, giros, elegantes, modernos	498.00
Blusões de Malha Unisex Moderníssimos	398.00
Fatos para homem de qualidade corte moderno	1.980.00
Camiseiros última palavra	298.00
Casacos de Sport moda actual	1.980.00



na Praia

Bikinis de banho das melhores marcas e muito modernos	698.00
Chapéus de Sol, Campo e Praia	498.00
Toalhas de praia, de nível	250.00
Jean's de óptima qualidade	780.00
Cadeiras de Campo e Praia	175.00



no Campo

Colchões para campismo	1.398.00
Bicicletas para todas as idades a preços de Fábrica	
Tendas maior colecção — preços milagre	
Fatos de treino girrissimos	598.00 + 998.00
Saco de dormir para campismo	1.550.00



mais elegância com as novas colecções dos Armazéns do Chiado...
... a preços do Chiado!

PUBLICIDADE Sete Ponto Sete

PAGUE EM 12 MESES

sem aumento de preço

SALORA

CINESCÓPIO de 56 cm
a medida que os
exigentes preferem

A CORES



SALORA

CORES NATURAIS · MAIS NITIDEZ
MAIOR REALIDADE · MELHOR IMAGEM

M. L. FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
1000 LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA ANÚNCIO

2.ª Publicação

FAZ SABER que, pela 1.ª Secção do 3.º Juízo da Comarca de Sintra, correm editos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o Réu FRANCISCO JOÃO SOUSA E SILVA, casado, mecânico, actualmente ausente em parte incerta, mas com última residência conhecida na Avenida de Aljubarrota, n.º 1, cave, esquerda, na Amadora, comarca de Lisboa, para no prazo de DEZ DIAS, posterior ao dos editos, contestar, querendo, o pedido formulado pela Autora «Companhia de Seguros Império, E.P.», com sede na Rua Garrett, n.º 63, em Lisboa, nestes autos de Acção Especial, nos termos do art.º 68.º do Código da Estrada, que esta move contra aquele, em que pede a sua condenação no pagamento da indemnização de 44.534\$00 (quarenta e quatro mil quinhentos e trinta e quatro escudos), respeitante a despesas pagas pela mesma Autora em consequência de um acidente de viação, além das custas da acção como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que fica na Secretaria a aguardar a sua solicitação, sob pena de ser condenado no pedido.

Sintra, 8 de Junho de 1981
O JUIZ DE DIREITO,
José Gabriel da Silva Mariano
O Escrivão de Direito,
Joaquim Augusto Correia

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO ANÚNCIO

2.ª Publicação

Por esta 1.ª Secção correm editos de TRINTA DIAS, contados da última publicação deste anúncio, citando o réu HELDER ANTAS DA CUNHA, engenheiro, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Estrada Nacional 10, Lote 2 e 3 em Casal do Marco (Setúbal), para no prazo de VINTE DIAS, posterior ao dos editos, contestar, querendo a Acção Ordinária n.º 9474 que lhe move e a César Luís Fernandes Trancoso Vaz, a Autora TELLUS-Representações, Comércio e Indústria, S.A.R.L., com sede na Estrada de Paços D'Arcos, 163 do Cacém, pelos motivos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra neste Tribunal à sua disposição, na qual aquela autora pede que o réu seja condenado solidariamente a pagar a quantia de 305 000\$00, acrescida de juros de mora de 5% desde 23/3/79 até ao pagamento da mencionada importância e ainda nas custas da acção e em procuradoria, sob pena de não contestando se considerar confessados os factos articulados pela Autora.

Lisboa, 5 de Junho de 1981.
O JUIZ DE DIREITO,
(Arlindo Ferreira Lopes de Almeida)

O Escrivão Adjunto,
(Carlos Alberto Ratibo).

Câmara Municipal de Grândola EDITAL

Posse administrativa de prédio rústico na Freguesia de Melides

ANTÓNIO JESUS FIGUEIRA MENDES, Presidente da Câmara Municipal de Grândola:

Faço saber a todos os interessados que, por deliberação tomada na sessão camarária de 12 de Junho de 1981, este Município, usando da faculdade prevista nos art. 1.º e 4.º n.º 1 do Decreto-Lei N.º 275/76, de 13 de Abril TOMOU POSSE ADMINISTRATIVA DO PRÉDIO DENOMINADO BARREIRINHA, a que corresponde o n.º 46 da Secção L da matriz cadastral rústica da freguesia de Melides, confrontando do Norte com Mariana da Conceição Galido Teixeira de Aragão Gamito Gomes, do Sul com Helena Ventura e com Maria Filipe Barata Bartolo, do Nascente com Abílio Luís Simões e do Poente com António Chainho, José Ferreirinha, Alfredo José Dias Gabril, Dasien Gabriel e José Ferreirinha, em que foram detectados indícios de uma actividade clandestina de loteamento (construção de arruamentos, derrube de árvores, demarcação de lotes através de estacas, concentração de tijoleiras, ao mesmo tempo que são distribuídos panfletos propagando a venda de terrenos rústicos junto da Praia de Melides a preços desde sessenta e cinco mil escudos, através da intermediação dum tal Guerreiro).

A posse decretada tem como efeitos a imediata suspensão de todos os trabalhos em curso bem como a proibição de quaisquer outros que não respeitam à exploração normal do prédio.

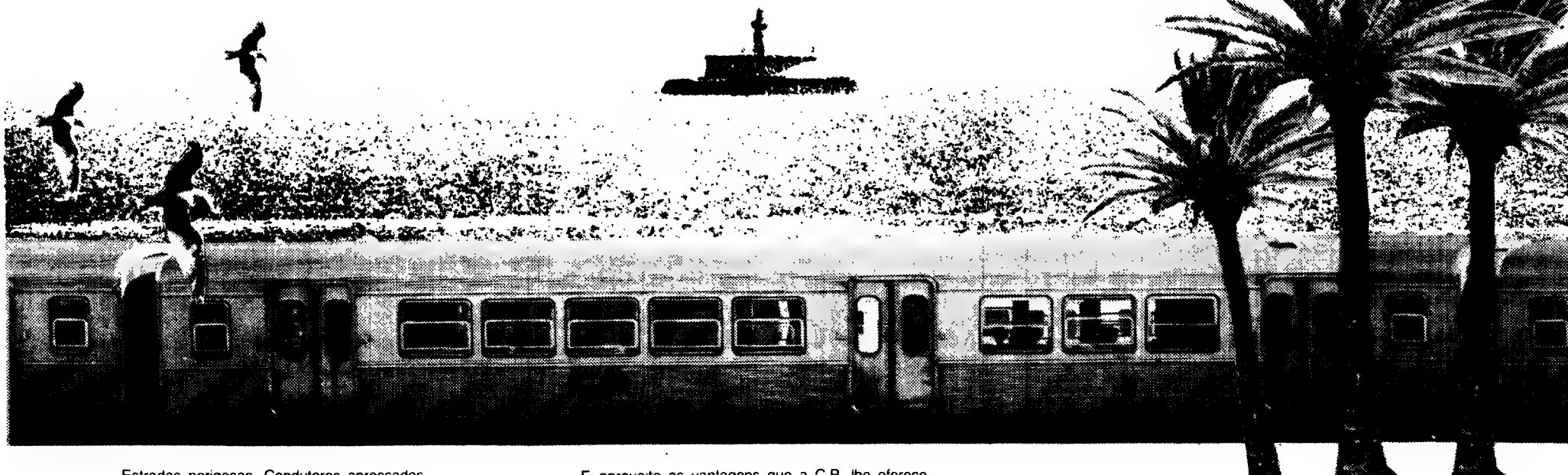
Os interessados poderão reclamar para esta Câmara, no prazo de trinta dias a contar da publicação deste anúncio, nos termos e para os efeitos previstos no art. 4.º do Decreto-Lei N.º 275/76.

Se não forem apresentadas reclamações ou se estas forem indeferidas, será feita participação dos factos à entidade competente para promover o procedimento criminal (art. 4.º n.º 4), sendo aplicáveis penas de prisão e multa até 1 000 000\$00 (art. 8.º) e resultando da decisão condenatória a perda do prédio a favor do Município.

Grândola e Paços do Concelho, 16 de Junho de 1981

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
António Jesus Figueira Mendes

Tenha férias tranquilas.
Vá à praia de comboio.



Estradas perigosas. Condutores apressados
Engarrafamentos. Parques de estacionamento superlotados
Tudo isto, durante as suas férias? Não!
Tenha férias tranquilas.

Vá de comboio para a praia. A ler, a conversar, a ver
a paisagem. Tranquilamente. A qualquer dia da semana

E aproveite as vantagens que a C.P. lhe oferece
De bilhetes semanais e passes mensais. De modernas máquinas
automáticas para bilhetes. De comboios com partidas constantes.
em ambos os sentidos

Tire o máximo proveito de umas férias tranquilas
Aproveite o comboio

 Caminhos de Ferro
Portugueses

Peter Stein/Schaubuhne: O fim da "Oresteia"

Referi em crónicas anteriores as duas primeiras partes da trilogia «Oresteia» de Esquilo, na encenação de Peter Stein. Depois de «Agamémnon» e «As Coéforas», «As Euménides», título da terceira tragédia que conclui o ciclo de sangue e vingança e que tem como subtítulo, no espectáculo da «Schaubuhne», «Os vampiros abençoam a cidade».

Oestes perseguido

Quando termina a segunda parte da «Oresteia», consumado o acto de vingança, Orestes vê-se confrontado com as Erínias, que se preparam para o castigar pelos crimes que acabara de cometer, assassinando a mãe (Clitemnestra) e o padrasto (Egisto). Orestes dirige-se ao santuário de Apolo em Delfos, e aí se compromete a ir a Atenas onde os juízes estão dispostos a perdoar os seus crimes. Antes disso, porém, deverá purificar-se da mácula que o marca através de um longo convívio com os homens. Em Atenas, Orestes suplica à deusa Atena para que lhe conceda a sua protecção e um julgamento justo. É então absolvido pelo tribunal superior de Atenas, o Aréopago, fundado por Atena que igualmente apazigua as Erínias que se transformam em deusas benfazejas com o nome de Euménides.

Já há muito a noite caiu

Entre para a sala de espectáculos da Casa de Cultura de Bobigny pouco passava das duas horas da tarde. São nove e vinte da noite quando se inicia a terceira e última parte da trilogia de Esquilo.

No intervalo, mas como se fizesse parte do espectáculo, assistira-se à operação de transformação da grande porta do palco que fora pintado de branco sujo. Os técnicos da companhia utilizaram para o efeito um estranho aparelho com o qual pareciam sulfatar a superfície que pretendiam pintar. Também as escadas foram pintadas. O público que se manteve na sala durante essa operação gozou bastantes até porque o aparelho falhou por várias vezes, acabando por aplaudir quando tudo ficou pronto.

Quando a tragédia «As Euménides» começa, há uma luz muito branca, fria. Uma velha descalça entra no palco com a cabeça coberta pelo vestido e quando volta, rasteja pelo proscaénio e pelas escadas, vomita (de verdade: uma espécie de creme amarelo), e mesmo à nossa frente, levanta-se e cai pesadamente no chão. Levanta-se de novo e continua a arrastar-se gemendo com voz monócórdica, mas sem qualquer vestígio de declamação. Cospe. Há no seu corpo, na sua voz, no seu aspecto, sinais de grande sofrimento. Finalmente sai. É a Pítia (pitonisa). Fora a visão de Orestes que tão profundamente a perturbava.

O sangue da culpa

Surge então Orestes. Sobre ele cai o sangue largado por um leitão que aparece na parte superior da parede do palco (na capa da edição Garnier-Flammarion do Teatro Completo de Esquilo há uma reprodução de um vaso grego onde PS provavelmente se inspirou.).

A Pítia começara por falar do santuário de Delfos onde a violência não existe, pois Apolo não se apodera de dele pela força mas recebe-o da Terra por intermédio de outros deuses. Ao entrar no templo, a Pítia regressara apavorada, como vimos, porque vira um homem (Orestes) marcado pela mancha do crime, as mãos ensanguentadas, e à sua frente um grupo de mulheres adormecidas (as Erínias). Apolo promete a Orestes velar por ele mas diz-lhe para abandonar a Grécia e vagabundear por outros continentes purificando-se nessa viagem errante. Deverá depois dirigir-se a Atenas onde ficará sob a protecção de Hermes. Assim se libertará da perseguição das Fúrias (as Erínias).

No espectáculo de PS as Erínias surgem com o aspecto repelente que tinham na tragédia antiga. Quando

surgiram pela primeira vez na tragédia de Esquilo espectadores desmaiaram, apavorados com a sua imagem de horror. Aqui vestem fatos negros, deformantes, tendo nos braços elementos que imitam serpentes, e os rostos ocultos por um tecido negro, espesso, e por isso são ainda mais inquietantes. Ainda semideitadas, ressonam. Orestes surge com sapatos de ténis azuis.

É então que surge na abertura do palco a sombra de Clitemnestra. Edith Clever enverga um fato negro, com uma longa cauda que atravessa todo o espaço. Ela (a sombra da mulher assassina e assassinada) vem para acordar as Erínias e incitá-las a que persigam Orestes sem descanso.

Assim o diz: «Tu persegues a besta em sonhos e ladras como um cão teimoso. (...) Que fazes? Levanta-te e não te deixes vencer pelo cansaço. (...) Expele sobre este homem o teu sopro sangrento, mirra-o com o fogo desse vapor que o teu ventre exala, segue-o, esgota-o, perseguindo-o sem parar». A sombra de Clitemnestra desaparece. As Erínias acordam e saem pelo fundo, uivando, como cadelas.

Um novo espaço

Dá-se então a mais decisiva das mutações de cena do espectáculo. A parede que ocultava o palco desaparece quase sem darmos por isso. O palco surge em toda a sua grandeza. Está vazio: apenas, no proscaénio, de perfil, uma estátua, a da deusa Atena (ou Minerva). Orestes surge, vestido de branco, empunhando o mesmo ramo com que saíra. Ouve-se, ao longe, o ladrar das Erínias.

Ele tem agora a mesma maquiagem dos velhos do Coro de «Agamémnon». Muitos anos passaram. Dirige-se à estátua: «Rainha Atena... recebe com benevolência o maldito que aqui vês. Já não sou um suplicante de mãos impuras. As minhas máculas são agora quase invisíveis; purifiquei-me no contacto com os homens que me receberam em suas casas ou que encontrei ao longo dos caminhos... beijo a tua estátua, deusa, e aqui fico, à espera que a justiça seja feita».

Ouvem-se os passos e a respiração das Erínias que procuram Orestes. Dão corridas nervosas, quase histéricas, e depois, de longe, cercam o jovem e a estátua, gemendo como animais. Aproximam-se. Orestes treme. Estão cada vez mais próximas. É então que Atena surge atravessando a sala, sobre a assistência, numa espécie de baloço.

Veste o traje clássico da deusa, incluindo o capacete bem conhecido. Curiosamente, o público ri-se desta cena, esquecido que PS reconstituiu as formas utilizadas no teatro grego.

Orestes e Atena (Jutta Lampe) dialogam enquanto as Erínias andam de um lado para o outro. Atena escuta Orestes e também as Erínias, mas recusa-se a proferir a sentença. Não quer condenar Orestes mas não pode absolvê-lo, temerosa do que aquelas façam à sua cidade. Por isso resolve confiar a um tribunal humano o julgamento de Orestes. As Erínias ficam inquietas, recendo que com a alteração das «leis antigas os homens deixem de temer, e a violência possa desencadear-se por toda a parte».

Pareceu-me haver aqui um trabalho menos cuidado por parte do Coro feminino (lembramo-nos de que se trata de um espectáculo extremamente complexo e estreado há muito pouco tempo).

O julgamento de Orestes

O palco surge fortemente iluminado e dividido a meio por uma

divisória feita de tubos. Há cadeiras vulgares, uma mesa, e duas ânforas. Juizes com indumentária contemporânea.

Apolo desce numa plataforma que se desloca verticalmente e fica a meio da parede da direita, junto do palco. Nu, muito louro, o corpo doirado, um projectador colocado atrás dele ofusca-nos. Tem numa das mãos a lira, e um amplo manto encarnado. Há na sua presença uma imagem «kitsch» talvez proposital, corte irónico na tragédia. Atena tem ao pescoço uma pequena máscara, pormenor curioso que sublinha o que há no trabalho de PS de procura do elemento insólito, da contradição enriquecedora.

As Erínias passam a funcionar como advogados de acusação. Os intérpretes do Coro dos velhos formam agora o júri. Vestem fatos domingueiros, gravatas coloridas de óbvio gosto pequeno-burguês. Apolo toca a lira apoiando um dos pés num daqueles aparelhos que por vezes os músicos utilizam. Vê-se um jurado a tomar notas num pequeno caderno, as Erínias acabam por se sentar junto do público, no chão.

Nesta cena, PS leva ainda mais longe as discrepâncias entre personagens da tragédia antiga e nossas contemporâneas, entre os sinais do tempo esquiliano e o nosso.

O júri prepara-se para votar. Há nos aspectos naturalistas desta cena uma crítica evidente à visão democrática, ou pseudo-democrática, do voto. Alguns dos jurados são mais lentos a resolver-se; um deles vota sem ocultar o seu voto. Os escrutinadores contam os votos: pedras brancas e pretas. Há empate. Aqueles levantam a tampa da mesa para que o público possa certificá-lo. É então a vez de Atena votar — uma pedra branca: Orestes ganhou, foi inocentado. A plataforma onde Apolo descera volta a subir, com o deus rindo-se. Orestes passa pelas



Erínias e sai pelo meio do público cumprimentando alguns espectadores.

As Erínias transformam-se

Ouve-se um grito em coro das Erínias. No palco, há jurados que vomitam e outros que tentam fugir; um deles cai, aparentemente desmaiado. As Erínias dão nesta cena o que parece ser uma imagem do nazismo. Enquanto os jurados lutam entre eles, aquelas dão berros tre-

mendos. Sempre que a sua voz se faz ouvir, os jurados dão mostras de grande sofrimento. Por fim sentam-se serenamente.

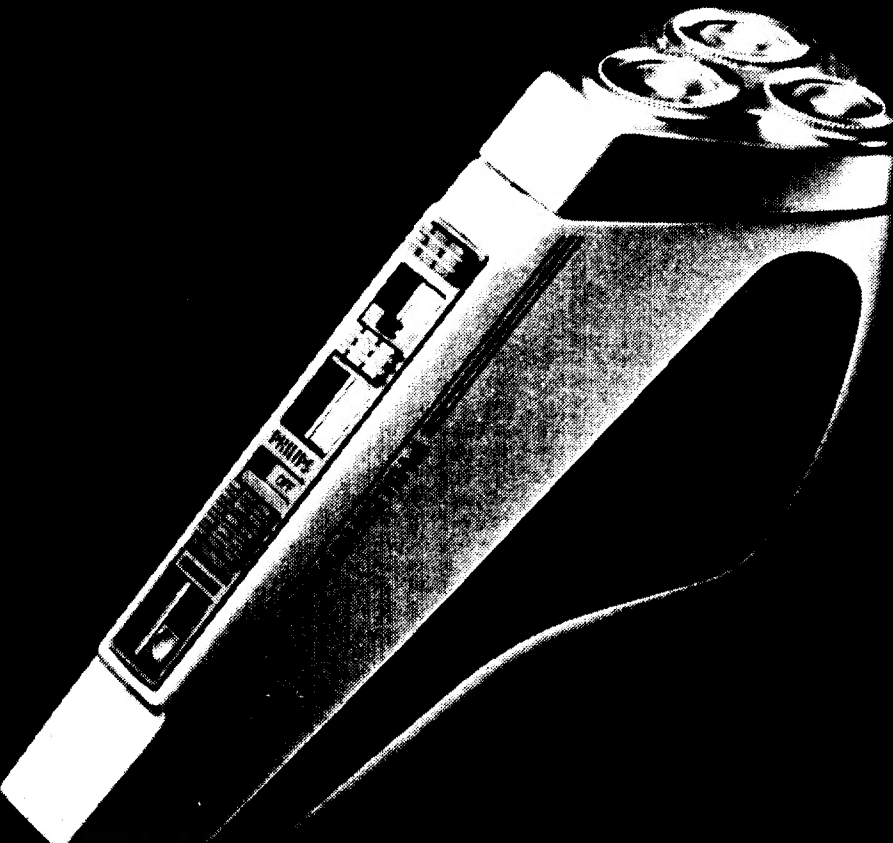
Atena, que tirara o capacete, vai junto delas. Estas formam uma roda, braço no ombro. Atena toca-lhe sem que consiga desfazer a roda, até que finalmente consegue colocar-se no centro. A deusa leva as Erínias pela mão, subindo com elas ao palco. Os jurados deixaram de ter medo. O Coro canta. Por fim, levam as mulheres pelo braço, formam com elas um cortejo. Sentam-nas em pequenas cadeiras e envolvem-nas com faixas vermelhas. Ficam presas, vendo-se apenas as cabeças negras, com os rostos que continuam ocultos. Depois voltam ao palco. Cantam. Há outra votação. Eis pois que as Erínias se transformaram nas Euménides. As Fúrias foram aqui e são agora elementos apaziguadores. Não sem que Peter Stein dirija ao público uma piscadela irónica.

Há nesta terceira parte da «Oresteia» uma alteração qualitativa tanto a nível do texto, como a nível do espectáculo. É o que veremos para a próxima vez.

Carlos Porto

Mais um êxito tecnológico Philips

Nova Philishave de acção dupla prepara o corte e barbeia mais rente



PHILIPS

O sistema de acção dupla que a PHILIPS agora apresenta torna antiquados todos os outros processos de barbear.

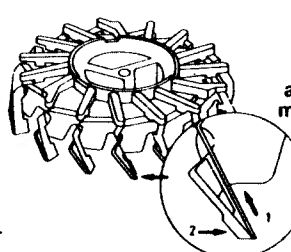
Uma obra-prima de microtecnologia

Cada elemento de corte da NOVA PHILISHAVE é constituído por duas lâminas: uma elevatória e outra cortante. A acção combinada de ambas permite barbear com micro-precisão. A lâmina elevatória puxa suavemente o pêlo e retém-no. A

lâmina cortante actua de imediato e o pêlo, cortado abaixo da superfície da pele, recolhe à posição inicial.

A lâmina elevatória puxa suavemente. A lâmina cortante, barbeia. 2000 vezes por minuto.

Três cabeças flutuantes. Cada uma com 90 ranhuras. Em cada cabeça, 15 lâminas de acção dupla. Actuando 2000 vezes por minuto! Painel de controlo localizado na parte da frente da máquina, incluindo o ajustamento de



9 posições para barbear. Corta patilhas e bigodes. A NOVA PHILISHAVE apresenta linhas modernas muito belas e acabamentos de grande classe em metal e negro.

nova por fora novíssima por dentro

Philishave - a única máquina eléctrica de barbear de acção dupla

Gravura moderna portuguesa: ha 25 anos, o início

A Gravura Moderna Portuguesa, como arte maior no panorama artístico português é um facto relativamente recente, cuja história se liga íntima e indiscutivelmente à «Gravura» (Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses) instituição responsável pelo ressurgimento desta prática artística em moldes completamente novos. Próximo que estamos do seu 25.º aniversário, achamos oportuno que se recorde a história da sua formação, e da actividade que então desenvolveu. Verdadeiramente exemplar, não apenas pela tenacidade que lhe era característica — e daí os êxitos alcançados, como pela sua rápida ascensão e afirmação que não se limitou ao público habitual, mas se expandiu um pouco por todo o País.

É objectivo deste pequeno texto caracterizar o contexto em que surge a «Gravura» — pelos antecedentes mais próximos e motivações principais e definir a importância que adquiriu no panorama das Artes Plásticas em Portugal.

Pela dificuldade de recolha de documentação histórica e crítica satisfatória, nem sempre se expõem as ideias principais com a devida clareza e linearidade. Os depoimentos aqui inseridos são assim tão testemunhos vivos como contribuíram para o melhor encadeamento dos factos.

A gravura moderna portuguesa não se inclui numa linha de continuidade de toda uma prática que vem desde os meados do séc. XVI, com excepção para a semelhança entre os antigos e alguns dos actuais processos de gravar. Mais acentuado numa época do que noutra, os períodos de maior produção coincidiram com a presença de reputados gravadores estrangeiros (quando não são os portugueses que lá vão fora aprender com os mestres), mas não se pode negar ou afirmar com propriedade a existência de uma gravura portuguesa, do ponto de vista estético.

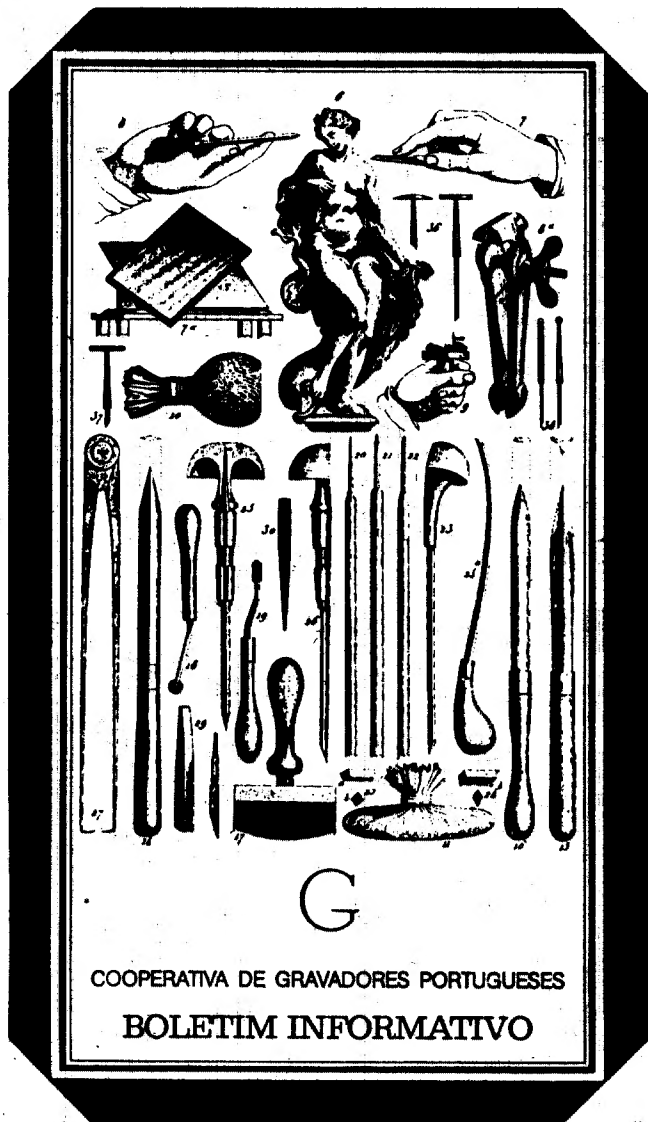
Por outro lado, a gravura feita pelos artistas de gerações anteriores aos da «Gravura» constituía uma prática episódica e dispersa, prática que era um prolongamento das suas pinturas e desenhos, e portanto destes dependentes (artistas como Botelho, Almada e principalmente Jorge Barradas), viriam ainda a colaborar com a «Gravura».

Mas evidentemente que não foi do nada que surge a gravura moderna portuguesa, é sim fruto de uma determinada conjuntura social e política e de um determinado clima cultural consequente, muito intenso e fértil em acontecimentos.

O fim da Segunda Guerra Mundial, com a vitória dos Aliados, dá ânimo à oposição para a contestação ao regime — registam-se diversas manifestações populares de cariz democrático, o clima é de agitação, de despertar de consciências. A resistência cultural antifascista, simultaneamente, cresce. A área artística é agitada, a sua actividade desenvolve-se com intensidade e pela adesão de novos artistas: «foi um período de enorme entusiasmo e penso que até talvez tenham nascido alguns artistas (eu considero-me um deles) nesses salões; e esse entusiasmo existia porque pensávamos que o salazarismo tinha os seus dias contados, e então cresceu uma grande esperança, que os congressos» (Sá Nogueira).

A um mesmo tempo a procura de novos caminhos de expressão na arte define e afirma movimentos com dinâmicas próprias. O aumento da contestação verifica-se na generalidade, por uma distanciação ou mesmo recusa de colaboração com o SNL, que chega a assumir situações de ruptura.

É no seio deste clima que se realizam as «Exposições Gerais de Artes Plásticas», na Sociedade Nacional de Belas Artes, entre os anos de 1946 e 56, as manifestações do género mais concorridas e participadas. O facto mais saliente nestas exposições é que o movimento neo-realista consegue firmar-se e



torna-se mesmo a tendência dominante — uma razão mais para que se considerem estes salões como o «salão da Oposição» — movimento que, compreendendo uma visão vasta das realidades da sociedade portuguesa, principalmente das classes mais exploradas, interessando-se pelos temas populares, fazendo-se eco de um contacto directo com o povo, tem grande audiência.

1952 foi o ano em que, na Fac. de Ciências de Lisboa, se realizou a primeira Exposição de Gravura Moderna, destacando-se na nova geração Manuel Ribeiro de Pavia, Júlio Pomar, Cipriano Dourado, Rogério Ribeiro ou Alice Jorge ao lado de Abel Salazar, Dórdio Gomes, Abel Manta e Sousa Lopes. Simultaneamente realiza-se a primeira exposição internacional. Do contacto então tido com «um artista mexicano, Leopoldo Méndez (primeira figura de um movimento de gravadores realistas no México, onde a arte popular tinha uma grande difusão), que trazia uma colecção de gravuras, que nos sensibilizou como linguagem, como novidade e como exemplo do facto de os artistas do México terem transformado uma necessidade numa forma de arte renovada através da função imediata que se lhes pedia» (Rogério Ribeiro). Havia também um conhecimento bastante vasto de toda uma tradição de gravura popular brasileira.

Mas é precisamente no âmbito das «Gerais de Artes Plásticas» que vão surgir as primeiras gravuras feitas por jovens artistas (para além dos já citados atrás). Na VII Exposição, já são várias dezenas de linóleos e litografias, o que suscita aplauso da crítica e público. Desde então e até 1956, seriam organizadas mais sete exposições de gravura. Mas este dinamismo por si só era insuficiente para assegurar a

continuidade do movimento. O contacto com experiências alheias, pelo entusiasmo que provocaram, deu igualmente uma perspectiva de como tal arte era praticada e divulgada.

A formação da «gravura»

Pela necessidade premente de um progresso no domínio das técnicas, numa conjugação de esforços colectivamente, dá-se o passo decisivo: «a «Gravura» começa em 1956. Nenhum de nós havia feito gravura senão episodicamente, e cada um por si não dispunha de meios para equipar convenientemente um atelier... constituiu-se uma Cooperativa onde se associavam artistas e público, produtores e consumidores. Foi um trabalho a partir do nada, porque entre uns e outros, poucos tinham a ideia do que era uma gravura original. Mas arrancámos a seco sem subsídio algum, dado que a Fundação Gulbenkian não estava em actividade (é em 1959 que é dado o primeiro subsídio que permite a instalação de uma sede própria, onde a Cooperativa ainda hoje funciona, na Tv. do Sequeiro) e como nenhum de nós era pessoa grata ao regime, não podíamos (nem aceitaríamos) comprometer-nos com autoridades oficiais. E pussemos casa e arranjámos máquina e trabalhámos como cães e chegámos ao fim do ano com as contas limpas!»

... o eng. Manuel Torres foi dos mais tenazes, sempre presente. Aliás a nossa primeira prensa litográfica foi instalada na garagem da sua moradia e não tenho memória de situação ou problema em que ele não participasse, num voluntariado que tinha tanto de dedicação e de bom senso como de humildade» (Júlio Pomar em entrevista a Helena Vaz da Silva). Lembrou-nos aliás o eng. que «foi o A. Paiva, o nosso primeiro operário litógrafo quem nos conseguiu a primeira prensa, que estava abandonada». De facto, como Cooperativa, a conjugação de esforços não se limitava aos artistas gravadores, antes contou com a presença de indispensáveis personalidades que importa salientar: o Dr. Armando Vieira Santos, historiador e crítico de arte, talvez o mais entusiasta, foi o maior divulgador da gravura através dos seus números escritos; José Júlio Andrade dos

Santos, gravador e pedagogo; arq.º Conceição e Silva, pelo valioso auxílio e cedência de facilidades.

Embora tenham sido os neo-realistas a base da «Gravura» (J. Pomar, Cipriano Dourado, Alice Jorge e Rogério Ribeiro) bem como os seus principais antecedentes, a sua produção demonstra desde o início abrangeu uma variedade de tendências. «Um das qualidades, talvez a mais clara, exemplar desses anos, foi a unidade criada entre os artistas, encontrando formas de luta em torno e através do seu próprio trabalho» (R. Ribeiro, sobre os 20 anos da «Gravura»). Contam-se entre os primeiros artistas editados pela Cooperativa nomes como Botelho, Jorge Vieira, Jorge Barradas, Navarro Hogan, José Júlio, Bartolomeu Cid, Teresa Sousa, Hansi Stael, Sá Nogueira, António Charrua, Areal, João Abel Manta, Conduto, Jorge Martins ou Maria Velez.

A aprendizagem

Os primeiros passos da Cooperativa, para cumprir aquilo a que se tinha proposto e para a assegurar a sua sobrevivência, não eram tarefa fácil: angariar sócios, divulgar a gravura como obra de arte, o conhecimento seguro do artista sobre o ofício, bem como a qualidade das obras — eis alguns dos problemas que se apresentavam.

A decidida aposta dos artistas numa difícil batalha, que só a força de vontade, a confiança e humildade valiam para penetrar nos segredos de uma arte cuja técnica estava praticamente esquecida, não foi em vão. «Nos primeiros três, quatro anos, era uma constante deitar fora de materiais até se conseguirem obter os resultados mais seguros. Nesta altura, e que éramos iniciados, trabalhar em gravura representava para nós uma autodisciplina, tínhamos mesmo que saber daquilo e ao mesmo tempo dependia da capacidade do artista conseguir exprimir-se, encontrar-se, saber utilizar as condições técnicas como criador» (R. Ribeiro). Nesta perspectiva organizaram-se cursos ou aulas em que os que já tinham aprendido alguma coisa mostravam os seus conhecimentos, contando-se igualmente com a presença de artistas estrangeiros para o aperfeiçoamento das técnicas. «As sessões colectivas de estudo, de leitura, foram também uma forma de cimentar aquele conhecimento. E por outro lado, deu-se uma selecção ao nível de artistas, porquanto a gravura é uma actividade extremamente disciplinadora, na medida em que não dá margem para erros nem grandes regressos» (Sá Nogueira). É assim que, a pouco e pouco «a gravura vai adquirindo autonomia própria, em relação à pintura, como aconteceu por exemplo com Hogan — a gravura que eu faço nada tem a ver com a minha pintura».

Uma nova forma de divulgação

O expresso propósito de contribuir para a elevação do nível de cultura artística do povo, como um dos objectivos prioritários, assumiu também, através de uma acção dedicada e persistente, um significado social, de intervenção, que certamente não seria bem vista pelo regime.

A «Gravura» adequava-se com tal objectivo — o seu carácter democrático... que consiste na repetição e numa partilha estética acessível a quem tinha menos posses, garantia-lhe uma intervenção mais vasta. Era também uma forma de comunicar directamente com um público mais diverso, e que era praticamente inédita — pioneirismo —, como muitas vezes foi dito. «A «Gravura» organizou-se, tinha caixas com colecções seleccionadas. Dava-se assim resposta imediata a pedidos para exposições com o fim de cumprir uma função cultural, ge-



Júlio Pomar «Os Pastores» Xilogravura 1957 (Prémio de Gravura na I Exposição Gulbenkian, 1957; Alice Jorge «Rapariga no cal» Litografia 1957; Rogério Ribeiro — «Feira» Litografia 1959.



«Cabeça», Cipriano Dourado

almente na cidade, mas que passou também para a província, nas festas, e os pedidos eram sempre feitos pelas forças locais mais vivas e atentas. Tivemos assim oportunidades de, através do fomento destas iniciativas, estabelecer um contacto entusiasta com outras gentes. Em cada exposição tínhamos a preocupação de explicar que as gravuras eram obras de arte, eram originais e então mostrávamos como eram feitas, em demonstrações completas, e as pessoas percebiam e entusiasmavam-se por possuir obras de artistas nacionais. Devemos o nosso crescimento a este trabalho que inclusivamente resultava num aumento de sócios» (Sá Nogueira).

A «Gravura» firmou-se como principal aglutinadora e divulgadora da gravura moderna portuguesa, no país como no estrangeiro, onde ganhou notoriedade em pouco tempo. A ela se deve todo um trabalho que desde 1956, e assumindo-se múltiplos processos de linguagem, garante a existência de um número de gravadores já com extensa obra. Pode-se mesmo afirmar que não haviam artistas com um mínimo de actividade que não estejam repre-

sentados na colecção da «Gravura». «Os resultados foram extraordinariamente importantes para a Arte Portuguesa em geral, na medida em que abriu campos de expressão muito importantes e possibilidades que ofereceram às gerações novas um terreno mais aberto» (R. Ribeiro).

«Fomentou-se, assim, um modo de criação artística — retomando-se as técnicas básicas dos processos de gravura — e um seu suporte; uma forma de comunicação que tinha por origem e fins uma função muito clara, um sentido definido, uma imediata utilidade cultural. E isso, numa época, é importante lembrá-lo, em que os movimentos associativos, sujeitos à vigilância do poder político e à sua repressão directa, viviam existências precárias ou mal subsistiam. Só com sacrifícios incontáveis — é esta a face humana da nossa cultura nesses anos idos, que ainda nos estão próximos — chegavam a cumprir alguns dos seus propósitos, a defender a sua liberdade, pobre e possível» (F. Azevedo 1976).

Pedro Dourado

Os esquecimentos diplomáticos

Nunca há unanimidade em volta dos prémios dos Festivais de Cannes. Cada um tem os seus favoritos, os jurados têm as suas razões. Mais do que juízes são diplomatas. Parece que este ano os seus erros diplomáticos se conjugaram com o seu cansaço de espectadores. Prova-o o afastamento dos americanos, em especial de Michael Cimino com «a Porta do Paraíso», a ausência de prémio de encenação, o prémio de consolação atribuído a John Boorman, autor do «Excalibur», a homenagem a Ettore Scola, sem dúvida destinado a não cortar as pontes com o mercado italiano e talvez por o prémio de interpretação atribuído a Ugo Tognazzi não parecer suficiente, a criação de um prémio do cinema contemporâneo, deixando pensar que os outros filmes são de outro tempo...

DEPOIS de ter esperado durante mais de uma hora na sala abafada das conferências de Imprensa, pela lista dos prémios de um júri que nunca mais acabava, ao que parecia, de deliberar, os jornalistas franceses e estrangeiros apressaram-se a partir, fatigados e descontentes após a leitura dessa lista. Foram raros os aplausos, mesmo para a Palma de Ouro atribuída — como todos esperavam — ao **Homem de Ferro** de Andrezej Wajda. Quase todos os anos, em Cannes, os resultados da competição provocam discussões, controvérsias. É uma regra. Não se pode contentar toda a gente. Este ano as paixões cederam perante a desilusão, a consternação.

Vejamos a Palma de Ouro, acusada de ambiguidade. A recompensa suprema, atribuída a Wajda não deve ser considerada um caso de oportunismo político e «diplomático» para com a Polónia e da chegada de um socialista, François Mitterrand, à presidência da República francesa. Ela presta homenagem a um dos maiores cineastas mun-

diais, e o júri ecuménico (Organização católica internacional do cinema e Centro internacional evangélico do filme) ratificou, confirmou com o seu próprio prémio as razões fundamentais desta escolha, declarando acerca do **Homem de Ferro**: **Este filme, de escrita muito eficaz, transcende a luta histórica de todo um povo para valorizar as aspirações universais do homem.** Mas, quanto ao resto, a lista dos prémios parece resultar de um conjunto de compromissos e manobras que fizeram com que se chegasse à eliminação pura e simples de outro cineasta dos maiores: Michael Cimino, que, nem sequer foi citado. Ele e o seu filme **A Porta do Paraíso**, não existiram: É mais do que um escândalo. Foi atribuído o Prémio do melhor segundo papel feminino a uma atriz soviética que aparecia no filme **O Grupo Sanguineo Zero** (para agradar à URSS?), que, nem sequer era digna de entrar na competição. Foram distribuídas medalhas de chocolate, já meio derretidas, à selecção italiana, grande perdedora do Festival, em relação aos anos passados.

Deu-se a **Excalibur**, de John Boorman um Prémio da melhor contribuição artística, como se daria ao mais belo stand de uma feira de antiguidades.

Atribuiu-se, por outro lado, a **Mephisto**, o prémio do melhor argumento quando o argumento do filme húngaro é inseparável da encenação (felizmente a FILIPRESCI consagrou, integralmente, a obra de Istvan Szabo). Michael Cimino, esse não teve direito a nada, nem pelo seu argumento, nem pela realização, nem pela qualidade das imagens nem pela interpretação masculina. Em boa justiça, e mesmo que pudesse haver divergências a seu respeito. **A Porta do Paraíso** devia, pelo menos, ter partilhado com os **Anos Luzes** Tanner, o Grande Prémio especial do júri. Sabe-se a importância que pode ter para a frequência das salas de ci-

nema, uma recompensa vinda de Cannes. Recusando-a **A Porta do Paraíso**, o júri comprometeu a carreira em França de um filme já «maldito» nos Estados Unidos e que todos querem demolir. Assim, este trigésimo quarto Festival de Cannes, menos brilhante que o de 1980, mas, em todo caso, capaz no seu conjunto, deixou-nos, apesar do entusiasmo que sentimos pela vitória de Wajda, muita amargura.

É certo que desde a importante mudança da vida política francesa ocorrida no dia 10 de Maio, o «acontecimento» não decorria em Cannes mas sim em Paris. É certo que a ausência de uma forte representação americana e da avalanche habitual de gigantescos painéis publicitários, tinha modificado um pouco a paisagem da Croisette. Houve menos animação, menos pitoresco, um ambiente menos

frenético. É certo que na primeira semana os frequentadores do festival tinham o pensamento noutro lugar e sentiam-se um pouco perturbados com a programação de filmes «menores», visto os mais importantes terem sido reservados para a segunda semana. Mas a selecção oficial (à excepção do filme soviético já citado e de **Património nacional**, de Berlanga) estava, na sua variedade, bem concebida. Ela reflectia, no próprio academismo esmerado de certas produções, o estado de um actual cinema mundial, que parece procurar para o mercado internacional menos a inovação do que uma espécie de perfeição estética e espectacular. **A Pele**, de Liliana Cavani e **Posse** de Andrzej Zulawski provocaram reacção, mas não tinham sido escolhidos por gosto do escândalo. Cannes deve e sabe abrir-se a todas as experiências. Ora

o mundo está em período de crise e isso influi na produção cinematográfica. Cannes apoiou este ano, na selecção oficial, filmes de autores como **Engels aus Eisen** de Thomas Brasch, **Olhares e Sorrisos** de Kenneth Loach, **Neve** de Juliet Berto e Jean-Henri Roger que, noutros tempos, teriam sem dúvida sido apresentados nas secções paralelas.

É um avanço interessante do espírito da competição. Mas se a estagnação da produção mundial se confirmar até 1982, talvez fosse preferível tornar o festival mais curto e deixar que nele se instale uma espécie de conformismo unicamente perturbado por alguns momentos excepcionais de busca ou de qualidade.

Resta dizer que não esqueceremos tão depressa a afronta e o prejuízo imperdoáveis causados a Michael Cimino.

CASACOS DE ANTÍLOPE E CABEDAL LIMPAM-SE

ÚNICA NO GÉNERO QUE LIMPA TODO O GÉNERO DE CONFECCÕES DE ANTÍLOPE E TINGE TODA A CONFECCÃO EM CABEDAL

Exclusivos **Vamar**
CASA ESPECIALIZADA

LISBOA: 1100
R. JOÃO DAS REGRAS, 3-3.º ESQ. (À PRAÇA DA FIGUEIRA, ANTIGA R. DO AMPARO)
EM COIMBRA: 3000
RUA DA SOFIA, 111-1.º

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccões
Av. João XXI, 5-D - 1100 (Metro Areeiro)
Rua Infância 16, 55-C - 1300 LISBOA

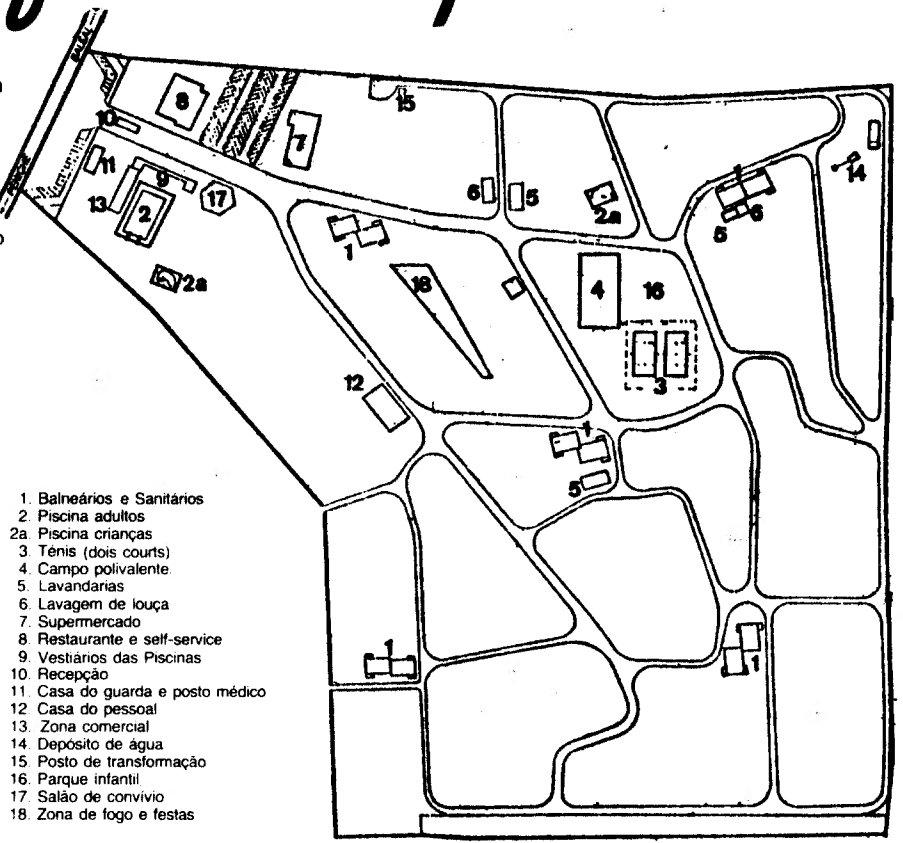


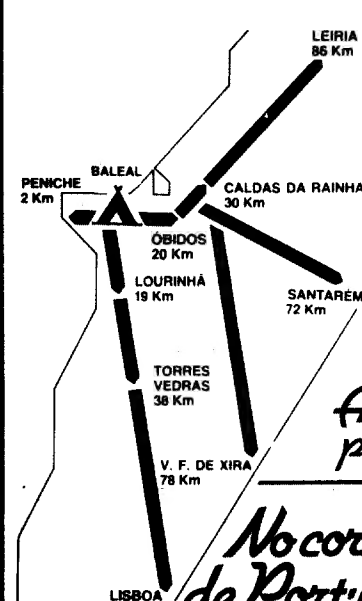
BALEAL

Parque de Campismo

Venha conhecer um dos melhores Parques da Europa com os mais modernos apoios a funcionar

- Aquecimento solar
- Electrocutores de insectos
- Todos os duchos com água quente
- Dois courts de ténis, futebol de cinco e polivalente
- Assistência médica permanente
- Recinto próprio na praia com todas as comodidades e nadadores salvadores





1. Banheiros e Sanitários
2. Piscina adultos
- 2a. Piscina crianças
3. Ténis (dois courts)
4. Campo polivalente
5. Lavandarias
6. Lavagem de louça
7. Supermercado
8. Restaurante e self-service
9. Vestiários das Piscinas
10. Recepção
11. Casa do guarda e posto médico
12. Casa do pessoal
13. Zona comercial
14. Depósito de água
15. Posto de transformação
16. Parque infantil
17. Salão de convívio
18. Zona de fogo e festas

Aceitam-se inscrições para a próxima época

No coração de Portugal: -o seu espaço de férias!

TUPATUR - Rua Latino Coelho, 10, 2.º Esq. - 1100 Lisboa - Telef. 561316/571980

Administração de: Dr. ABÍLIO CARDOSO

Vinde-nos no PARQUE, na praia do Baleal - Peniche

ESTOU INTERESSADO EM MAIS INFORMAÇÕES

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____ TELEF. _____



TUPATUR - Empreendimentos & Turismo, Lda.
Rua Latino Coelho, 10, 2.º Esq. - 1100 Lisboa - Telef. 561316/571980

PARAÍSO Sete Ponto Sete

Le Monde

no Sete Ponto Sete

Japão
O reverso
do milagre

JAPÃO do consenso social: um mito nasceu, o de um povo trabalhador entusiasta, industrioso e imaginativo, unido perante os seus dirigentes. Alimenta-se com os discursos que os «managers» japoneses sempre fazem perante os visitantes plenos de admiração, e em que se fala de espírito de grupo, de fraternidade, da adesão dos trabalhadores aos objectivos das empresas...

Os testemunhos de certos trabalhadores japoneses sobre a sua vida quotidiana são bem diferentes.

Kamata Satoshi há vários anos que se dedica ao estudo da realidade operária no Japão. Em **Toyota, a fábrica do desespero**, traduzido para o francês em 1976 (Éditions ouvrières), ele narrou a sua própria experiência como operário sazonal da indústria automóvel. Desde então tem percorrido o mundo operário japonês e recolhe os fragmentos de uma história operária mal conhecida, mesmo no próprio Japão.

No seu último livro, **Que se passa nos estaleiros navais?**

Recentemente publicado em Tóquio, Kamata Satoshi penetra no mundo dos operários «marginais», o mundo dos trabalhadores por empreitada de baixos e até baixíssimos salários — os maguke — alugados ao dia ou ao mês por autênticos mercados de homens.

Os trabalhadores «marginais» — o termo é usado no meio sindical — representam uns 15% da população activa japonesa. Na indústria naval, o emprego precário (trabalho ao dia, à estação, por empreitada) representou nos anos fastos que precederam a recessão actual, uns dois terços da totalidade dos operários do ramo.

Marginais na produção, os três operários que nos foram apresentados por Kamata Satoshi, são-no também na sociedade: marginais de nascença, imigrantes ou, como Kawamoto Hiroshi o refractário, por escolha própria, a fim de fugir ao mundo opressor da grande empresa.

Há nestes testemunhos matéria para reflectir sobre as molas do famoso «consenso».

Torturado

Foi em Janeiro de 1969 que Miyake Massaki conseguiu um lugar nas docas de Sanoyasu. Tinha vinte e seis anos. Aca- bava de deixar um lugar de vendedor numa loja de tecidos para quimonos, em Shinzaibashi. Era pouco antes da exposição universal, de Osaka, que se realizou em 1970. Os negócios

corriam mal e o salário de Masaki era em função das vendas. Foi então que resolveu partir para Osaka. E, graças a uma família sua conhecida e que tinha relações com a sociedade Miyazaki Mokko, conseguiu dar entrada nos estaleiros, embora trabalhando por empreitada.

Miyake só tem o segundo ano da escola primária. Morava numa aldeia de coreanos e as crianças com quem brincava eram quase todas elas coreanas. Chegavam a tomá-lo também por coreano. E não é fácil ser tomado por coreano na escola onde quase todas as crianças são japonesas.

De tudo o que me contou da sua infância fixei que, nessa escola houvera um grande rebo- lido por se ter perdido um livro, e como que por acaso, as desconfianças tinham caído sobre ele. Chamado à sala dos professores, foi torturado com cigarros acesos nas palmas das mãos. Aquilo era feito por sete ou oito professores que o rodeavam para o obrigar a confessar. Ficaram a detestá-lo porque ele se manteve mudo durante o interrogatório.

Mais tarde, a criança culpada tinha muito simplesmente confessado que levava o livro para casa e se esquecera de o trazer, mas não se atvera a falar e preferira que o colega fosse acusado.

O pai de Miyake era marce- neiro, o que naquela época não era uma profissão que desse para criar quatro filhos. Para mais, ajudava nos trabalhos do campo e distribuía jornais. Mas os quatro irmãos e irmãs ficavam muitas vezes sem jantar. O pai levantava-se às quatro da manhã e regressava a casa por volta das dez. Mugas vezes não tinha nada para comer. Adoeceu e morreu ao fim de três anos de doença. Motivo: carência alimentar. Só comia duas vezes por dia. De manhã o tsukemono (legumes salgados e secos), de fraco valor nutritivo, geralmente acompanhados de arroz (N. do T) e misoshiru (sopa de soja fermentada); ao meio dia restos de tofu (massa de soja). Para dezoito horas de trabalho.

Trabalho de forçado

Nos primeiros tempos que Miyake passou nos estaleiros, em 1969, a empresa Mokko tinha vinte operários, três aprendizes, uma dezena de trabalhadores contratados ao dia, e mais aqueles que a empresa alugava a outras empresas dos estaleiros. Era especializada no fabrico das calhas de madeira que



sustentam os barcos e na carenagem. O trabalho de Miyake era um trabalho de faz tudo.

Decorridos três anos colocaram-no na montagem dos vigamentos dos barcos de madeira. Um trabalho de forçado. É necessário dobrar-se num estreito espaço de um metro, o máximo, do fundo da rampa, e deslocar barrotos de perto de 150 quilos. Quase todos os trabalhadores que se dedicavam a este trabalho sofriam de lumbago e eram despedidos logo que mostravam sintomas de enfraquecimento. E não havia subsídio de doença nem de desemprego, nem pensão de reforma.

Miyake trabalhou assim todos os dias, tanto aos domingos como aos feriados. O seu salário era de 1700 yens (uns 370 escudos) por dia, aos quais se juntavam 300 yens (60 escudos) de horas suplementares. Ao todo 60 000 yens (uns treze mil escudos) por mês, o que era excepcional para uma empresa onde praticamente só trabalhavam coreanos, os «burakumin» (habitantes dos bairros da lata) e gente de Okinawa. Miyake contou-me que conheceu um coreano da empresa que, desempregado por ter uma dor lombar, se suicidou colectivamente com a família.

Um vadio

Kawamoto Hiroshi nasceu em 1922 em Pursan, na Coreia. É diplomado por uma escola superior de comércio, o que lhe permitiu entrar no Banco Industrial da Coreia. Quando esta-

trou a guerra, foi chamado. Até à derrota trabalhou na construção de aeroportos. Em 1945 vai para a cidade de Yamaishi, na região de Yamaguchi. Aí, recebe um aviso de requisição para a mina de carvão de Nagazawa, em Ube. Trabalha no fundo da mina, depois é mudado para a superfície como empregado de escritório. Em 1949 casa. Abandona então a mina e começa a trabalhar numa loja de grossista que vende lenços de papel e papéis de Shoji, no centro da cidade de Ube. A casa, porém, começa a perder muito dinheiro. Decide então partir com a mulher para Tóquio.

Em Tóquio, um amigo arranja-lhe um lugar numa Caixa de crédito, onde permanece durante dois meses. Preferia ser operário, pensa. E também: Mas como conseguir comer com um ordenado de operário? Então começa a andar de cá para lá. Kawasaki, Kamakasaki, Sanyo. É estivador, operário, faz tudo. Onde quer que chegue é-lhe dado um lugar de tarefeiro. E o trabalho de tarefeiro é em toda a parte o mesmo.

No Verão de '76 chega a Osaka. Entretanto divorciou-se. Joga muito ao patchinko e bebe salé. Nos estaleiros leva uma vida de anko (vadio).

Quando lhe falam da vida passada diz: «Fazia tudo a meu modo mas não era livre». Baixo, de ar distinto, é inteligente, vê-se isso na sua maneira de falar. Mas é um insubmisso. É do género de voar daqui para ali, mesmo que tenha encon-

trado um lugar um pouco estável.

Porque tem um princípio: não fazer horas suplementares. Nisso é obstinado. Não admite a ideia de as horas suplementares aumentarem o dinheiro mensal. Acha que as horas extraordinárias servem principalmente para engordar os capitalistas. É uma ideia que trouxe da Coreia, quando emigrou, e que tirou das leituras que fazia em adolescente, quando vivia, como um parasita em casa dos pais. Kawamoto tem alma de vadio. No tempo da mina de carvão, como havia muitos abandonos e a direcção queria conservar os jovens, conseguiu fazer com que os salários fossem aumentados. Na fábrica de papel também lutou por um sindicato, o que lhe valeu ser despedido. Quando era trabalhar manual num entreposto conseguiu constituir os primeiros piquetes de greve contra o trabalho ao domingo. Trabalhador diário na estação de caminhos-de-ferro de Kawasaki teve a ideia de formar um sindicato de trabalhadores diários. Quantos vezes pediu apoio a um candidato no momento das eleições municipais? Mas as múltiplas traições e os compromissos da política não o tentam. Tudo isso avivaria a chama da revolta.

O acidente

Yoshida Haruo foi contratado em Abril de 1975 pela empresa Aotoko como montador de andaimes. Viera para Osaka como trabalhador à jorna. E depois, o director da Aotoko, que fora operário tarefeiro, simpatizou com ele. Ficou a trabalhar ao mês. Na Aotoko, os trabalhadores «ao mês» são alojados pelo director, perto de sua casa. Recebem prémios e são lhes entregues colchões e televisão. O operário consegue assim sair do bairro de lata. Mas tais despesas são contabilizadas como empréstimos, e deduzidas do salário.

Na empresa Aotoko, o director todas as manhãs reúne os operários em sua casa, inspeciona-os e leva-os para o trabalho numa carrinha. Quando um operário falta à chamada, vai a casa dele e tira-o da cama. É assim que o director da Aotoko leva a sua vida de «capataz». Tem uma residência

de várias centenas de milhões de ienes e dois automóveis. Em todo o país, a maioria dos mercadores de homens leva uma vida semelhante.

Quando encontrei Yoshida Haruo, dei-lhe uns cinquenta anos. Mas ele nasceu em 1941. Essa aparência física é a marca de longos anos de trabalho, desde a infância, quando era pescador, até ao acidente que lhe deixou a mão esquerda paralisada.

Nessa altura trabalhava sozinho. Aquecia uma placa de metal, depois regava-a com água para lhe fixar a soldadura. O lançamento do barco estava próximo, e não havia ninguém para o substituir, tinha que trabalhar sem descanso. A temperatura era ali de mais de 60 graus e a rega do metal provocava um banho de vapor. Uma autêntica sauna. No Inverno, o corpo sua e o vento é às vezes glacial. E, tanto no Verão como de Inverno é preciso ir respirar ar livre, de vinte em vinte minutos ou de meia em meia hora.

Naquele dia era preciso acabar o trabalho com urgência. Um trabalho que um operário fixo recusaria. Por cima dele um barulho infernal de mais de cem decibéis, uma atmosfera de gás, de vapores, de produtos tóxicos. Dói-lhe a cabeça, vê tudo à roda. Tem que mover tubos, ferramentas pesadas. Tiram-no lá de dentro com a mão direita e metade da cara paralisadas. E foi despedido sem um iene de indemnização.

Foram necessários sete meses de petições, organizadas pelo sindicato Sohyo das docas de Sanoyasu, para que a sua doença fosse oficialmente reconhecida como acidente de trabalho. Mas ainda hoje está a decorrer um processo judicial com a empresa para que lhe sejam pagas as despesas médicas. E é um caso raro, porque nos estaleiros, há uma forte tendência para que as doenças de trabalho e mesmo os ferimentos profissionais sejam consideradas doenças individuais.

F. Gainsbourgese D. Nguyen
Duck Long
Serviço Exclusivo
«Le Monde Dimanche»
«Diário de Lisboa»